

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**A ESTRUTURAÇÃO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA
EM UMA ESCOLA COOPERATIVA**

Igor Tardivo Cirqueira

São Carlos
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

IGOR TARDIVO CIRQUEIRA

**A ESTRUTURAÇÃO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA
EM UMA ESCOLA COOPERATIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina
“Seminários de Monografia em Educação Física”, do
curso de Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação do
Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos.

São Carlos
2025

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos
DEFMH/UFSCar

Dedico este trabalho à minha mãe, que além de ser minha inspiração na vida, é um exemplo de superação, amor e coragem, no qual me espelho todos os dias.

Ao meu pai, que nunca mediu esforços para me ensinar como a vida pode e deve ser tratada com responsabilidade e leveza, com seriedade e alegria, com prudência e coragem, mas sempre com um sorriso no rosto.

E ao meu irmão, que me guiou na vida e me acompanha nos maiores desafios, que é o maior exemplo que eu poderia ter de gentileza e compaixão e que, junto aos meus pais, me faz agradecer todos os dias pela vida que tenho.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente à Deus, por me abençoar e me dar forças para viver um dia de cada vez, iluminando meu caminho, sempre com humildade e respeito.

À minha família e amigos, que em todos os momentos estiveram e estão ao meu lado, servindo como base na minha vida, me ensinando e me incentivando a ser uma pessoa melhor.

Ao meu orientador, que me ajudou, não apenas a desenvolver este trabalho, mas a concluir uma jornada tão importante na minha vida, da melhor maneira possível.

À banca examinadora, por se disponibilizar a avaliar este trabalho, com prazer e satisfação.

Aos meus colegas de curso, de universidade e do time de basquete, que me aturaram por muitos anos, mas que me acompanharam nos momentos mais especiais da minha vida sendo uma segunda família para mim, na qual guardarei para sempre no meu coração.

Aos professores que me formaram durante a graduação, em todas as disciplinas, projetos e estágios, e que passaram um pouco do conhecimento de cada um para que eu pudesse chegar neste momento com tanta satisfação e orgulho.

Aos professores que fizeram parte desta pesquisa, se disponibilizando a ajudar e me tratando como sempre trataram, com muito respeito e admiração.

E por fim, mas não menos importante, à escola que me formou e me ensinou a amar a área da Educação Física, e que juntamente com seus professores, é minha inspiração para ser o melhor profissional que eu puder.

RESUMO

Buscar compreender como se dá a construção de um currículo dentro da escola parece um aspecto relevante e que possa vir a contribuir para a Educação Física escolar. Esta pesquisa trata de um estudo de caso baseado em uma escola particular criada em 1994 que, a partir do interesse e iniciativa dos seus docentes de Educação Física criou e adotou, desde 2011, um currículo para a Educação Física que inclui diversos conteúdos, temas e atividades a serem ensinadas, abordando os aspectos teóricos, históricos e socioculturais das práticas corporais e, antes da competição, a valorização de fatores como a cooperação e a integração no esporte. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi analisar o processo de construção e implantação do currículo de Educação Física de uma escola cooperativa particular da rede de ensino da cidade de São Carlos/SP. A pesquisa teve caráter qualitativo e utilizou para a coleta de dados, entrevistas semiestruturadas com quatro professores de Educação Física da escola que participaram do processo de criação e implementação do currículo, bem como a análise documental de atas de reuniões referentes ao período em questão. Os dados analisados geraram a criação de quatro categorias de análise a saber, a) *A Educação Física construindo um novo papel na escola*, na qual destacamos os principais aspectos que uma visão atualizada da disciplina deve valorizar para uma abordagem rica e diversificada; b) *O que se ensinar em cada ciclo de ensino e como abordar os conteúdos*, na qual discutimos os principais conteúdos e temas a serem ensinados em cada ciclo de ensino; c) *Relação com currículos norteadores e referenciais*, na qual os professores entrevistados comentaram sobre os referenciais teóricos da disciplina e principalmente sobre aqueles que influenciaram a estruturação curricular analisada; d) *Condições “externas” e interdisciplinaridade*, na qual analisamos aspectos importantes a serem levados em consideração para além dos conteúdos abordados, aspectos que são importantes para auxiliar no sucesso de um projeto curricular. Desta forma, a partir da pesquisa realizada, identificamos que uma abordagem diversificada e plural, que valorize especificidades, interdisciplinaridade, aspectos práticos e aspectos teóricos, é o caminho mais adequado para alcançar uma Educação Física que cumpra com o seu objetivo de desenvolver indivíduos críticos através da cultura corporal de movimento. Além disso, destacamos a importância de se abordar, em trabalhos futuros com outras possíveis metodologias de estudo, sobre os referenciais teóricos presentes dentro da área e a concretização de unidades temáticas e conteúdos para todos os ciclos de ensino da educação básica, desde o ensino infantil até o ensino médio.

Palavras-chave: Educação física escolar; currículo; atuação docente.

ABSTRACT

Seeking to understand how a curriculum is constructed within a school seems to be a relevant aspect that could contribute to physical education in schools. This research is a case study based on a private school founded in 1994 which, based on the interest and initiative of its physical education teachers, created and adopted, in 2011, a Physical Education curriculum that includes various contents, themes, and activities to be taught, addressing the theoretical, historical, and sociocultural aspects of physical practices and, before competition, the appreciation of factors such as cooperation and integration in sport. Thus, the objective of this study was to analyze the process of constructing and implementing the Physical Education curriculum of a private cooperative school in the school system of the city of São Carlos, São Paulo. The research was qualitative in nature and used semi-structured interviews with four Physical Education teachers from the school who participated in the process of creating and implementing the curriculum, as well as documentary analysis of meeting minutes related to the period in question, for data collection. The data analyzed led to the creation of four categories of analysis, namely: a) Physical Education building a new role in school, in which we highlight the main aspects that an updated view of the discipline should value for a rich and diverse approach; b) What to teach in each teaching cycle and how to approach the content, in which we discuss the main content and topics to be taught in each teaching cycle; c) Relationship with guiding and reference curricula, in which the teachers interviewed commented on the theoretical references of the discipline and especially on those that influenced the analyzed curriculum structure; d) “External” conditions and interdisciplinarity, in which we analyze important aspects to be taken into consideration beyond the content addressed, aspects that are important to assist in the success of a curriculum project. Thus, based on the research conducted, we identified that a diversified and pluralistic approach, which values specificities, interdisciplinarity, practical aspects, and theoretical aspects, is the most appropriate path to achieve Physical Education that fulfills its objective of developing critical individuals through the culture of physical movement. In addition, we highlight the importance of addressing, in future work with other possible study methodologies, the theoretical references present within the area and the implementation of thematic units and content for all cycles of basic education, from early childhood education to high school.

Keywords: School physical education; curriculum; teaching performance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1. <i>Processo histórico da grade curricular da Educação Física escolar e consequências atualmente</i>	12
2.2. <i>Visão e realidade atual em relação aos currículos e aulas</i>	15
2.3. <i>Conduta “ideal” para a Educação Física</i>	19
3. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	23
3.1. <i>A escola</i>	23
3.2. <i>Os participantes da pesquisa</i>	24
3.3. <i>Os instrumentos de coleta de dados</i>	25
4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	28
4.1. <i>A Educação Física construindo um novo papel na escola</i>	28
4.2. <i>O que se ensinar em cada ciclo de ensino e como abordar os conteúdos</i>	35
4.3. <i>Relação com currículos norteadores e referenciais</i>	39
4.4. <i>Condições “externas” e interdisciplinaridade</i>	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	51
<i>Apêndice A – Transcrição da entrevista com o professor Túlio:</i>	51
<i>Apêndice B – Transcrição da entrevista com o professor Rafael:</i>	58
<i>Apêndice C – Transcrição da entrevista com a professora Cláudia:</i>	64
<i>Apêndice D – Transcrição da entrevista com a professora Eduarda:</i>	70
<i>Apêndice E – Carta para a escola com a autorização para a realização da pesquisa:</i>	82
<i>Apêndice F – Quadro de conteúdos trabalhados no Ensino Fundamental II, em 2023, baseado em documentos compartilhados pelos professores de Educação Física participantes da pesquisa:</i>	83
<i>Apêndice G – Quadro de conteúdos trabalhados no Ensino Médio, em 2023, baseado em documentos compartilhados pelos professores de Educação Física participantes da pesquisa:</i>	84
<i>Apêndice H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):</i>	85
ANEXOS	87
<i>Anexo A – Atas de reuniões do processo criativo da estrutura curricular da disciplina de Educação Física da Cooperativa de São Carlos-SP:</i>	87

1. INTRODUÇÃO

A escolha da temática em questão para esta pesquisa surgiu por causa do processo escolar que tracei durante meu período vivenciado na educação básica, mais precisamente entre os ensinos fundamental e médio. Algo natural em minha vida sempre foi a paixão pelo esporte, na qual apresentava facilidade em praticar diferentes modalidades. Contudo, até então a tal paixão ainda não extrapolava aquela polêmica e injusta opinião de que a Educação Física escolar era apenas um espaço para a prática do esporte, e as coisas tendem-se a mudar para mim quando começo os estudos na escola em que me formei, no 4º ano do ensino fundamental, mesmo que ainda não estivesse clara a importância desta mudança.

Posso afirmar que tive o prazer de presenciar, na escola onde frequentei por nove anos, um componente curricular focado não apenas nas capacidades motoras dos alunos, mas também no entendimento do movimento corporal, da saúde física e mental e dos aspectos socioculturais que rodeiam as diversas atividades propostas pelos professores de Educação Física. Desde o famoso “quarteto fantástico” (futebol, basquetebol, voleibol e handebol) até danças, atividades circenses e entre outros conteúdos eram ensinados e discutidos, seja em sala de aula ou na quadra.

Durante uma aula em que estive presente durante minha graduação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), foram relatadas algumas experiências vividas pelos alunos presentes em suas aulas de Educação Física e da maneira como eram avaliados, e muitos nem tinham provas para avaliar os alunos, assim pude perceber o quanto minha aprendizagem foi privilegiada, pela quantidade de conteúdos ensinados, pela maneira que éramos avaliados na escola e como a prática era voltada muito mais para a cooperação do que para a competição, uma vez que na maioria dos casos tínhamos atividades onde todos participavam juntos e ninguém era excluído devido à sua especificidade. Para finalizar, após contar brevemente sobre minha experiência com a Educação Física escolar, eu diria que diante de toda essa análise, o momento em que percebi que minha pesquisa seria com esse tema foi ao pensar nos “Jogos Interclasses”, que na minha escola eram chamados de “Festival Integração”, e aí eu pude perceber a maneira, muitas vezes diferente, em que éramos ensinados.

Posso afirmar que pela diversidade de experiências presenciadas e vivenciadas na minha Educação Física escolar, fui incentivado a cursar Licenciatura em Educação Física, com a finalidade de passar adiante os conhecimentos obtidos sobre uma área tão importante para mim. Portanto, estudar sobre uma estrutura curricular significativa para o processo de formação do aluno e, em específico da cooperativa em questão desde o seu início até hoje, seria uma forma de retribuir e me reconectar com a escola que me formou como aluno e cidadão, e

principalmente uma maneira de compartilhar uma experiência totalmente significativa e rica que vivenciei nas aulas de Educação Física, a fim de destacar que a disciplina de Educação Física nas escolas pode e deve ir além da prática esportiva em geral.

No que se diz respeito à Educação Física escolar, a partir de 1996 a mesma se tornou um componente curricular da Educação Básica, segundo o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que também coloca a Educação Física como área do conhecimento e como uma disciplina importante na formação do aluno (Brasil, 1996). Entretanto, cinco anos após a promulgação da LDB, a palavra “obrigatório” é inserida no texto referente à Educação Física na educação básica, em 2001 (Pereira; Moreira, 2005).

Segundo Freire e Oliveira (2004), dentro do currículo, a Educação Física escolar tem se preocupado com o “saber fazer”, se tratando das habilidades motoras, que constitui na dimensão procedimental do conhecimento a ser ensinado nas aulas de Educação Física.

[...] A Educação Física escolar tem sido vista como um componente curricular preocupado em ensinar apenas o “saber fazer”, constituído de atividades e habilidades motoras. O “saber fazer”, ou seja, ser capaz de realizar com eficiência atividades e habilidades motoras, constitui a dimensão procedimental do conhecimento a ser ensinado nas aulas de Educação Física (Freire, 1999). [...] “Saber fazer” pode ser o ponto inicial do ensino da Educação Física, que como tal deve ser valorizado. Entretanto, junto com este saber é preciso que o aluno aprenda como, quando e porque se utilizar desse potencial. Para isso é preciso que, juntamente com a dimensão procedimental, sejam aprendidos outros saberes. Nessa perspectiva, Mariz de Oliveira (1995) propôs que a Educação Física escolar, mais que algo que se possa “fazer”, deve ser entendida como a aprendizagem de um conjunto de conhecimentos sobre o movimento humano, que se pode compreender e aplicar e que acompanha o ser humano em todos os momentos em que houver a utilização intencional de movimentos (Freire; Oliveira, 2004, p. 142).

Porém, o processo de ensino e de aprendizagem em Educação Física deve ser entendido como um conjunto de saberes, ou seja, não apenas o “saber fazer”, mas o “como”, o “quando” e o “porquê” desse processo. Mas além do “fazer”, a Educação Física escolar deve ser entendida como a aprendizagem de um conjunto de conhecimentos sobre o movimento humano, que se pode compreender e aplicar e que acompanha o ser humano em todos os momentos em que houver a utilização intencional de movimentos (Freire; Oliveira, 2004), o que muito se aplica à instituição em questão, na qual me formei.

Neira (2018) explica, em resumo, que o currículo de Educação Física tem passado por alguns questionamentos em relação aos seus objetivos, métodos de ensino e formas de avaliação. No final do século XX, houve mudança no paradigma da disciplina e após uma Educação Física focada na melhoria da aptidão física, veio uma Educação Física inspirada na pedagogia crítica e referenciada pelas ciências humanas, substituindo o exercício físico pela

cultura corporal do movimento. E mais para frente, veio a ampliação do conteúdo teórico a partir de contribuições dos estudos culturais e do multiculturalismo crítico, aumentando a função social (Neira, 2018).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indica que a Educação Física, como componente curricular, tem como tema as práticas corporais e suas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações e formas de expressão do indivíduo. Portanto, o movimento humano não deve ficar limitado apenas a um deslocamento no espaço, mas sim ser inserido no âmbito cultural, e abordado de forma que permita com que os alunos construam um conhecimento e uma consciência a respeito de seus movimentos corporais, à fim de desenvolver a autonomia e a utilização da cultura corporal a favor de diversas finalidades, favorecendo a participação autoral na sociedade (Brasil, 2018).

Visto algumas características da Educação Física escolar e sua estrutura curricular, a inspiração para tal pesquisa se deu pelo fato da maneira com que a disciplina foi apresentada e trabalhada no meu período como aluno da educação básica, e como me inspirou a seguir na área. Como Neira (2018) coloca, a Educação Física do século XX tinha seu foco na melhora da aptidão física, ou seja, no treinamento das capacidades físicas. O componente curricular passou por algumas mudanças, mas é claro que nem sempre teremos um exemplo perfeito de como ensinar seus conteúdos, principalmente quando levamos em consideração o ambiente em que se aplica.

Esta pesquisa trata de um estudo de caso que se baseia em uma escola particular da cidade de São Carlos, nascida em 1994, na qual me formei. O estudo de caso se baseou em um processo de estruturação ou reestruturação curricular da disciplina de Educação Física, e tal assunto é de suma importância dentro da disciplina, justamente pelo processo histórico conturbado dela e, devido ao fato de que não se costuma estudar na graduação como se estruturar um currículo de Educação Física, penso que é um caso significativo de se analisar. Dias e Silva (2025) indicam que um currículo necessita fugir da competição esportiva e abordagem técnica, reforçando aspectos de variedade, diversidade e interdisciplinaridade curricular.

Durante a minha experiência como aluno da escola, sempre mostrei muito apreço pelas aulas de Educação Física, seus professores e projetos curriculares e extracurriculares, justamente por terem uma estrutura muito rica, se tratando da variedade de conteúdos e da atenção dada aos alunos. É partindo do princípio de que a escola em questão construiu um currículo para a Educação Física que inclui diversos conteúdos, temas e atividades a serem ensinadas, abordando os aspectos teóricos, históricos e socioculturais destas práticas corporais

e, antes da competição, a valorização de fatores como a cooperação e a integração no esporte, que se dá o interesse em realizar esta pesquisa, com o objetivo de analisar o processo de construção e implantação do currículo de Educação Física em uma escola cooperativa particular da rede de ensino da cidade de São Carlos/SP.

Desta forma, o presente trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: no capítulo referente à “Revisão de Literatura”, são abordados os principais aspectos dos referenciais teóricos utilizados para a pesquisa, baseados na literatura já existente de acordo com o tema. No terceiro capítulo, intitulado “Trajetória Metodológica”, se tratando de um estudo de caso de uma pesquisa de caráter qualitativo, é apresentado de maneira detalhada o processo realizado para a produção da pesquisa de campo, incluindo a caracterização da escola pesquisada e dos participantes da mesma, além dos instrumentos de coleta de informação utilizados para tal.

Em seguida, no quarto capítulo, apresentamos, analisamos e discutimos os dados coletados durante a realização da pesquisa, relacionando com a literatura pesquisada e que embasou o trabalho. Por fim, nas “Considerações Finais” indicamos os principais aspectos da estruturação curricular que foi retratada e pesquisada, além de trazer indagações e possíveis abordagens que podem ser realizadas em trabalhos futuros.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Para analisar o projeto curricular da escola em questão, a revisão de literatura foi dividida em três partes, nas quais busquei abordar os principais referenciais teóricos para a pesquisa, de acordo com o tema do trabalho. Os temas relatados na revisão de literatura procuram abordar, inicialmente, questões como o processo histórico da disciplina de Educação Física no âmbito escolar, de que maneira ela se desenvolveu ao longo dos anos e como isso influencia atualmente nas escolas, além de apresentar em que situação que a Educação Física escolar se encontra nos dias atuais e refletir sobre como a disciplina pode e deve ser abordada para que seus objetivos sejam concluídos e bem representados, analisando suas individualidades e características para com os alunos e alunas.

2.1. Processo histórico da grade curricular da Educação Física escolar e consequências atualmente

Durante o processo histórico da Educação Física diversos elementos ou conteúdos foram tidos como foco da disciplina, dentre eles o desenvolvimento e aprimoramento das características motoras e psicomotoras, a melhoria de aspectos relacionados à saúde corporal e a importância da atividade física para os seres humanos, o aprendizado com enfoque na criação de um pensamento crítico em torno da cultura corporal, e a reconstrução da prática corporal baseada na criticidade de suas ações e no desenvolver de um diálogo entre as especificidades (Maldonado; Silva, 2018).

Dentro deste processo pode-se dizer que a disciplina de Educação Física, por diversos motivos, passou não apenas por mudanças de foco, mas também por mudanças na organização de seus currículos e suas aulas. A partir de 2008, a diretriz curricular que o estado de São Paulo colocou em vigor indica que as aulas de Educação Física nas escolas necessitam levar em consideração o contexto vivido pela escola e pelos alunos dentro dela para que dessa forma haja uma valorização cultural e das diferentes maneiras de manifestações entre os alunos (Maldonado; Silva, 2018). Ou seja, é importante levar em consideração a maneira específica com que cada aluno se apropria da cultura corporal, de acordo com suas individualidades, conhecimentos, relações, valores etc.

Dentre os conteúdos trabalhados nas aulas, estariam esportes, jogos, lutas, danças, ginásticas e atividades rítmicas, porém, dentro disso, mais importante que apenas abordar todos esses temas estaria a ideia de considerar os processos que significam os mesmos e o sentido de realizá-los (São Paulo, 2012). Dessa forma, inicialmente o aluno vivenciaria determinados movimentos corporais, como por exemplo saltar, e nos anos seguintes passaria a estudar os

processos históricos do salto nas diferentes modalidades esportivas, como surgiu, o motivo de existir diferentes maneiras para tal, os conceitos socioculturais e a relevância social por trás das modalidades, entre outros fatores que ressignificam o aprendizado da disciplina (São Paulo, 2012). Como Maldonado e Silva (2018) indicam, durante todo o processo, o aluno passaria a vivenciar inúmeras experiências e a partir delas aprender conceitos e conhecimentos por trás dessas vivências, que seriam influências para aprender novos conteúdos.

Segundo Betti e Zulianni (2002), muito dessa visualização histórica da Educação Física vem desde a década de 1920, onde se definia a disciplina de maneira isolada e como algo complementar dentro do ensino escolar, em que na maioria das vezes visava a preparação de atletas, treinamento pré-militar, nacionalismo e entre outros fatores. Porém, o fenômeno da cultura corporal de movimento trouxe diferentes maneiras de se ver a Educação Física, ocasionando um esgotamento da visão antiga, muito por causa dos meios de comunicação e das divulgações em massa de vários esportes, seus conhecimentos e informações (Betti; Zulianni, 2002).

Betti e Zulianni (2002) também afirmam que a estrutura/grade curricular nas escolas tem um enfoque naquelas disciplinas tidas como desenvolvidas de maneiras especializada e isolada, correspondendo às áreas do saber científico e erudito, disciplinas estas que se incluem a matemática, as ciências, as línguas, a geografia etc., enquanto que disciplinas como educação artística, educação moral e cívica e a própria educação física acabam por não se adequarem nos mesmos limites e ocupam um espaço de incômodo nas escolas, o que as colocam em um lugar de questionamentos dentro da estrutura/grade curricular das mesmas, podendo causar a desvalorização da área.

É importante observar que durante esse processo histórico da Educação Física, chegando até os dias de hoje, existe uma falta de alinhamento e concordância entre a teoria e a prática, como se fossem duas disciplinas distintas. Kirk (2010) coloca que embora haja um desenvolvimento da área nesse sentido, ainda há uma distância a ser percorrida no desenvolvimento de conceitos e teorias para que se obtenha uma relação entre currículo, ensino e aprendizagem. Muitas vezes, essa distância se dá pela falta de condições de desenvolver atividades práticas que se relacionem com a teoria ensinada, mas também por outro lado, em certos casos, existe uma falta de interesse por parte dos docentes. Obtendo um certo alinhamento, o currículo e o aprendizado da Educação Física se tornam mais rico e mais completo, gerando também mais interesse por parte dos alunos.

Ainda em relação a certas incoerências, outro ponto que se pode destacar é a relação do docente perante o currículo da disciplina de EF, pois se mal interpretado, o professor pode

acabar se tornando um mero reprodutor de conhecimentos e saberes pré-definidos, sem considerar as características de cada turma, não tendo a possibilidade de escolher conteúdos e atividades a partir de conceitos críticos para tais, como Maldonado e Silva (2018) citam:

[...] se um currículo traz como objetivo possibilitar experiências que tornem o aluno um sujeito crítico e participativo na sociedade, ela também deveria considerar o professor como alguém capaz de fazer uma leitura adequada de sua realidade e, com base nela, planejar seu ensino de forma centralizada ou participativa, e distribuir os conteúdos no calendário (Maldonado; Silva, 2018, p. 7).

Daí a importância da participação ativa do professor, não somente durante as aulas, mas também no processo de construção curricular, porque no final das contas quem estará presente com os alunos e irá lidar com as diferentes individualidades de cada turma e com as diversas situações disponíveis de trabalho dentro da escola, sendo elas, por exemplo, a quantidade e qualidade de materiais ou dos espaços possíveis para a realização das aulas, é o próprio docente da disciplina de Educação Física.

Conforme as ideias de currículo ideal foram sendo discutidas e desenvolvidas durante todo o processo histórico, pôde-se observar que os conceitos relacionados à cultura corporal estiveram e estão mais presentes nas grades curriculares das escolas, e além disso, o professor assumiu um papel muito mais significativo e ampliado, isto é, o docente não é mais aquele que se limita ao ensinar habilidades motoras básicas e específicas através do simples “fazer”, mas sim um estimulador e integrador das diferenças entre os alunos, que além de abordar temas variados como esportes, jogos, brincadeiras, lutas, danças, ginásticas, entre outros, tem como objetivo buscar a reflexão crítica dos alunos para com esses temas (Maldonado; Silva, 2018).

Portanto, desde 1992, os currículos oficiais de EF na rede municipal de São Paulo compreendem que o docente necessita desenvolver reflexões, debates e vivências relacionadas com as manifestações da cultura corporal com os estudantes. Ao menos na redação das propostas, os objetivos das aulas deixam de focalizar o desenvolvimento do repertório motor e da aptidão física dos discentes e se voltam para a oferta de possibilidades de experiências de danças, ginásticas, lutas, jogos, brincadeiras e esportes aos alunos com vistas à ampliação da compreensão dos aspectos culturais inerentes a essas práticas corporais (Maldonado; Silva, 2018, p. 16).

Atualmente, a partir das mudanças ocorridas dentro da área e da própria disciplina em termos de abordagens e objetivos propostos, a Educação Física está presente na área de Linguagens, o que, segundo Souza, Köhl e Rodrigues (2022), demonstra a relevância dada ao que se diz respeito à cultura corporal de movimento, como uma forma de se comunicar, se

expressar e interagir com o todo através de gestos corporais, que os legitima e os reconhece como expressões das linguagens. Esses mesmos autores indicam:

O reconhecimento da linguagem corporal como dimensão expressiva da constituição de saberes escolares derivados das práticas corporais destaca a centralidade do conceito de cultura que ora define a prática pedagógica da Educação Física nas escolas. Esta (re)definição se dá não apenas quanto à constituição e à consolidação dos saberes escolares a serem abordados por este componente curricular, materializados nas Unidades Temáticas Brincadeiras e Jogos, Esportes, Danças, Lutas, Ginásticas e Práticas Corporais de Aventura; mas também quanto aos procedimentos teórico-metodológicos a serem empreendidos no trato pedagógico desses conhecimentos (Souza; Köhl; Rodrigues, 2022, p. 166).

Portanto, olhar a Educação Física escolar hoje, significa entender que seu aprendizado se elabora através de práticas corporais que se definem como produções humanas, baseadas nos contextos históricos e socioculturais vivenciados, tudo isso a partir do movimento do corpo humano (Souza; Köhl; Rodrigues, 2022).

Como abordado neste primeiro momento, a Educação Física como disciplina escolar passou por mudanças significativas, deixando de ser uma prática mera e exclusivamente física, focada no movimento e na aptidão física como forma de performance, para se tornar um componente curricular que busca refletir sobre as diferentes formas do movimento corporal e sua cultura, com o objetivo de relacionar não apenas aspectos práticos, mas também todo o contexto que permeia a cultura corporal de movimento e seus aspectos teóricos, sociais e culturais.

2.2. Visão e realidade atual em relação aos currículos e aulas

No que diz respeito ao currículo estudado, ainda há uma predominância muito forte do ensino dos esportes, esportes esses tidos como os “tradicionais”, coletivos e com bola, deixando em outro patamar conteúdos de dança, lutas, ginástica e atividades circenses, como colocam Araújo, Rocha e Bossle (2017). No entanto, trabalhar com diferentes práticas corporais e manifestações culturais resulta na pluralidade de conteúdos, que pode ser desenvolvida nas aulas através da coletividade entre o professor e seus alunos, podendo assim potencializar o aprendizado trazendo contrapontos à hegemonia dos esportes e desenvolvendo novas possibilidades didático-metodológicas para a Educação Física escolar (Araújo; Rocha; Bossle, 2017).

González e Fensterseifer (2010) também enfatizam a importância da pluralidade de conteúdo dentro do currículo da Educação Física escolar, pois segundo os autores, quanto maior a diversidade de práticas vivenciadas pelos alunos ao longo do período escolar, mais

oportunidades eles terão de se identificarem com o ambiente em sua volta e se apropriarem da cultura corporal de movimento.

No que se diz respeito ao processo de criação de um currículo para a Educação Física escolar, os professores têm que enfrentar certos desafios de acordo com conhecimentos ligados às práticas corporais, visando aspectos como a estruturação progressiva, níveis de complexidade e densidade crítica dos conteúdos (Brasil, 2018). Contudo, o processo se torna ainda mais desafiador quando não se tem uma certa tradição no currículo para abordar os conhecimentos, portanto, a própria elaboração curricular torna-se uma tarefa de proporções gigantescas, ao passo de que há uma necessidade de se aprofundar em debates conceituais e críticos, levando ao desenvolvimento de saberes específicos a serem ensinados, focando em aspectos políticos e fugindo da ideia da atividade, o que pode tornar algo inédito dentro do processo (Bagnara; Fensterseifer, 2019).

Bagnara e Fensterseifer (2019) também enfatizam a importância de se ter uma atitude e organização coletiva para que haja uma elaboração adequada do currículo escolar da Educação Física, afinal como posto antes, por décadas que a disciplina não apresenta uma certa tradição para guiar as ações em aulas, estando em constante modificação, portanto, enfrentar este desafio da maneira adequada e coletiva é essencial para a legitimação da Educação Física como disciplina educativa ou componente curricular.

Tendo em vista o processo de construção de um projeto curricular, existem algumas perguntas a serem respondidas, mas talvez o principal ponto a ser estudado é a seleção dos conteúdos e como abordá-los em aula. Bagnara e Fensterseifer (2019) colocam que selecionar os conteúdos de preferência pode ser um processo natural, visto que o professor se baseia no seu próprio repertório visando aquilo que tem mais conhecimento e propriedade para tomar decisões. Porém, existem obstáculos a serem superados, pois insistir em conteúdos por preferência e excluir aqueles que fogem da alçada do professor pode gerar uma monotonia e reprodução do mesmo, gerando a falta de novas contextualizações e conhecimentos.

Um currículo bem estudado, com a abordagem de conteúdos diversos, independente da experiência e bagagem pessoal do professor, torna uma aula de Educação Física mais rica e significativa, abrindo espaço para novos conhecimentos e novas formas de aprendizagem, podendo também aumentar o interesse dos alunos em aula, por criar uma variedade de possibilidades estudadas. Neira e Nunes (2009), apud Bagnara e Fensterseifer (2019, p. 5), afirmam que a seleção dos conteúdos propostos não deve se pautar em interesses particulares, e sim pela leitura e interpretação da realidade, por esse motivo se traz a importância de uma base curricular (exemplos: BNCC, Currículo Paulista), e de uma base

curricular desenvolvida de maneira adequada e detalhada, para que haja a abordagem de conteúdos diversos capazes de trazer uma pluralidade de saberes teóricos e práticos aos alunos, além de vivências diferenciadas que contemplem e complementem o processo de ensino-aprendizagem.

É notável a grande preferência à abordagem de esportes nas aulas de Educação Física, isso se dá não só pela familiaridade com o tema, mas também pela tradição da área em abordá-lo. Durante a seleção dos conteúdos a serem abordados, é natural que haja uma inclinação para o estudo daqueles que minimamente tragam a possibilidade de ação prática e, como Bagnara e Fensterseifer (2019) destacam, isso traz um paradoxo, pois ignora a possibilidade de estudar conteúdos, mesmo que apenas teoricamente, que sejam menos tradicionais, mas que fazem parte da cultura corporal, além de fechar a porta para pensamentos e conhecimentos mais abstratos e variados, afinal qualquer conteúdo que seja abordado, por menor que seja o tempo de vivência, tem a capacidade de desenvolver nos estudantes saberes únicos.

Dentro do processo de ensino e de aprendizagem de um conteúdo, especialmente na Educação Física, a prática sim é muito importante, porém, o embasamento teórico e contextualização sociocultural do que é ensinado enriquece ainda mais esse processo, trazendo um conhecimento de certa forma mais completo do que se é abordado. Tanto o conhecimento prático quanto o teórico apresentam sua importância, e melhor ainda se complementam, como colocam González e Fensterseifer (2010), os saberes das manifestações corporais realizados na prática não podem ser substituídos pelo estudo e aprendizado retirado dos conceitos, assim como os conhecimentos cognitivos desenvolvidos através dos conceitos não podem ser substituídos apenas pelas vivências práticas.

Como colocam Barcelos, Almeida e Doña (2022), a base curricular brasileira procura eleger competências como uma referência para o desenvolvimento de atividades:

De um modo geral, aqueles documentos definem as competências como um conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores organizados, combinados, coordenados e integrados estrategicamente para orientar os currículos nacionais escolares (Barcelos; Almeida; Doña, 2022, p. 3).

Ou seja, a base curricular, através desses conhecimentos, procura desenvolver nos alunos competências que os tornem capazes de atuar de maneira eficiente de acordo com o contexto em que se inserem (Barcelos; Almeida; Doña, 2022). Por meio dessas estratégias, tem-se como objetivo não apenas desenvolver o aluno como um reprodutor de conhecimentos transmitidos

anteriormente, mas também como cidadãos desenvolvidos capazes de criar e desenvolver opiniões e atitudes por conta própria.

Segundo Neira e Souza Júnior (2016), estando a Educação Física dentro da área de Linguagens na BNCC, algo que se consideraria pouco provável antigamente, tem-se como o objetivo da disciplina algo muito além de aprender, desenvolver e aprimorar a capacidade motora do aluno, mas também promover o desenvolvimento cognitivo e corporal da criança, jovem ou adulto, referente à produção textual, leitura e análise de conhecimentos referentes à cultura corporal. Esta maneira de ensino se baseia também no modo em que as diversas outras disciplinas da área de Linguagem se operam, desta forma, entender a Educação Física como parte da área Linguagens é procurar promover atividades didáticas nas quais a partir disso o aluno consiga se manifestar de acordo com a cultura corporal. E partindo dessa ideia, a cultura corporal de movimento é o que qualificará todo o processo de leitura e aprendizado relacionado ao tema específico (Neira; Souza Júnior, 2016), tendo assim uma relação teórico-prática da aprendizagem.

Caparroz e Bracht (2007) enfatizam a importância de levar em consideração as especificidades e os processos educacionais de maneira individual, pois cada aluno entrega seu conhecimento e suas experiências de maneira singular, e partindo desse apontamento seria um equívoco da parte do docente apresentar exatamente a mesma aula para diferentes turmas, sem levar em consideração as diversas respostas que cada turma pode apresentar. O planejamento prévio é sim de suma importância, porém é partindo da realidade vivida que se deve criar os elementos didáticos (Caparroz; Bracht, 2007).

Venâncio e Darido (2012) também abordam sobre a importância de se analisar o contexto escolar para uma construção curricular pedagógica, isto é, construir práticas pedagógicas que sejam coerentes com as propostas para a escola, levando em consideração sua realidade, tempo e espaço, para a seleção dos conteúdos. Outro aspecto importante colocado pelas autoras é em relação à interdisciplinaridade, onde para que seja desenvolvido um projeto pedagógico adequado para uma escola, além de criar mecanismos específicos para aquela realidade vivida, é preciso da participação da equipe escolar como um todo.

A questão da construção do projeto pedagógico aparece na LDB, com destaque para a necessidade da participação da equipe escolar na construção do mesmo e a autonomia da escola para concebê-lo, viabilizá-lo, implementá-lo e avaliá-lo (Venâncio; Darido, 2012, p. 103).

Coffani e Gomes (2021) reforçam a importância de uma aproximação entre a realidade vivida na escola com a realidade vivida pelos jovens fora da escola, porque se tratando do período do Ensino Médio, por exemplo, os alunos estão em um momento de transição pessoal onde se estabelecem preocupações para além da educação escolar, que se refletem na transição para a vida adulta e para o mercado de trabalho que a mesma traz. Portanto, levar para os alunos atividades didáticas que se limitam ao fazer ou ao saber fazer, escondendo reflexões críticas dentro de um processo e de uma realidade sociocultural, torna possivelmente a aula de EF em um momento incompleto de apenas prática e repetição, ou até mesmo no simples e famoso “rola a bola”, fazendo com que os alunos percam o interesse nas aulas e os professores se tornem reféns de um ensino incompleto e unidirecional. Promover estratégias que não apenas tornem as aulas de EF um momento saudável de maneira teórico-prática, mas também que sejam capazes de situar os alunos dessa transição de maneira crítica e reflexiva, é ideal para a realização de um processo completo de ensino e aprendizagem dentro do que a Educação Física, presente na área de Linguagens, pode e deve trazer.

2.3. Conduta “ideal” para a Educação Física

Segundo Maldonado *et al.* (2020), diversos autores como Betti (2011) e Bracht (2011) entendem que a diversificação de temas durante as aulas de Educação Física nas escolas é um fator importante a ser colocado em prática, o que não deixa de ser um desafio para os professores inseridos nesse contexto. Essa diversificação é bastante significativa pois, como cita Darido (2012), ela pode trazer maior adesão por parte dos(as) alunos(as) em relação à disciplina de Educação Física, havendo assim uma possibilidade maior deles(as) se identificarem com algum conteúdo. Além disso, considerando a ideia de trabalhar os(as) alunos(as) como seres humanos críticos, a diversidade dentro do currículo auxilia neste processo, pois o leque de saberes que os(as) alunos(as) carregarão durante a vida é maior (Darido, 2012).

Segundo Maldonado *et al.* (2020), a diversidade de temas abordados durante o ensino traz uma relevância didática muito maior, pois os conteúdos que forem ensinados apresentarão mais sentido e significado para os estudantes, afinal, descartaria a possibilidade de repetição de conhecimentos a ponto de banalizar o ensino. Contudo, colocar esta ideia em prática exige alguns desdobramentos que fogem daquela ideia monótona de EF na quadra para praticar os esportes com bola, primeiramente, Maldonado *et al.* (2020) colocam que buscar diferentes espaços e ambientes, que não apenas uma quadra, enriquece a aula e facilita para que a diversidade de atividades realizadas seja alcançada, e além disso, abrir espaço para

diferentes conteúdos e seus aspectos atitudinais, incentivando a criatividade dos alunos para desenvolverem atividades relacionadas a esses conteúdos, que fogem dos esportes com bola aprendidos apenas de maneira técnica e tática, é importante para dar mais oportunidade para as especificidades de cada aluno (Maldonado *et al.*, 2020).

Tendo em vista o contexto atual, deve-se admitir que a Educação Física escolar tem alguns objetivos importantes a cumprir, como formar o cidadão acima de qualquer coisa, diferentemente das academias, clubes e escolinhas de esportes. O “formar o cidadão” vai além do ensino dos esportes e de diferentes práticas corporais, mas também abrange o ensino do lado sociocultural das mesmas, e influencia os alunos a se posicionarem criticamente sobre tais conteúdos, os ajudando a levar este aprendizado para fora da escola (Betti; Zulianni, 2002).

Para que esse objetivo seja concluído não basta apenas o aprendizado técnico e tático das práticas corporais e esportivas, por mais que sejam importantes, o aluno deve entender também como se socializar dentro da atividade, entender e cumprir as regras, respeitando a todos os envolvidos, como Betti e Zulianni (2002) colocam:

Para isso, não basta aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, aprendizagem esta necessária, mas não suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisa compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (portanto é preciso também que aprenda a interpretar e aplicar as regras por si próprio), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo, pois sem ele não há competição esportiva (Betti; Zulianni, 2002, p. 75).

No que se diz respeito à elaboração curricular sendo proposta e refletida na prática em aula, Bagnara e Fensterseifer (2019) enfatizam a importância de uma constatare “lógica do gerúndio”, ou seja, fazendo, testando, experimentando etc., que dessa forma a monotonia se esvai e um projeto curricular ideal vai sendo criado. Tais autores colocam também a importância de criar um “pensar alargado”, isto significa que esses riscos que vão sendo corridos, as experimentações e vivências que vão sendo colocadas à prova possibilitam uma adequação de conhecimentos criados que serão essenciais para seguintes propostas, criando um desenvolvimento e um aprendizado contínuo.

O currículo apresenta grande importância quando tratamos de uma legitimação da Educação Física no componente curricular escolar, além de servir de base e um guia para as aulas em questão de conteúdos, porém, o que não se pode esquecer é a especificidade de cada ambiente, seja quando falamos da escola, dos alunos, dos materiais etc. Portanto, o currículo é de fato importante, mas assim como a autonomia do professor também, para saber manejar as

situações em que estão inseridos de acordo com a sua realidade, com o currículo servindo de base, colocando também aspectos teóricos e culturais para um enriquecimento e diversidade da prática.

Como Bagnara e Fensterseifer (2019) concluem, o professor de EF deve assumir as responsabilidades oriundas do trabalho docente, isto é, levantar questionamentos, analisar problemas, idealizar soluções e também compartilhar conhecimentos, a fim de mobilizar, não só os professores, mas toda a equipe pedagógica responsável pela educação escolar, para que dessa forma haja o desenvolvimento e a evolução contínua dos projetos curriculares com o objetivo de formarem os alunos com mais qualidade, como cidadãos acima de tudo. E no que diz respeito à EF, se não houver essa comunicação, a educação escolar seguirá ausente de conhecimentos sobre as práticas corporais e tudo o que cerca a área da Educação Física.

Vale destacar a importância de se olhar para além dos saberes científicos, considerando saberes populares, urbanos, rurais, periféricos, indígenas, místicos etc., saberes estes que importam tanto quanto os científicos, pelo fato de serem produtos do processo de significação (Oliveira Júnior; Neira, 2020). Em um processo de ensino e aprendizagem, validar os saberes que dão ênfase nas especificidades do que se é tratado, seja aluno, turma, conteúdo, entre outras possibilidades, enriquece o processo de forma que o conhecimento seja visto de diferentes formas. Dentro desta perspectiva, Neira (2016b), apud Oliveira Júnior e Neira (2020, p. 4), afirma que ao abrirmos espaço para que os alunos se posicionem para que sugiram novas ações e/ou sugestões, dentro de suas especificidades, gera-se um ambiente onde as diferenças sejam reconhecidas.

Para que haja uma ressignificação da Educação Física e uma reconstrução das práticas corporais nas escolas é preciso enxergá-las de outras formas, com novas maneiras de pensar, dito isso, cabe ao professor estimular os alunos a pronunciarem seus saberes em prol dessa ressignificação das práticas corporais (Neira, 2018, apud Oliveira Júnior; Neira, 2020, p. 5). O professor/educador tem o papel importante de trazer o conteúdo, desenvolver o pensamento do aluno e ensinar para que o aluno reproduza, porém, o aluno não pode ser apenas um reproduzidor, pois é como Neira (2018), apud Oliveira Júnior e Neira (2020, p. 5) também coloca, a presença de novos pontos de vista que devem ser adicionados nas aulas tem a capacidade de gerar novas formas de se analisar e desenvolver as práticas corporais, além é claro de garantir diversas possibilidades de ensino para diferentes especificidades, possibilitando garantir um espaço com menos desigualdade e uma porção da sociedade mais democrática (Oliveira Júnior; Neira, 2020).

Levar a Educação Física para um patamar além da repetição prática e da atividade física por saúde, ou seja, adotar seus conteúdos e unidades temáticas (esportes, danças, lutas, jogos e brincadeiras, ginásticas e práticas corporais de aventura) como um fenômeno social, requer do professor a necessidade de abranger os valores, os princípios e os significados da prática dos esportes e das atividades físicas realizadas na Educação Física, isso dentro da estrutura curricular da escola, para que dessa forma os alunos, com o auxílio do docente, possam estar envolvidos com saberes culturais, políticos, históricos e sociais das modalidades desenvolvidas, saberes esses que vão além do simples ensino técnico e tático da modalidade (Tenório *et al.*, 2015). Nessa perspectiva de ensino, o aluno pode não só aprender diferentes facetas de diferentes temas e/ou modalidades, mas também descobrir princípios e interesses que o atraem em novos assuntos dentro da disciplina, isto é, a possibilidade de resgatar o maior número de alunos interessados na Educação Física por diversos fatores aumenta, tornando um ambiente diversificado e respeitador das diferenças e especificidades.

Como indicam Tenório *et al.* (2015), um currículo embasado dessa maneira não se limita apenas ao ensino prático para qual o objetivo é a formação de atletas, e sim garante também o ensino teórico com ações da prática que possibilitam e incentivam os alunos a criticarem, discutirem, refletirem, vivenciarem e compreenderem as práticas corporais em questão. “O professor, ao ensinar o esporte com foco nas mecânicas das técnicas, priorizaria o ensino de modalidades em si, e não o esporte enquanto fenômeno social” (Tenório *et al.*, 2015, p. 287).

Neste capítulo foram abordados e revisados, de acordo com a literatura, alguns temas e autores que podem nos ajudar a entender sobre o currículo de Educação Física escolar, sejam eles baseados no processo histórico da disciplina ou nos dias atuais dela, colocando em perspectiva as abordagens que seriam mais adequadas para o processo de ensino e de aprendizagem da disciplina de Educação Física nas escolas. No próximo capítulo será apresentada a trajetória metodológica para a coleta de dados do cenário que se baseou esta pesquisa.

3. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Considerando-se que o objetivo desta pesquisa é analisar o processo de construção e implantação do currículo de Educação Física em uma escola cooperativa particular da rede de ensino da cidade de São Carlos/SP, utilizamos a pesquisa qualitativa para a sua realização.

A pesquisa qualitativa não busca a quantificação, busca direcionar o desenvolvimento de estudos que buscam respostas, para dessa forma entender, descrever e interpretar fatos. A pesquisa qualitativa acaba sendo menos objetiva que a quantitativa, por ser mais diversificada e flexibilizada, além de que os fatos e objetivos de estudo que serão verificados, muitas vezes, são observados em pleno desenvolvimento (Proetti, 2018).

Uma das possibilidades dentro da pesquisa qualitativa e que utilizaremos neste trabalho, é o estudo de caso que, como o próprio nome já diz, consiste no estudo de um objeto, selecionado previamente, nesse caso, uma escola pertencente à rede particular de ensino e que de alguma forma possa ter chamado a atenção do pesquisador. O estudo deve ser feito de maneira aprofundada nos aspectos característicos do objeto, questionando sua origem, seu desenvolvimento e suas influências (Proetti, 2018).

3.1. A escola

A escola em questão trata-se de uma cooperativa idealizada no ano de 1993 e fundada em 1994, tendo mais de 700 alunos no primeiro ano e atuando do Ensino Infantil até a 2ª série do Ensino Médio. Ela passou a trabalhar também com a 3ª série do Ensino Médio no ano de 1995, e até hoje atua em todos os níveis de ensino, contando com mais de 600 estudantes matriculados (site da escola¹).

Sua estrutura soma mais de 11 mil metros quadrados, contando com as inúmeras salas de aula, laboratórios de ciências, biblioteca, salas de leitura, sala de informática, ginásio com duas quadras poliesportivas, palco e arquibancadas, quadras externas poliesportivas, campo de futebol, quadra de areia, auditório, salas de teatro e artes visuais, pátio coberto, cantina, refeitório, entre outras instalações. Em relação à equipe de funcionários da escola, ela conta com uma equipe de 120 a 130 pessoas, contando com corpo docente, equipe administrativa, equipe de apoio, auxiliares de ensino e estagiários.

¹ Para não identificar nominalmente a escola, optamos por deixar indicado apenas que a informação é oriunda do site da escola.

Figura 1 – imagem aérea que mostra todo o espaço da escola tratada no projeto.



Fonte: site da escola.

3.2. Os participantes da pesquisa

Para a elaboração do currículo de Educação Física na escola em questão, no ano de 2011, houve a participação de um grupo de nove docentes², que tiveram seus nomes alterados para nomes fictícios dentro deste trabalho, exceto os professores Glauco e Osmar, da UFSCar, que autorizaram a manutenção de seus nomes originais. Os docentes a saber:

- ✓ dois professores do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (Glauco e Osmar);
- ✓ três docentes de Educação Física que não atuam mais na escola hoje em dia (Hugo, Mariana e Adriana);
- ✓ três professores que compõem o grupo de docentes de Educação Física na escola até hoje (Túlio, Rafael e Cláudia);
- ✓ uma professora que na época da elaboração do currículo era estagiária na escola, mas se tornou professora e hoje não atua mais na escola (Eduarda).

Quatro desses docentes tiveram participação na coleta de dados através das entrevistas semiestruturadas³, sendo eles os três professores que ainda atuam na escola, Túlio (Apêndice A), Rafael (Apêndice B) e Cláudia (Apêndice C), e a professora que era estagiária na época da construção do currículo, Eduarda (Apêndice D). A seleção dos docentes para as

² Durante as entrevistas alguns nomes (substituídos por nomes fictícios também) de outros professores, participantes e/ou pessoas foram mencionados, porém, não tiveram participação ativa no processo.

³ As transcrições das entrevistas, localizadas ao final do trabalho em forma de apêndices, estão escritas da maneira como foram faladas e gravadas, de maneira coloquial e sem correções ortográficas. As transcrições das entrevistas realizadas e gravadas presencialmente foram feitas pelo site *TurboScribe*, já a entrevista feita pelo *Google Meet* foi transcrita pelo aplicativo *Tactiq*, que serve como extensão para o *Google Meet*.

entrevistas se deu por motivo, não só de estarem presentes no processo de reestruturação curricular na época, mas também pelo fato de serem os professores que permaneceram nos anos seguintes, tendo a possibilidade de presenciarem as mudanças de maneira mais clara.

Quadro 1 – Caracterização dos(as) quatro professores(as) de Educação Física entrevistados(as).

Nome fictício	Idade	Formação/Especialização	Atuação na escola pesquisada
Túlio	36 anos	Licenciatura em Educação Física pela UFSCar, de São Carlos; Mestrado no Programa de Educação Escolar da Unesp, de Araraquara; Doutorando no Programa de Educação da UFSCar, de São Carlos; Pedagogia, com especialização em Gestão Escolar.	Estagiário em 2010 e docente desde 2011.
Rafael	43 anos	Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela UFSCar, de São Carlos; Especialização em Educação Física Escolar pela UFSCar, de São Carlos.	Docente desde 2008.
Cláudia	58 anos	Licenciatura em Educação Física pela UNESP, de Rio Claro; Pós-graduação em Fisiologia do Exercício pela FESC, em São Carlos.	Docente desde 1995.
Eduarda	37 anos	Licenciatura em Educação Física pela UFSCar, de São Carlos; Especialização em Educação Inclusiva e Especial; Mestrado em Educação pela UFSCar, de São Carlos.	Estagiária de 2011 à 2012 e docente de 2013 a 2015.

Fonte: o autor.

3.3. Os instrumentos de coleta de dados

Em relação aos instrumentos de coleta de dados, foram utilizados: a) análise documental do processo histórico-curricular da disciplina de Educação Física na escola em questão e, b) entrevistas semiestruturadas com os professores de Educação Física da escola que atuam ou atuaram na escola no momento do processo de criação e implementação do currículo.

Foi feita uma análise documental da instituição estudada, de acordo com a sua história e seu processo de criação de um currículo de Educação Física para chegar no que é atualmente trabalhado, levando em consideração os professores que estavam e/ou estão presentes na escola e as influências que os mesmos tiveram para a construção de suas aulas que a escola cooperativa apresenta nos dias de hoje. Uma análise documental, segundo Godoy (1995), além de apresentar finalidades de investigação muito próprias, pode ser usada como complemento, validando e aprofundando dados coletados de outros instrumentos de pesquisa, como entrevistas, questionários e observação (Lima Junior *et al.*, 2021).

Em relação às entrevistas, utilizamos a semiestruturada, que se baseia na coleta de informações através de questões concretas definidas previamente pelo pesquisador, porém, neste tipo de entrevista, tanto o pesquisador quanto o entrevistado têm liberdade para

dissertarem sobre o tema, a fim de realizarem explorações não previstas (Negrine, 2010). A ideia da entrevista é, através de um diálogo com os professores da escola que estiveram presentes no processo de criação do currículo de Educação Física, entender como se deu esse processo para chegar no que é hoje. As perguntas norteadoras para iniciar a entrevista foram:

- Quando e como surgiu o processo de criação da estrutura atual e do currículo da disciplina de Educação Física na escola?
- Quais os aspectos que são levados em consideração na aplicação dos conteúdos ensinados em aula, sejam eles teóricos e/ou práticos?
- Você nota uma mudança de interesse pela disciplina e/ou pela carreira na área, por parte dos alunos, pela maneira que ela foi construída e é ofertada?
- Desde a sua criação até hoje, mudanças foram feitas? De que tipo? Qual sua opinião sobre isso?

Do ponto de vista ético para a realização da pesquisa de campo foi solicitada a autorização da direção da escola através de uma carta (Apêndice E) entregue pessoalmente para a diretora da instituição, para a realização das entrevistas com os(as) docentes participantes, dentro do espaço da escola, e para o acesso às atas de reuniões do processo criativo da estrutura curricular da disciplina de Educação Física em questão (Anexo A), além do acesso à documentos que constam os conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental II (Apêndice F) e do Ensino Médio (Apêndice G), no ano de 2023, como forma de analisar o currículo pós-reestruturação. Vale destacar que só consegui acesso às atas das primeiras cinco reuniões realizadas pelos participantes do processo de reestruturação curricular, que auxiliaram na coleta de dados. Além disso, também foi requisitada a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aos professores e às professoras de Educação Física que participaram das entrevistas semiestruturadas (Apêndice H).

Durante a coleta de dados, três das quatro entrevistas realizadas foram feitas de maneira presencial na própria escola em horário combinado com cada docente e sem atrapalhar as atividades docentes, enquanto a outra foi realizada de maneira remota pela plataforma *Google Meet*, pois a entrevistada não atua mais na escola e reside em outra cidade. Todas as entrevistas foram gravadas pelo gravador de voz do meu próprio celular, obviamente com a concessão dos professores e professoras, e transcritas. Para a transcrição de cada uma foi utilizado o site *TurboScribe*, com as entrevistas realizadas e gravadas presencialmente, e o aplicativo *Tactiq* para a entrevista realizada de maneira remota, que serve de extensão para o *Google Meet* e transcreve o áudio automaticamente.

Ao todo foram realizadas quatro entrevistas, sendo elas em torno de 20 a 30 minutos, com exceção de uma delas (via *Google Meet*) que durou cerca de 1 hora. Através das perguntas encabeçadas anteriormente e daquelas que foram surgindo com o decorrer das conversas, aspectos importantes foram coletados em relação ao processo de construção curricular de Educação Física na escola em questão, como por exemplo quando e como surgiram essas mudanças, de que maneira o currículo foi inserido, como foi a recepção e relação com os(as) alunos(as) a partir desse processo, e entre outros aspectos que serão destacados posteriormente.

Após detalhar os processos metodológicos da pesquisa, a escola, os participantes da pesquisa e os processos e instrumentos de coleta de dados, em seguida será iniciada a parte de análise e discussão dos dados coletados, relacionando com a literatura pesquisada em relação ao tema.

4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste tópico, será apresentado e analisado como se deu a estruturação curricular da escola cooperativa em questão, na qual ela se baseia até hoje para as aulas de Educação Física, colocando em perspectiva os pontos principais coletados durante as entrevistas e análises documentais realizadas. Além disso, dialogar com a literatura pesquisada, com o intuito de discutir sobre a relevância, envolvendo facilidades e dificuldades, de se desenvolver uma estrutura curricular para a disciplina de Educação Física e quais os seus aspectos essenciais.

Antes de documentar e analisar a estruturação do currículo atual, vale destacar em que situação as aulas de Educação Física se encontravam anteriormente à construção do projeto, algo que foi destacado durante as entrevistas, e como se iniciaram as mudanças. Segundo os professores entrevistados, o ano letivo era dividido em quatro etapas onde em cada uma delas era trabalhado uma modalidade esportiva do chamado “quarteto fantástico” (basquete, futebol, handebol e voleibol), além disso as turmas eram divididas e separadas por gênero durante as aulas. Aspectos estes causavam um desconforto nos professores presentes, que tinham o objetivo de mudar a maneira com que a disciplina de Educação Física era vista e praticada dentro da escola, dando início à reformulação.

Após a coleta de dados feita, somando as entrevistas, feitas com quatro dos docentes de Educação Física que fizeram parte do processo de estruturação do currículo que rege até os dias de hoje as aulas de EF na escola em questão, e algumas das atas de reuniões realizadas pelo grupo de estudo que atuou no processo, foi possível compreender os pontos importantes que foram levados em consideração para a criação e desenvolvimento do projeto curricular, como se deu esse processo e quais os referenciais usados para tal. Baseado nesses dados, criamos as seguintes categorias de análise:

- 4.1. *A Educação Física construindo um novo papel na escola;*
- 4.2. *O que se ensinar em cada ciclo de ensino e como abordar os conteúdos;*
- 4.3. *Relação com currículos norteadores e referenciais;*
- 4.4. *Condições “externas” e interdisciplinaridade.*

4.1. *A Educação Física construindo um novo papel na escola*

Em 2011, por iniciativa dos docentes responsáveis pela disciplina de Educação Física na escola, juntamente com dois docentes do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), começaram a realizar reuniões no espaço da escola para discutir o que viria a ser o novo currículo, aspectos que deveriam ser levados em consideração e mudanças necessárias, algo que foi fundamental

para que a reestruturação curricular na escola pesquisada ocorresse, visto que os professores da escola estavam se sentindo insatisfeitos com a situação da época, como explicou o professor Túlio:

[...] eu chego recém-formado, com uma animação de querer fazer alguma coisa diferente, de querer trazer as coisas que a gente discute na universidade para a prática, para a escola. E os professores também. Aproveitando esse movimento que eles já estavam querendo fazer aqui na escola, começamos a pensar o que nós gostaríamos de fazer, o que nós gostaríamos de mudar, o que estava incomodando a gente (Professor Túlio, resposta 3).

Os dois professores da UFSCar viram uma oportunidade de trabalhar em conjunto o que estudavam na universidade para colocar em prática na realidade de uma escola da rede particular de ensino de São Carlos:

[...] eu (prof. Osmar) argumentei sobre minha presença nas reuniões com o objetivo de estabelecer uma parceria entre universidade e colégio no sentido de materializar as propostas pedagógicas que tenho discutido nas aulas de graduação e pós-graduação, possibilitando que alunos da universidade possam vivenciar na prática como se constrói um projeto pedagógico (Ata 1, 14 de abril de 2011).

O processo de reestruturação curricular na presente escola, como dito, teve início no ano de 2011, onde as primeiras reuniões foram realizadas no período de encerramento do primeiro semestre do ano letivo (a primeira reunião foi realizada no dia 14 de abril de 2011, onde a primeira ata foi redigida pelo professor Osmar), para que as primeiras mudanças começassem a ser incorporadas no segundo semestre deste mesmo ano. Contudo, foi no ano seguinte, em 2012, que o novo projeto curricular começou a se estabelecer, após um período maior de preparação dos docentes participantes e do próprio diálogo com a gestão da escola à época.

[...] Então na época de 2008 era Educação Física separada, meninos e meninas, e basicamente eram trabalhados os quatro esportes coletivos mais tradicionais, basquete, vôlei, futebol e handball (Professor Rafael, resposta 2);

[...] E aí que a gente começou, em 2012, mais efetivamente, a pensar numa reestruturação curricular. Foi de 2011 para 2012 (Professor Túlio, resposta 3).

Vale destacar que essa reestruturação teve seu foco maior a partir do Ensino Fundamental I até o Ensino Médio, como fica claro na fala da professora Cláudia:

[...] E eles (equipe de professores da escola e da UFSCar) trouxeram essa proposta desse novo currículo, porque a gente trabalhava algumas coisas diferentes, mas não

nessa proposta do currículo de vários esportes. A minha participação foi muito pequena [...], eu entrei para trabalhar com o (bloco) rosa (ensino infantil) e o (bloco) verde (ensino fundamental I), que seria infantil e fundamental 1. Em um ou outro momento, eu pegava algumas aulas no fundamental 2 ou no médio, mas sempre assim, meio para cobrir buraco, e aí eu acompanhava o que estava sendo feito (Professora Cláudia, resposta 2).

No ano de 2011 os professores iniciaram com mudanças sutis dentro do cronograma em andamento, já que o ano letivo já havia começado, para que no ano seguinte (2012) um currículo mais bem estruturado, com maiores mudanças e com o próprio amadurecimento dos professores da escola envolvidos no processo, pudesse ganhar espaço. Algumas iniciativas foram sendo discutidas, com o intuito de transformar e modificar a visão da disciplina de Educação Física dentro da escola enquanto componente curricular, dentre essas iniciativas diversos assuntos foram sendo trazidos para as discussões, como por exemplo a sistematização dos conteúdos e a maneira de trabalhá-los, com teoria e prática atreladas, a necessidade de se fugir da “esportivização” da disciplina, apoio da escola e da comunidade, possibilidade de tal disciplina estar presente no ENEM e como abordar isso com os alunos, a divisão de gênero dentro das aulas, e entre outros fatores que estariam presentes em conversas futuras.

Discutimos ainda a necessidade de abordar a inserção da Educação Física no Enem e nos vestibulares, fator que provocou nos professores a ação de pensarem em um programa de palestras sobre temáticas que teriam relação com o Enem e de profissionais que poderiam colaborar nestas palestras (Ata 1, 14 de abril de 2011).

Um dos assuntos que surgiu foi a forma de organização das turmas, que a partir do 6º ano adota uma divisão por gênero, combinado com uma turma mista, em sistema de rodízio das turmas entre os professores (Mariana, Rafael e Adriana). Sobre este aspecto, ficamos de estudar no decorrer das reuniões, a viabilidade de se adotar a utilização das turmas conforme as demais disciplinas (6ºA, 6ºB, 6ºC etc.) ou de manter o modelo atual, avaliando quais serão os impactos no decorrer da implementação de uma nova proposta curricular para a Educação Física (Ata 2, 18 de maio de 2011).

Durante as reuniões do grupo de estudo foi discutido sobre a falta de tradição que existe dentro da nossa disciplina em relação a uma estruturação sistematizada de seus conteúdos, e que um dos motivos pode estar atrelado à falta da capacitação dos próprios professores, causando uma insegurança em abordar conteúdos diversos que estariam além de suas formações.

Dentro desse contexto, Betti e Zulianni (2002) e Maldonado e Silva (2018) analisam o processo de mudanças que a Educação Física escolar sofreu, até chegar nos dias atuais onde o fenômeno da cultura corporal de movimento se estabeleceu, minimizando a visão

antiga centrada apenas no desenvolvimento de habilidades motoras, e focando nas reflexões críticas que cada ação pode gerar, dentro de cada especificidade. Com essa visão em perspectiva, o objetivo principal da escola aqui relatada era estruturar uma Educação Física que tivesse propósito e fugisse da dependência dos “esportes tradicionais”⁴, enfatizando a cultura corporal de movimento e todos os seus conhecimentos teóricos, práticos, sociais, históricos e culturais. Desta maneira, Neira e Souza Júnior (2016) refletem sobre a questão de a cultura corporal de movimento ser o meio para que o(a) aluno(a) se manifesta e se aproprie de diversos conhecimentos, dentro da área da Educação Física.

Tomando como base a ampliação do olhar da disciplina Educação Física, a pluralidade de conteúdo, as boas condições estruturais da escola, as características do corpo docente e discente, e como refletem Maldonado e Silva (2018), ter como finalidade um currículo amplo em experiências para que possa desenvolver o aluno como um cidadão crítico. Também é papel do professor entender e analisar o ambiente em que está inserido, tanto em relação à escola quanto aos seus alunos, para que ele possa estruturar o currículo da melhor maneira possível.

Betti e Zulianni (2002) explicam que por mais que o desenvolvimento de capacidades físicas e habilidades motoras tenha sua importância, isso por si só não basta, e é onde entra o mérito da diversidade e pluralidade do conhecimento, pois o aluno necessita de sua própria interpretação da prática que realiza, em relação às regras, à competição, à cultura e entre outros aspectos que uma prática pode trazer. Maldonado *et al.* (2020) complementam que a diversidade curricular tem um papel importante para legitimar o ensino, pois foge da repetição e reprodução de uma mesma ideia, desenvolvendo o aluno de maneira mais completa e adequada. Daí a importância do professor, não só se apropriar, mas acreditar em um novo modelo que transforme e valorize a área da Educação Física enquanto componente curricular, superando a lacuna existente quanto às propostas de organização curricular na literatura, em livros didáticos, na graduação etc.

Ao colocar em prática algumas novas mudanças que viriam a fazer parte do currículo atual, as aulas de EF, que eram divididas por gêneros a partir do 6º ano, passaram a ser como as outras disciplinas, sem esta divisão e com um professor específico responsável pela mesma turma durante o ano letivo inteiro, algo que auxiliaria não só na identificação das

⁴ “Esportes tradicionais” no sentido da pouca diversidade e da limitação do trabalho dos quatro esportes comumente presentes nas aulas de Educação Física na escola, ou seja, futebol, basquetebol, voleibol e handebol.

turmas com os professores, mas também com uma visão mais legitimada da Educação Física como disciplina escolar, como discutido no projeto.

Novamente, me (Osmar) manifestei a favor da manutenção das mesmas turmas que eram adotadas para as aulas das demais disciplinas (5ªA, 5ªB, 5ªC etc.) para as aulas de Educação Física, ficando cada professor responsável por uma sala, facilitando a identificação do professor com esta turma e outros aspectos como a avaliação, por exemplo (Ata 5, 30 de junho de 2011).

Os professores passaram a criar rotinas e planos de aulas sistematizados que fossem baseados em cada ciclo de ensino e, principalmente, que dialogassem entre si, mudando completamente o que se vivia anteriormente. Segundo o professor Túlio (resposta 3), já existia um bom leque de conteúdos sendo trabalhados, mas não existia uma sistematização e um planejamento para cada ciclo de ensino, então a equipe iniciou este trabalho de planejamento, aproveitando os recursos que a escola oferecia e oferece, possibilitando trabalhar temáticas variadas.

Com isso, os materiais e espaços começaram a ser muito mais aproveitados, pois a estrutura da escola favorecia e muito para uma gama gigante de possibilidades de aulas e temáticas, tanto na parte prática quanto na questão teórica dos conteúdos, o que vai ao encontro do que Maldonado *et al.* (2020) explicam ao mencionarem que limitar a aula de Educação Física a estar em uma quadra é a mesma coisa que limitar os alunos de vivenciarem uma gama maior de conteúdos, das melhores maneiras possíveis.

A escola, então, passou a adotar uma forma conjunta entre teoria e prática, aonde as aulas vão além dos alunos correrem pela quadra, onde os professores se utilizem de recursos teóricos para enriquecer ainda mais a prática, adicionando conceitos da lógica externa dos conteúdos, como os seus contextos social, cultural e histórico. Na palavra dos(as) professores(as) entrevistados(as), temos:

Então, a prática continua sendo a base, mas precisa dessa parte teórica; (Professora Cláudia, resposta 2);

[...] eu sei o quão fundamental é você aliar prática e teoria (Professora Eduarda, resposta 3).

E para isso, os professores começaram a organizar e trabalhar uma nova visão para a disciplina, se utilizando das salas de aula e salas de vídeo, de rodas de conversa e entre outras estratégias. Essas estratégias, hoje, são tidas como “naturais” nas aulas de Educação Física, mas passaram por um estranhamento inicial por parte dos(as) alunos(as) e até da equipe da

própria escola, muito por conta da visão enraizada que se tinha da disciplina. A fala do professor Rafael explica muito bem essa questão: “[...] eu lembro que, no começo, eu queria passar um filme e o coordenador chegou para mim e falou ‘não, mas a educação física é prática, você tem que ir pra quadra’.” (Professor Rafael, resposta 6).

Este equilíbrio foi muito importante e bem estruturado, pois, como o próprio grupo de estudos discutiu durante as reuniões do processo, havia um certo receio quanto a essa questão de se inserir aulas teóricas no cronograma, pois poderia ser um motivo de dispensas de aula e desinteresse por parte dos alunos para com a disciplina:

O professor Hugo alertou para a possibilidade de alunos pedirem dispensas das aulas em que estivessem previstas atividades teóricas, por não gostarem deste tipo de aula. Sobre isso eu (Osmar) considerei que seria importante que se desse o mesmo tratamento que as outras disciplinas dão quando os alunos pedem dispensa de uma aula, ou seja, o aluno deveria arcar com a falta e saber que o conteúdo perdido por ele poderia ser cobrado em alguma avaliação, neste sentido eles saberiam que sempre haveria um ônus para este tipo de artimanha (Ata 5, 30 de junho de 2011).

Porém, também é papel do professor de Educação Física fazer com que a mesma seja valorizada e vista como as outras disciplinas dentro da escola, portanto é a partir desse processo que se cria uma nova visão para a área, onde, mesmo com o desinteresse, os alunos entendam a importância dessa estrutura e até mesmo que a teoria também pode estar dentro de quadra, como o professor Osmar colocou:

O prof. Hugo afirmou que o sonho dele seria ampliar a carga horária da Educação Física para três aulas semanais, para que houvesse duas aulas práticas e uma teórica. Sobre este aspecto discordei (Osmar) do professor, argumentando que a teoria pode estar na quadra, não precisando de uma aula com este caráter obrigatório [...] (Ata 5, 30 de junho de 2011).

É importante diversificar as vivências experimentadas nas aulas de Educação Física, para além dos esportes tradicionais (futebol, voleibol ou basquetebol). Na verdade, a inclusão e a possibilidade das vivências de outras práticas corporais (ginásticas, jogos, brincadeiras, lutas, danças) podem facilitar a adesão do aluno na medida em que aumentam as chances de uma possível identificação (Darido, 2012, p. 46).

A escola visa para além de desenvolver capacidades motoras e levar uma gama de conhecimentos e experiências para os alunos, pois, como dito pela professora Cláudia:

[...] eu creio que dessa maneira, [...] a maioria (dos alunos e alunas) sai daqui na terceira série do ensino médio com as suas preferências, ou até mesmo com certeza de que aquilo ele não gosta. Mas ele(a) teve outras vivências, e ele(a) tendo essas outras vivências, ele(a) tem capacidade de procurar algo como atividade física para ele(a), na vida jovem, na vida adulta, para que não perca a prática de qualquer que seja essa atividade física (Professora Cláudia, resposta 3).

Assim como indicam Maldonado e Silva (2018), um dos objetivos da Educação Física está na possibilidade de desenvolver cidadãos críticos através do movimento e da cultura corporal, tendo como aliada a pluralidade de conteúdos e de perspectivas, trazendo, para além da prática, a lógica externa, que é tudo que se entende para além das regras dessa determinada prática, ou seja, aspectos históricos, sociais e culturais da mesma. González e Fensterseifer (2010) também refletem sobre o papel da Educação Física escolar ser focado em desenvolver cidadãos críticos, através da cultura corporal:

Nessa linha, a EF escolar, na condição de disciplina, tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania (González; Fensterseifer, 2010, p. 12).

Araújo, Rocha e Bossle (2017) acrescentam sobre a pluralidade, que, assim como visto na escola analisada, pode ser um fator importante para se tirar a hegemonia dos esportes, trazendo mais possibilidades de ensino, conceitos e ideias. E novamente dialogando com Maldonado e Silva (2018), enaltecendo as diferenças e especificidades de cada aluno, o que resulta em maior participação.

[...] se um currículo traz como objetivo possibilitar experiências que tornem o aluno um sujeito crítico e participativo na sociedade, ela também deveria considerar o professor como alguém capaz de fazer uma leitura adequada de sua realidade e, com base nela, planejar seu ensino de forma centralizada ou participativa, e distribuir os conteúdos no calendário (Maldonado; Silva, 2018, p. 7).

Além da colocação feita pela professora Cláudia e apresentada anteriormente, os professores Rafael e Túlio também indicam que a Educação Física da escola tem como objetivo que os alunos, não só aprendam uma grande variedade de conteúdos, mas que eles encontrem uma prática corporal que gostem e passem a realizar fora da escola, para a vida, e além disso se aproximar do aluno que não gosta ou não tem o costume de praticar alguma atividade física, e isso se torna muito mais possível quando existe essa pluralidade no currículo. González e Fensterseifer (2010) argumentam que uma grande variedade de práticas vivenciadas resulta em uma possibilidade maior de conexão com o ambiente ao redor, e não promover essas vivências para o(a) aluno(a) significa impedir que o(a) mesmo(a) consiga se identificar com algo que possa ser significativo para ele(a) no seu desenvolvimento.

Eu falo muito que essa história de trabalhar muitos esportes é para que aquelas crianças, aqueles(as) jovens, que não gostam do vôlei ou do futebol, que eles(as) achem o esporte para vida deles(as). Então, [...] o objetivo é que eles(as) aprendam e que eles(as) encontrem um esporte para vida (Professor Rafael, resposta 9);

[...] mas a gente está lidando com conhecimento, por exemplo, vôlei é uma modalidade histórica, está aí há muito tempo, como foi desenvolvida, como foi criada, então é um conhecimento que a gente quer que os alunos se apropriem, não só pegando o exemplo do vôlei. (Professor Túlio, resposta 8).

Dentro do que se espera de uma estruturação curricular para a Educação Física na qual a disciplina seja valorizada e respeitada pelos pares (docentes e gestão) e pelos(as) estudantes, fica bem claro que esta estruturação parece ter sido adequada, já que os próprios alunos enxergam a EF com outros olhos e passam a visualizá-la como uma possibilidade de se aprender um leque enorme de conteúdo dentro da cultura corporal de movimento. Neste quesito, trago a fala do professor Rafael, que evidencia essa mudança de visão dos(as) alunos(as):

E assim, passaram-se alguns anos, mas eu lembro que a molecada perguntava toda aula ‘Vai ter futebol?’ [...]. E com pouco tempo [...], a pergunta passou a ser ‘O que vai ter hoje?’. Aí a gente já percebeu uma mudança.” (Professor Rafael, resposta 6).

Segundo a professora Eduarda, com uma estruturação curricular, coletividade, interdisciplinaridade e planejamento é possível perceber essa mudança no interior da escola:

Acho que, a educação física, o papel dela é formar cidadãos, formar pessoas, seres humanos, por meio do movimento da cultura corporal. Então para eu formar essa pessoa não basta só ensinar um movimento (Professora Eduarda, resposta 4).

Nesta categoria de análise, de acordo com o que foi abordado em entrevistas e em todo o processo da pesquisa, foram trazidas falas e discussões que buscaram apresentar uma visão contemporânea da Educação Física na escola e suas possibilidades de mudanças a partir do corpo docente engajado e do diálogo com a gestão escolar. No próximo tópico entraremos no que se diz respeito aos diferentes níveis de ensino na escola e as especificidades da EF.

4.2. O que se ensinar em cada ciclo de ensino e como abordar os conteúdos

A organização dos conteúdos é algo primordial para se concretizar o objetivo curricular, mas para isso é importante levar alguns fatores em consideração, como por exemplo o ciclo de ensino, os recursos disponíveis, as especificidades da escola e das turmas, entre outros fatores, afinal, como Oliveira Júnior e Neira (2020) colocam, para tal estruturação

curricular ser concretizada de maneira completa diversos fatores, para além dos saberes científicos, devem ser levados em consideração. As reuniões realizadas dentro da escola foram centrais para que os docentes de EF presentes levantassem as expectativas tidas para cada ciclo de ensino, para então planejarem quais conteúdos deveriam compor cada um deles.

A “esportivização” curricular é uma questão a ser discutida, como foi no processo de estruturação de um novo currículo dentro da escola em questão, justamente por ser uma válvula de escape para o trabalho docente. Bagnara e Fensterseifer (2019) explicitam este fenômeno, onde a criação de um currículo de Educação Física geralmente se prende à zona de conforto do professor de EF, o que se relaciona diretamente com a esportivização presente na sociedade. Porém, isso acaba prejudicando a diversificação de conteúdos, algo que, geralmente, é uma dificuldade enfrentada pelo grupo docente dentro das escolas, por conta de diferentes aspectos, dentre eles a falta de recursos, a carga horária reduzida e até a falta de conhecimento dos próprios docentes em outras temáticas. Contudo, a pluralidade curricular, como traz Darido (2012), é importante para que haja uma abordagem diversificada da cultura corporal, podendo considerar uma Educação Física mais atrativa para um número maior de alunos, afinal, este é um dos aspectos centrais da (não) esportivização curricular, onde aqueles(as) alunos(as) que não se familiarizam com os esportes acabam sendo excluídos das aulas e da disciplina.

Ao mesmo tempo, como discutido nas reuniões do grupo docente (Ata 2, dia 18 de maio de 2011), há de se ter um cuidado em relação à diversidade dos conteúdos, pois é importante que também existam conteúdos que sejam retomados ao longo dos anos, afinal, como bem colocado dentro da discussão entre os docentes presentes na reestruturação:

[...] é importante que alguns conteúdos sejam retomados de uma série para outra, pois a forma como os(as) alunos(as) de diferentes séries se apropriam destes conhecimentos é diferente (Professora Cláudia, Ata 2, 18 de maio de 2011).

Dentro dessa ideia, Caparroz e Bracht (2007) argumentam que uma mesma aula para turmas diferentes pode não ter uma mesma resposta e acabar sendo um equívoco por parte do docente, afinal cada aluno(a) se apropria de um conteúdo de maneira diferente, dependendo de suas experiências, portanto podemos entender que a idade na qual o(a) aluno(a) está também faz diferença na maneira em que ele(a) absorverá um conteúdo, mesmo que o mesmo já tenha sido abordado anteriormente em sua vida.

A ideia dos professores centrou em ampliar e abordar o máximo possível das unidades temáticas, dentre elas esportes, danças, lutas, jogos e brincadeiras, ginásticas e práticas corporais de aventura, colocando em prática a diversidade e pluralidade de conteúdos,

mas também focando na retomada de alguns dos conteúdos, para explorar as diferentes significações que cada ciclo de ensino é capaz de realizar dentro de uma mesma temática. Desta forma, indo ao encontro de Bagnara e Fensterseifer (2019), que indicam que um currículo bem estruturado se baseia em fugir da predominância dos conteúdos de maior conhecimento e conforto, e assim abrir portas para uma variedade curricular que traga diferentes conhecimentos para os alunos, de diferentes formas.

Segundo os professores, baseado nos referenciais teóricos seguidos e nas possibilidades apresentadas pela própria escola, a sistematização de conteúdos seguiu alguns princípios para cada ciclo de ensino, lembrando que a reformulação curricular não abrangeu diretamente a educação infantil. Tal decisão pode ter se dado pelo fato que, como comentado pela professora Cláudia, tanto nas reuniões quanto na entrevista, a escola já buscava certos objetivos relacionados ao ensino infantil, baseados na alfabetização e psicomotricidade das crianças.

A profa. Cláudia perguntou o que nós (professores) pensávamos a respeito da necessidade de se trabalhar a psicomotricidade como conteúdo da educação infantil, que era uma proposta reivindicada pela coordenação do colégio para ela. Ela afirmou que havia uma demanda de que nas aulas de Educação Física os alunos deveriam aprender letras do alfabeto andando sobre elas, por exemplo. Minha opinião sobre o assunto foi de que a psicomotricidade seria uma das concepções de Educação Física, mas não a única e de que não poderíamos deixar a Educação Física como refém de outras disciplinas (Ata 5, 30 de junho de 2011).

[...] na Educação Infantil, eu trabalho basicamente as habilidades básicas. Então, o que veio para mim dessa experiência com eles, eu já trabalhava com bolas diferentes, com materiais diferentes, mas, por exemplo, eu desde o infantil, eu brinco com raquete com eles [...] (Professora Cláudia, resposta 4).

Quadro 2 – Aspectos trabalhados dentro das aulas de Educação Física em cada ciclo de ensino abordado na reestruturação curricular da escola, a partir das entrevistas docentes.

<i>Ensino Fundamental I</i>	No Ensino Fundamental os professores procuram trabalhar com todos os conteúdos possíveis dentro de cada unidade temática, para que os alunos possam ter contato com um leque grande de práticas corporais, sendo que no Fundamental I o foco está nos jogos e brincadeiras e nas vivências de modalidades através de jogos pré-desportivos e jogos adaptados, onde o objetivo é que os alunos comecem a vivenciar e diferenciar cada prática para auxiliar no desenvolvimento motor e cognitivo (Entrevistas).
-----------------------------	--

<i>Ensino Fundamental II</i>	No ensino Fundamental II, o foco está no aprimoramento da lógica interna de cada prática corporal, isto é, nas suas regras e definições, alguns contextos históricos e teóricos são trabalhados dentro de cada temática (Entrevistas).
<i>Ensino Médio</i>	No ensino médio, segundo os professores, existe a retomada das unidades temáticas e conteúdos trabalhados anteriormente, mas com um grande foco no que é chamado de lógica externa de cada prática corporal, ou seja, fatores não apenas históricos, mas culturais, sociais e entre outros aspectos que possam ser discutidos e refletidos dentro das aulas, para um maior entendimento de cada conteúdo e um maior desenvolvimento crítico dos alunos (Entrevistas).

Fonte: O autor.

Como indicado no quadro, enquanto no Ensino Fundamental o foco está no desenvolvimento motor, na aprendizagem da lógica interna dos diversos conteúdos e em passar o máximo de vivências possíveis para os alunos. Já no Ensino Médio, o foco está na lógica externa das temáticas, buscando trazer reflexões mais críticas dos conteúdos e temas que estejam presentes no cotidiano dos alunos dessa faixa etária, mas com a cultura corporal de movimento sempre em perspectiva.

A formação de indivíduos críticos é encontrada em artigos de diversos autores pesquisados, como Betti e Zulianni (2002), Maldonado e Silva (2018) e Oliveira Júnior e Neira (2020), que abordam a aula de Educação Física como um momento que vai além de realizar ações práticas, mas também incluem um enriquecimento teórico, social, cultural e histórico, para além dos saberes científicos. E assim como Bagnara e Fensterseifer (2019) também evidenciam, e é entendido no projeto escolar em questão, que o professor tem um papel essencial para que esse movimento seja concretizado, compartilhando conhecimentos, levantando questionamentos e, principalmente, abrindo espaço para momentos de discussões e reflexões entre ele os alunos como um todo.

Então atualmente, no fundamental, a gente trabalha quase tudo que a gente gostaria e no ensino médio muita coisa a gente vai retomando, e aprofundando as discussões em algumas temáticas, em alguns conteúdos (Professor Túlio, resposta 3).

Então a gente traz discussões da relação de gênero e sexualidade envolvendo o vôlei, [...] no basquete, além de praticar, a gente pega a questão do racismo para discutir o

basquete. Então eu acho que isso é um fator principalmente no ensino médio, essa questão de motivá-los, de tentar mantê-los interessados na atividade, eu acho que isso é um ponto forte dessa proposta de diversificação também. [...]. Mas a ideia é justamente essa, de mostrar as o máximo de possibilidades possíveis que a gente tem a partir da estrutura, a partir do mundo, mas tentar diversificar ao máximo e trazer esse conhecimento, esse corpo de conhecimento, porque eu gosto de falar que a educação física a gente lida com conhecimento, é algo que a gente tem para ensinar, para compartilhar, para socializar, e algo que foi construído em termos de cultura corporal (Professor Túlio, resposta 6).

Com a reestruturação, as aulas passaram a apresentar um caráter mais completo, relacionando teoria e prática, com os professores utilizando mais estratégias que colaborassem com o ensino teórico-prático, como aulas em sala, utilização de vídeos, palestras etc., mas sempre adicionando rodas de conversa no início e no final da aula. Assim, mantendo um equilíbrio entre a teoria e a prática, pois como González e Fensterseifer (2010) discutem, o conhecimento teórico complementa o conhecimento prático, e vice-versa.

Conforme os anos se passam o mundo segue se desenvolvendo, e assim deve ser o ensino, e com a Educação Física não é diferente, é como o professor Rafael reforça: “[...] então mantê-los motivados é difícil às vezes, fazê-los entenderem a importância da aula [...]” (Professor Rafael, resposta 8), mas faz parte do processo, e com uma boa estruturação curricular, o professor está sempre mais preparado para superá-los.

Tendo analisado a estrutura curricular para cada ciclo de ensino dentro da escola, na próxima categoria serão abordados os principais referenciais teóricos utilizados pelo grupo docente em questão durante a reestruturação curricular, até os dias de hoje.

4.3. Relação com currículos norteadores e referenciais

O referencial teórico para embasar um currículo é uma parte de grande importância de todo o processo, pois é através deste embasamento que se pode estudar as melhores possibilidades dentro de determinado cenário e, principalmente, justificar e legitimar o trabalho colocado em prática. Historicamente, a Educação Física escolar passa por um processo de constante legitimação e dúvida do que se ensinar, isso devido ao fato de que os objetivos principais da disciplina sofreram mudanças baseadas na maneira que a mesma era vista ao longo dos anos, o que se relaciona diretamente com a dificuldade de se desenvolver currículos que poderiam servir de base para a disciplina, e vice-versa.

Antes da reorganização curricular na escola em questão, a equipe docente se utilizava principalmente dos documentos existentes à época, ou seja, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 2018) e os Cadernos do Estado (São Paulo, 2012), documentos que buscavam indicar quais conteúdos trabalharem nas escolas e, segundo Darido

et al. (2001), auxiliavam as escolas dos estados e municípios para uma construção curricular incentivando a discussão pedagógica nas mesmas:

De acordo com o grupo que organizou os Parâmetros Curriculares Nacionais, estes documentos têm como função primordial subsidiar a elaboração ou a versão curricular dos estados e municípios, dialogando com as propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna às escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores (Darido *et al.*, 2001, p. 18).

Portanto, esse processo de sistematizar os conteúdos começou com os próprios professores da escola à época, com influência das reuniões realizadas com os docentes da UFSCar. Aqui temos uma fala do professor Rafael que ajuda a esclarecer esse processo:

Na época, o nosso maior apoio, além da graduação e das reuniões que a gente fez com os professores, com o Osmar e com o Glauco, eu acho que foi o material que o Estado desenvolveu, [...] era um material que não tinha um olhar específico para cada escola, para cada região, era um material que servia para o Estado todo, e não tinha o olhar do professor para aquilo, [...] por exemplo, no material trabalhavam-se jogos de tabuleiro, xadrez e dama, foi algo que a gente incorporou no nosso currículo, [...] esgrima, a gente incorporou. Então tinham conteúdos que a gente acabou tendo um olhar [...] e a gente incorporou da nossa maneira, determinamos a série e montamos o plano de aula em cima do conteúdo [...]. 15 anos atrás, era muito pobre, você entrava no site do Comitê Brasileiro de Tênis de Mesa, não tinham as regras lá, então você tinha que buscar em vários lugares, [...] você precisava achar as fontes que você julgava confiável para montar o material (Professor Rafael, resposta 3).

Com o passar dos anos, surgiu a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), que tem como objetivo promover o protagonismo juvenil através de práticas que conciliem teoria e prática (Dias; Silva, 2025), o que deu um auxílio aos professores da escola para complementarem o currículo desenvolvido por eles(as), visto que continuavam atentos(as) com o que se ocorria na EF brasileira naqueles anos, algo que é de extrema importância para trazer atualizações para dentro da escola. E assim como afirmam Barcelos, Almeida e Doña (2022), tais documentos servem para concluir competências e características que auxiliam as escolas a produzirem seus planos de acordo com suas realidades. Contudo, muito do que se via na BNCC, já era realizado pelos professores da escola pesquisada anteriormente, como o próprio professor Túlio indicou:

E depois quando vem a BNCC, já com uma proposta de sistematização, não é um currículo, mas é uma base para a construção de currículos [...] muita coisa do que estava ali já era a forma como a gente fazia (Professor Túlio, resposta 4).

O que mostra o quanto a escola já apresentava um currículo rico e, por que não, renovador, onde o planejamento segue a ideia de desenvolver o aluno como reprodutor e criador de conhecimentos passados em aula, como também colocam Barcelos, Almeida e Doña (2022).

Trabalhos de autores como Fernando González e Suraya Darido foram também um grande referencial para a equipe docente presente na reformulação curricular, por serem levantados e discutidos durante as reuniões com os professores da UFSCar, Osmar e Glauco. Estes textos procuram enfatizar a importância da diversidade e pluralidade curricular, baseado nas especificidades e individualidades das escolas e focado na cultura corporal de movimento (González; Fensterseifer, 2010; Darido, 2012), questões que foram motivações para a elaboração do currículo da escola pesquisada.

[...] eu me lembro do Fernando González que já existia na época. [...] E a gente falava muito dele já na graduação, [...] a classificação dos esportes [...]. Então esportes de invasão e o que são, os esportes de marca e o que são, então eu me lembro dessa referência, Fernando Gonzalez, que a gente falava muito na faculdade [...]. Eu me lembro muito dos livros da Suraya Darido [...]. Já tinham também os temas transversais [...]. Então, trabalhar educação física dentro do meio ambiente, trabalhar educação física relacionada à sexualidade [...]. [...] para mim o mais forte foi isso, era a classificação dos esportes do Fernando González e esses livros do Osmar com a Suraya. Que a gente tinha muito como referência de aula já bem estruturada da educação física, e claro, todos os autores na verdade que a gente foi aprendendo ao longo da graduação [...], era um pouquinho de cada coisa mesmo (Professora Eduarda, resposta 6).

Um aspecto importante de todo esse processo e que reflete nessa atualização do currículo da escola pesquisada, tem a ver com a própria atualização profissional docente ao longo dos anos. Ou seja, esses professores de EF da escola pesquisada, sempre procuram estar atualizados, cada um à sua maneira, um fez curso de especialização, outros fizeram mestrado e, atualmente, um deles faz o doutorado. Mais do que títulos, demonstram que estão constantemente atualizados e preocupados com os rumos da Educação Física escolar. Isso é bom para eles enquanto profissionais, é bom para os alunos que convivem com professores atualizados e é bom para escola que parece reconhecer mantendo-os por muitos anos em seu quadro de docentes.

A escola conta com uma gama de conteúdos possíveis para serem trabalhados e diversos planos de aula que são frequentemente atualizados baseado na formação contínua na qual os professores da instituição realizam. Durante as entrevistas, o professor Túlio explicou que conforme uma determinada turma completa um determinado ciclo de ensino os planos de aula são revisados e, se necessários, atualizados conforme a demanda.

[...] a gente implementou a mudança em 2012, então todas as turmas começaram em 2012 [...], a turma que começou em 2012 completou o ciclo, do fundamental, aí a gente parou, analisou como que está, está bom ou não está, o que a gente precisa mudar, esse conteúdo está adequado aqui, ou daria para mudar para outro ano. Então a gente sentou, a gente fez essa primeira avaliação, que eu acho que foi a maior avaliação que a gente fez, justamente porque era uma finalização de um ciclo a partir daquela proposta que a gente tinha pensado, mas para além disso, eu acho que todo ano, ou a cada dois anos pelo menos, a gente senta e a gente revê, como que está, tem coisa que a gente quer mudar, tem coisa que a gente quer tirar, tem coisa que a gente quer acrescentar, isso em termos da organização geral, mas ano a ano, a gente repensa e reflete sobre muita coisa que a gente fez durante o ano [...]. (Professor Túlio, resposta 5).

Nesta categoria foram indicados documentos curriculares que serviram de inspiração e base para a reestruturação da Educação Física na escola em questão e também que o processo contínuo de atualização profissional docente é muito importante para que as coisas aconteçam de forma efetiva na escola. A seguir, na última categoria deste capítulo serão discutidos alguns fatores para além do currículo em si que tiveram importância dentro desse processo, como o apoio da escola, recursos físicos e interdisciplinaridade.

4.4. Condições “externas” e interdisciplinaridade

Para que um projeto curricular possa se concretizar dentro de uma escola existem outros fatores, que vão além do currículo em si, que influenciam no sucesso do projeto e o quanto será possível a concretização do mesmo. Dentre esses fatores podemos colocar a estrutura escolar, os materiais disponíveis, e apoio da escola e da comunidade como um todo e a interdisciplinaridade dentro da equipe escolar.

A partir das reuniões entre os docentes do projeto em questão, os primeiros passos foram para situar qual era a realidade da escola e o objetivo final para a reformulação pedagógica, e foi onde os professores da escola destacaram que sentiam a necessidade de mudanças, mas que sentiam uma certa resistência da escola (alunos e equipe de coordenação e direção) para tal, algo que foi muito discutido e enfatizada a importância de se ter uma interdisciplinaridade, um planejamento coletivo e o apoio escolar para que o projeto curricular obtivesse sucesso. Nesse contexto, Bagnara e Fensterseifer (2019) e Venâncio e Darido (2012) alertam sobre a importância da interdisciplinaridade e da construção coletiva do currículo pedagógico, sendo também um caminho essencial para a valorização e legitimação da Educação Física. “Refletir acerca da elaboração curricular na Educação Física Escolar (EFE) sugere significativo esforço coletivo” (Bagnara; Fensterseifer, 2019, p. 2).

[...] acho que foi uma das escolas, talvez a única que ficou muito forte para mim, um trabalho interdisciplinar. Então, eu me lembro que a gente trabalhava com a matemática, e com a história [...] é muito bacana quando se tem outros professores envolvidos para a gente ter essa interdisciplinaridade (Professora Eduarda, resposta 2).

[...] Então, eu tive a prova de que ali tudo dava muito “certinho” quando se tem a coordenação do nosso lado (Professora Eduarda, resposta 3).

Essa aceitação pelos olhares ao redor foi sendo conquistada com o tempo e, segundo o professor Rafael, mesmo com as dúvidas por parte do restante da equipe escolar e até dos pais dos(as) alunos(as), o apoio da direção/coordenação da escola foi primordial para que o novo projeto pudesse dar certo e a Educação Física da escola se tornasse uma Educação Física com características únicas.

[...] eu lembro que no começo eu queria passar um filme e aí o coordenador chegou para mim e falou “não, mas a educação física é prática, você tem que ir para quadra”. Então assim, a gente tinha que provar o tempo todo e justificar o que a gente fazia [...]. Mas esses olhares duvidosos deixaram de existir (Professor Rafael, resposta 6).

[...] a gente teve menos influência dos pais. Apesar de hora ou outra a gente ouvir algum aluno falando alguma coisa que parece que vem de casa - “Então, vai ter aula teórica, mas a aula tem que ser na quadra”. Então assim, parece que às vezes tem essa fala e acho que é normal também, porque se vem essa fala é porque talvez os pais não conheçam o trabalho (Professor Rafael, resposta 7).

Outra dificuldade, inclusive identificada pela professora Cláudia, é enfrentar algumas visões conservadoras e, de certa forma, ultrapassadas de outros professores que ainda não valorizam ou não arriscam uma nova proposta curricular, como desenvolvida aqui nessa escola.

[...] Agora, o que eu acho que foi muito bacana para mim é, assim, ter recebido, e ter recebido bem essa nova proposta, porque tem pessoas da minha idade, na minha época de formação, que até hoje não aceitam esse novo currículo. Acham que é tempo desperdiçado, que os alunos precisam ter só a prática, [...] tem professores que acham que não tem que parar a aula para você passar um determinado conteúdo, mas tem alguns conteúdos que é impossível você passar apenas durante a prática. Então, você precisa desse momento, pela experiência que eu tive com os meus colegas e que foi muito bacana, a gente tem que parar, ou no começo desse conteúdo, para passar essa parte teórica, para que as coisas se desenvolvam e a gente comece a corrigir as coisas [...] (Professora Cláudia, resposta 2).

A interdisciplinaridade se entende como um aspecto importante do currículo principalmente quando tratamos de formar cidadãos críticos como objetivo de uma instituição escolar. Bagnara e Fensterseifer (2019) apontam ser de maior eficácia se esse aspecto for trabalhado de maneira coletiva, afinal, o leque de possibilidades a serem alcançadas dentro de

diferentes contextos, seja em sala de aula ou não, seja trabalhando questões práticas juntamente com conceitos históricos e exemplos teóricos com outras disciplinas, entre outras possibilidades, é muito maior e mais efetivo para criar discussões e reflexões variadas. Um exemplo disso, que além de comentado em entrevista dentro da pesquisa foi algo que eu presenciei na escola como aluno e como estagiário, é a aula sobre futebol americano que os professores de EF se juntam com os professores de história e matemática para abordar temas presentes dentro da modalidade, misturando suas especialidades, refletindo sobre os conceitos histórico e estratégico de tal esporte. De maneira geral, ao entrar no conteúdo de futebol americano, os professores de Educação Física se juntam com os professores de história e matemática, já que são dois professores que entendem e gostam muito do esporte, e montam uma aula teórica em que se é passado para os(as) alunos(as), de maneira muito completa, todo o processo histórico do futebol americano e sua lógica interna, ou seja, a ideia do jogo e suas regras, que passam por muitas questões matemáticas também.

O apoio da escola nesse momento foi importante para além da interdisciplinaridade, mas também com o providenciar de recursos necessários para as aulas, algo essencial para a equipe de Educação, principalmente quando um dos objetivos sempre foi diversificar a disciplina. “[...] a escola já tinha uma boa estrutura e muita coisa de material, mas muita coisa também a gente foi adquirindo pela necessidade da nova demanda de conteúdos que a gente queria implementar.” (Professor Túlio, resposta 3).

A escola em questão, principalmente após o processo de reestruturação curricular da disciplina de Educação Física, sempre se mostrou focada na interdisciplinaridade, seja com a equipe de professores apenas ou com a direção em conjunto. Um dos momentos de maior coletividade da escola mostrou ser o “Festival Integração”, que passou a ser mais que um mero jogos interclasses, mas se tornou um projeto da Educação Física que apresenta atividades que trabalham muito mais que capacidades físicas e/ou atividades relacionadas à EF e envolvem toda a equipe docente para que as especificidades possam ser atendidas em um momento de competição, é claro, mas principalmente de diversão e aprendizagem coletivas.

Este projeto, mais conhecido como “Festival Integração”, traz a ideia dos jogos interclasses, um para cada ciclo de ensino, do ensino fundamental I ao ensino médio. No fundamental I, as turmas se misturam em algumas equipes e realizam diversas brincadeiras em sequência, além de participarem de momentos de apresentações de dança, show de talentos etc. Nos ensinos fundamental II e médio (as turmas do 9º ano participam do festival com as turmas do ensino médio, pois na escola em questão elas são divididas por blocos, onde o rosa é o ensino infantil, o verde é o ensino fundamental I, o amarelo é o ensino fundamental II, até o 8º

ano, e o azul é o 9º ano e o ensino médio) o festival está mais relacionado à competição esportiva entre as turmas, porém as provas artísticas (apresentação musical, prova literária, quadro de desenho etc) e a prova social (arrecadação de produtos para doação) também se fazem presente e são muito importantes para o desenrola do festival.

[...] é um projeto da equipe de educação física, mas quando a gente pensa ele, a gente tenta envolver todos os professores, para que as atividades não fiquem só nas atividades esportivas, porque a gente sabe que nem todos os alunos têm intimidade, familiaridade e gosto pelas atividades esportivas [...] (Professor Túlio, resposta 7).

O Festival Integração, é um exemplo muito claro do que a Educação Física desta escola se tornou com o passar do tempo, apresentando a cultura corporal de movimento com diversidade, pluralidade, coletividade e interdisciplinaridade. Como fui aluno da escola durante quase toda minha formação, estive presente na equipe de EF como estagiário e continuo complementando a equipe em eventos anuais sempre que solicitado, para mim, o Festival Integração foi um grande exemplo de como a Educação Física pode trazer experiências completas e prazerosas dentro do ambiente escolar, se uma estrutura curricular for realmente estudada e bem desenvolvida.

Nesta categoria foram trazidas questões que se referem à interdisciplinaridade entre a equipe docente, os recursos físicos e o apoio coletivo da escola em questão, questões que foram de extrema importância para que a reestruturação curricular pudesse prosperar até os dias de hoje. Em seguida serão colocadas as considerações finais do trabalho e os pontos mais importantes da pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que o objetivo deste trabalho foi analisar o processo de estruturação curricular da Educação Física escolar através de um estudo de caso em uma escola da cidade de São Carlos – SP, concluiu-se que, conforme a estruturação curricular foi constituída dentro desta escola e com suas turmas, os professores de Educação Física criaram uma identidade única, e que possibilitou que o foco da disciplina siga a ideia de valorizar a cultura corporal de movimento, valorizar o processo de ensino e aprendizagem de cada aluno e criar um ambiente confortável para que os(as) alunos(as) possam não apenas se expressar e praticar atividades físicas, jogos, esportes, etc., mas também para que eles tenham contato com novos conteúdos e modalidades que podem vir a ser prazerosos e importantes para cada um, de acordo com suas individualidades.

Diante dos estudos, podemos entender que um currículo de Educação Física que apresente grande variedade de conteúdo, diversidade teórica e prática e pluralidade de abordagens será um currículo com maior capacidade de desenvolver o(a) aluno(a) como um indivíduo crítico capaz de se transformar a partir da cultura corporal, além de trazer mais alunos(as) para perto da disciplina em termos de aceitação e valorização.

Para uma pesquisa mais completa, entrevistas com alunos(as) poderiam ter sido feitas, diários de campo das aulas de Educação Física também poderiam ter sido produzidos, para que houvesse uma abordagem mais ampla de opiniões e respostas de acordo com o tema. Metodologias como essas podem ser feitas em trabalhos futuros, além de uma abordagem mais completa em todos os ciclos de ensino, incluindo o Ensino Infantil, que não teve ênfase na reestruturação curricular em questão, e quais os referenciais teóricos que o basearam, tendo um foco na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) por exemplo. Essas questões, com o auxílio deste trabalho, podem ser abordadas futuramente para que a área da Educação Física escolar seja cada vez mais valorizada, estudada, desenvolvida e vista da maneira que se deve, como uma disciplina obrigatória na educação básica que tem muito a entregar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Samuel Nascimento de; ROCHA, Leandro Oliveira; BOSSLE, Fabiano. Os conteúdos de ensino da Educação Física escolar: um estudo de revisão nos periódicos nacionais da área 21. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 205–221, 2017. DOI: 10.5007/2175-8042.2017v29n51p205. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n51p205>. Acesso em: 29 ago. 2025.

BAGNARA, Ivan Carlos; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O desafio curricular da educação física escolar: sistematizações de uma pesquisa-ação na escola pública. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.L.], v. 25, p. 1-11, 27 fev. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.82888>.

BARCELOS, Rafael Almeida; ALMEIDA, Felipe Quintão de; DOÑA, Alberto Moreno. Educação Física nas Bases Curriculares do Brasil e do Chile: uma análise comparada. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.L.], v. 44, p. 1-7, 3 jun. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/rbce.44.e001722>.

BETTI, Mauro. O Que Se Ensina e o Que Pode Ser Ensinado. A Pedagogização dos Conteúdos da Educação Física: tradição e renovação. **Salto Para O Futuro**, [S.L.], v. 21, n. 11, p. 21-28, 2011.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 73-81, set. 2002.

BRACHT, Valter. Dilemas no Cotidiano da Educação Física Escolar: entre o desinvestimento e a inovação pedagógica. **Salto Para O Futuro**, [S.L.], v. 21, n. 11, p. 14-20, 2011.

BRASIL. Lei n. 10.328, de 12 de dezembro de 2001. Introduz a palavra obrigatório após a expressão curricular, constante do parágrafo 3º artigo 26 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2001. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

COFFANI, Márcia Cristina Rodrigues da Silva; GOMES, Cleomar Ferreira. Reflexões sobre o fazer pedagógico nas aulas de Educação Física do Ensino Médio. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 47, p. 1-20, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634202147229646>.

DARIDO, Suraya Cristina. Diferentes Concepções Sobre o Papel da Educação Física na Escola. In: DARIDO, Suraya Cristina. **Caderno de Formação**. 6. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. Cap. 3. p. 1-176.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL-BETTI, Irene Conceição; RAMOS, Glauco Nunes Souto; GALVÃO, Zenaide; FERREIRA, Lilian Aparecida; SILVA, Eduardo Vinicius Mota e; RODRIGUES, Luiz Henrique; SANCHES, Luiz; PONTES, Gustavo; CUNHA, Felipe. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001.

DIAS, Adilson; SILVA, Telma Santos. Educação Física Escolar: proposta curricular e estruturação de conteúdos para o ensino fundamental 3º anos finais da educação básica. **Rebena: Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, [S.L.], v. 12, p. 3-19, 8 jul. 2025. Zenodo. <http://dx.doi.org/10.5281/ZENODO.15832773>.

FREIRE, Elisabete dos Santos; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de. Educação Física no Ensino Fundamental: identificando o conhecimento de natureza conceitual, procedimental e atitudinal. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 3, p. 140-151, dez. 2004.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, jun. 1995. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-75901995000300004>.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da ef escolar ii. **Cadernos de Formação Rbce**, [S.I.], v. 1, n. 2, p. 10-21, mar. 2010.

KIRK, David. O porquê de investigar: estado atual e tendências futuras nas pesquisas em Educação Física. **Movimento**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 11–43, 2010. DOI: 10.22456/1982-8918.12745. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/12745>. Acesso em: 29 ago. 2025.

LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; SCHNEKENBERG, Guilherme Fernando. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, [S.L.], v. 20, n. 44, p. 36-51, 7 abr. 2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira; ALVES, Luana Tavares de Oliveira; GRASSI, Gabriel Neves; SILVA, Ronie Nery da; SANCHES NETO, Luiz; FREIRE, Elisabete dos Santos. Percepções de um professor pesquisador e de seus alunos e alunas sobre a Educação Física: uma pesquisa colaborativa. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.L.], v. 42, p. 1-9, 14 dez. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/rbce.42.2019.044>.

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Fundamentação teórica da educação física em propostas curriculares da escola pública de são paulo: uma análise das abordagens pedagógicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-20, 22 out. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698203577>.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In*: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3ª. ed. Porto Alegre: Editora Universidade / UFRGS/Sulina. 2010. p. 61–99.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da educação física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista E-Curriculum**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 4-29, 1 abr. 2018. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i1p4-28>.

NEIRA, Marcos Garcia; SOUZA JÚNIOR, Marcílio. A Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. **Motrivivência**, [S.L.], v. 28, n. 48, p. 188-206, 21 set. 2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p188>.

OLIVEIRA JÚNIOR, Jorge Luiz de; NEIRA, Marcos Garcia. Significações dos estudantes sobre o currículo cultural da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.L.], v. 42, p. 1-8, 14 dez. 2020. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/rbce.42.2019.093>.

PEREIRA, Raquel Stoilov; MOREIRA, Evando Carlos. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: algumas considerações. **Revista da Educação Física/Uem**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 121-127, out. 2005.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen - Issn: 2447-8717**, [S.L.], v. 2, n. 4, p. 1-23, 1 jun. 2018. Centro Universitario Assuncao - Unifai.

<http://dx.doi.org/10.32459/revistalumen.v2i4.60>.

SÃO PAULO. SECRETARIA ESTADUAL DA EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física Ensino Fundamental e Médio (estudo e ensino)**. São Paulo: SEE, 2012.

SOUZA, Edilson; KÖHL, Henrique; RODRIGUES, Júlio. Práticas corporais como linguagem: ponderações preliminares acerca da organização do componente curricular educação física no ensino fundamental. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, [S.L.], v. 8, n. 25, p. 164-171, 31 jan. 2022. Revista Eletronica Cientifica Ensino Interdisciplinar. <http://dx.doi.org/10.21920/recei72022825164171>.

TENÓRIO, Kadja Michele Ramos; OLIVEIRA, Rodrigo Falcão Cabral de; LIMA, Ricardo Bezerra Torres; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira; MELO, Marcelo Soares Tavares de; SOUZA JÚNIOR, Marcílio. Propostas curriculares para Educação Física em Pernambuco: entendimentos acerca do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.L.], v. 37, n. 3, p. 280-288, jul. 2015. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2015.05.003>.

VENÂNCIO, Luciana; DARIDO, Suraya Cristina. A educação física escolar e o projeto político pedagógico: um processo de construção coletiva a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 97-109, mar. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1807-55092012000100010>.

APÊNDICES

Apêndice A – Transcrição da entrevista com o professor Túlio:

Entrevista Túlio

Pesquisador: Primeira coisa, Túlio, como a gente está gravando, é primeiro falar de você, seu nome, sua idade, sua formação. Quando você se formou em Educação Física? Onde você se formou? Qual a sua graduação? Enfim, só uma apresentação sua.

(RESPOSTA 1) Professor entrevistado: Eu sou o Túlio Ramos Silva, mais conhecido por Túlio. Estou com 36 anos. Me formei em Educação Física na UFSCar. Ingressei em 2007. Me formei no final de 2010. Depois eu fui fazer mestrado no Programa de Educação Escolar da Unesp, de Araraquara. E, recentemente, no ano passado, em 2024, voltei para fazer doutorado no Programa de Educação da UFSCar. Nesse meio tempo, fiz Pedagogia, fiz uma especialização em Gestão Escolar, além de outros cursos, assim, que não são titulações. Mas sempre estive aí, estudando de alguma forma.

Pesquisador: E você entrou na Motivação, como professor, quando? Já que você estagiou aqui, né?

(RESPOSTA 2) Professor entrevistado: Fui estagiário em 2010, no último ano da graduação. E aí, no ano seguinte, 2011, foi lá para abril, por conta da forma como eles organizavam a Educação Física na época, eles estavam precisando de um professor para aquele dia que tem quatro turmas no ginásio. Estavam com três professores. E aí eu tinha acabado de estagiar aqui. Surgiu essa oportunidade. Aí me chamaram, comecei a dar aula em, acho que em abril de 2011, depois de me formar. E aí, como professor, estou desde 2011 até agora.

Pesquisador: Então, assim, não sei se você pegou o início do processo da construção de currículo que tem a Educação Física aqui hoje na Motivação, mas queria que você falasse como, quando e como surgiu esse processo. Também do seu ponto de vista, no que você participou, tanto nos aspectos teóricos e práticos, enfim, essa construção em geral do que é hoje a Educação Física aqui.

(RESPOSTA 3) Professor entrevistado: Bom, eu cheguei em 2011 como professor, já estava como estagiário em 2010. E eu lembro que algumas coisas, o Rafael vai poder te falar mais precisamente isso, mas eu lembro que ele e a Adriana, na época, que era professora de Educação Física, já vinham tendo algumas ideias, principalmente para Bloco Verde, eles já vinham mudando algumas coisas, algumas coisas eles já identificavam que precisariam ser mudadas. **E aí eu chego recém-formado, com uma animação de querer fazer alguma coisa diferente, de querer trazer as coisas que a gente discute na universidade, para a prática, para a escola. E aí os professores também. Aproveitando esse movimento que eles já estavam querendo fazer aqui na escola, a gente casou tudo isso. E aí começamos a pensar o que nós gostaríamos de fazer, o que nós gostaríamos de mudar, o que estava incomodando a gente.** E aí foi esse movimento. Eu lembro que, por exemplo, as aulas do Fundamental 2 e do Médio, até então, eu me perguntava “por que as aulas, principalmente do Médio, são separadas por gênero?”, “Por que os meninos fazem junto?”, “Por que as meninas

fazem junto?”, “Por que não fazer todo mundo misturado?”. E eu lembro que era muito marcado no Ensino Médio. Se eu não me engano era uma modalidade esportiva do “Quarteto Fantástico” por etapa. Eram quatro etapas, não eram três trimestres como agora. E aí eu perguntava, mas acho que o Rafael, pessoalmente, já identificava isso. Mas vinha como uma cultura da escola, já era a forma de organização que eles tinham, e aí ele (Rafael) aqui meio sozinho, acho que também não via tanto espaço para questionar, mas acho que acabou juntando comigo e a gente acabou ganhando um pouco mais de força para começar a mudar essas coisas. **E aí que a gente começou, em 2012, mais efetivamente, a pensar numa reestruturação curricular. Foi de 2011 para 2012.** E aí, estávamos eu, Rafael, mais efetivamente, e em 2012 entraram Mariana e Rita, eu não lembro se a Mariana estava antes, e aí a Samanta veio para o lugar da Mariana. Mas nós começamos a elencar o que nós gostaríamos de fazer numa proposta de diversificação curricular, para a gente sair daquela coisa do Quarteto Fantástico para o Ensino Médio, e de algo que, no fundamental eu lembro que as aulas eram diversificadas, mas não tinha uma organização. Então a ideia era a gente partir... Não tinha um cronograma, né? Não tinha, tipo, ah, então no sexto ano a gente vai trabalhar tais, tais, tais conteúdos, no sétimo ano, tais, tais, tais. Então a gente precisava sistematizar isso. **Muita coisa já era feita, eles já faziam, mas não estava totalmente sistematizado.** E a gente começou a elencar que conteúdos a gente acha legal de trabalhar. O que a gente tem em termos de material, de espaço físico, de parcerias que a gente poderia fazer para trabalhar conteúdos diferentes. E a gente foi elencando. Tivemos esse, esse, esse... Ah, o que a gente acha legal no sexto ano, no sétimo ano, no oitavo ano? Ah, para o ensino médio, porque no ensino médio a gente veio fazendo mais mudanças recentemente, né? **Então atualmente, no fundamental, a gente trabalha quase tudo que a gente gostaria e no ensino médio muita coisa a gente vai retomando, e aprofundando as discussões em algumas temáticas, em alguns conteúdos.** Fizemos esse levantamento dos conteúdos, montamos esse quebra-cabeça do que a gente queria colocar em cada ano, e aí fizemos planos de aula desses conteúdos. Aí dividimos os conteúdos para os professores, cada professor monta o plano de aula de um conteúdo e a gente compartilha com o outro, o outro dá o “tapa” em uma coisa, em outra coisa. Então a gente tem essa base. E atualmente a gente tem esses planos de aula, mas muita coisa a gente foi reformulando a partir da nossa prática mesmo, a partir dos outros conhecimentos que surgiam das próprias aulas, dos feedbacks que a gente tinha a partir das aulas também. Mas a gente tem também todo esse material de plano de aula, de todos os conteúdos. O Rafael, a partiu dele, né? Essa iniciativa de fazer um material de estudo. Então quase todos os conteúdos que a gente trabalha, a gente tem um material de estudo que foi desenvolvido por nós, principalmente pelo Rafael que encabeçou essa coisa dos materiais. E muitos materiais, alguns a gente montou e alguns a gente foi pedindo para a escola adquirir. Então não tinha nada de, sei lá... **(Pesquisador:** Era isso que eu ia perguntar, inclusive, você falou dos materiais esportivos, né? Porque a escola é repleta de bons materiais e isso surgiu juntamente com essa evolução? Ou já tinham alguns, não todos, mas pelo menos alguns e não eram usados?)... Já tinha muita coisa. A escola sempre teve muita coisa. E tinha muita coisa lá embaixo que não era usada. Por exemplo, tinha uns quadros antigos de remissão do tchoukball. Mas estava lá, tipo, o que é isso? É um trampolim? Eu não lembro. Mas tinha umas coisas assim, que ficavam lá, ninguém usava e aí a hora que a gente começou, tem esse material para esse conteúdo, tem esse material, tem material tal que dá para a gente adaptar e usar isso, e alguns conteúdos que a gente pedia para a escola comprar. A gente vai colocar conteúdo de futebol americano, vamos pedir para a escola comprar bola de futebol americano, vamos colocar conteúdo de rugby, comprar bola de rugby, vamos pôr conteúdo de baseball, vamos comprar ali uma luva, um taco, uma bolinha que dê para a

gente fazer a atividade. **Então, acho que teve esses dois movimentos, a escola já tinha uma boa estrutura e muita coisa de material, mas muita coisa também a gente foi adquirindo pela necessidade da nova demanda de conteúdos que a gente queria implementar.**

Pesquisador: Legal! Você comentou do material de estudo que vocês desenvolveram. Nesse processo de desenvolver realmente o cronograma, planos de aula e tudo mais, o quanto levaram, se levaram em consideração ou não, os currículos norteadores, que se usa, por exemplo, mais na rede pública, como a BNCC, o Currículo Paulista? O quanto que se teve parcela desses currículos na construção de vocês.

(RESPOSTA 4) Professor entrevistado: É engraçado, porque a BNCC é muito recente, de 016, 18, Currículo Paulista também vem depois da BNCC. Então, na época, rolava muito essa discussão na educação física de **uma necessidade de sistematização da educação física na escola, justamente porque não tinha.** O que começou a surgir ali a partir de 2008, 2009? Os cadernos do Estado, que são os precedentes do Currículo Paulista. E desse material, hoje, que está praticamente apostilado, formatado, até com slide pronto para os professores. Então, começaram a surgir os cadernos do Estado, 2008, 2009, que era o início de uma sistematização, porque até então a gente tinha os PCNs, os Planos Curriculares Nacionais, que davam indicativos de quais seriam os conteúdos da educação física na escola, ainda sem uma sistematização, do que deveria ser trabalhado em cada ano na escola. Então, a gente tinha pistas, mas o negócio mesmo da gente sentar e sistematizar a partir do que a gente tinha aqui foi nosso. Então, algumas coisas a gente pegou ali de referência, no caderno do Estado está desenvolvendo esse conteúdo dessa forma, isso dá para usar, isso não faz sentido para a gente. Então, algumas coisas a gente foi pegando como referência, como ideia mesmo do caderno do Estado, mas também era uma iniciativa muito inicial. Então, você tinha alguns cadernos de alguns bimestres, de alguns conteúdos, então era uma primeira proposta de sistematização da educação física que surgiu, que a gente usou como referência, mas que muita coisa foi a gente que fez aqui. **E depois quando vem a BNCC, já com uma proposta mesmo de sistematização, não é um currículo, mas é uma base para a construção de currículos, e muita coisa do que estava ali já era a forma como a gente fazia.** Então, eles colocam esportes a partir da escola da classificação, esportes de invasão no sexto ano, esportes de rede divisória, a gente já estava ali com o futsal, com o vôlei, então muita coisa já estava como a gente estava fazendo. Então, a gente fez pequenas adaptações depois que saiu a BNCC, só para adequar ali um pouquinho mais àquela nova proposta que estava vindo. Mas foi engraçado isso, porque muita coisa a gente já fazia aqui.

Pesquisador: Legal! E você comentou, que houveram essas pequenas adaptações depois da BNCC e tudo mais, até hoje, os dias de hoje, vocês tiveram grandes mudanças no currículo, na maneira de pensar, de reger as aulas e tudo mais, seja em prática ou teórica, seja por motivos do currículo, seja por motivos de acontecimentos na própria escola, ou mantiveram só pequenas adaptações e as mesmas ideias?

(RESPOSTA 5) Professor entrevistado: Não! Quando a gente completou, a gente implementou a mudança em 2012, então todas as turmas começaram em 2012, então 2012, 2013, 2014, 2015, a turma que começou em 2012 completou o ciclo, do fundamental, aí a gente parou, analisou, falou o que dá, como que está, está bom ou não está, o que a gente precisa mudar, esse conteúdo está adequado aqui, ou

daria para mudar para outro ano, então a gente sentou, a gente fez essa primeira avaliação, que eu acho que foi a maior avaliação que a gente fez, justamente porque era uma finalização de um ciclo a partir daquela proposta que a gente tinha pensado, mas para além disso, eu acho que todo ano, ou a cada dois anos pelo menos, a gente senta e a gente revê, como que está, tem coisa que a gente quer mudar, tem coisa que a gente quer tirar, tem coisa que a gente quer acrescentar, isso em termos da organização geral, mas ano a ano, a gente repensa e reflete sobre muita coisa que a gente fez durante o ano, então é engraçado, porque a forma como eu desenvolvi um conteúdo, sei lá, de beisebol no ano, não necessariamente vai ser a forma como eu vou desenvolver o mesmo conteúdo no ano seguinte, porque muita coisa que eu percebi na aula do ano passado, isso deu certo, isso não deu, essa turma era assim, essa turma era assado, já aconteceu de conseguir no ano seguinte, num ano diferente, trazer uma pessoa para falar, ou levar eles para fazer uma atividade fora da escola, como já é o caso do beisebol mesmo, a gente levou eles uma vez lá para o Damha, então depende, mas é isso, eu acho que é um movimento, eu acho que isso faz parte do currículo também, ele está sendo sempre revisado, para ver se aquilo ainda continua fazendo sentido, e o que não faz mais sentido, de que forma a gente pode mudar ou melhorar ele.

Pesquisador: Sim, legal! E Túlio, eu não sei se você já deu aula para o infantil, ensino infantil aqui não, né? (**Professor entrevistado:** Não, não, na educação infantil, formal eu nunca atuei.)... Tá, ok. Mas eu sei que no Fundamental 1 você deu aula. (**Professor entrevistado:** Sim, no Fundamental 1, Fundamental 2 e Médio sim, e na educação infantil, minha experiência com a educação infantil foi na direção do -inaudível – outra instituição-)... Tá, então assim, só infantil você não deu aula, mas obviamente você fez parte de todo esse processo, os professores conversam entre si, eu já estive aqui, sei disso, qual as diferenças que você enxerga, as especificidades que vocês levam em consideração para cada ciclo, para o infantil, Fundamental 1, Fundamental 2 e Médio, na hora de desenvolver as aulas, o currículo, para colocar em prática? O que vocês levam mais em consideração e veem de diferente em cada um dos ciclos?

(RESPOSTA 6) Professor entrevistado: Bom, para a educação infantil, porque a educação infantil não tem componentes curriculares, não é como no Fundamental e no Médio, então apesar de ter a educação física aqui na educação infantil, ela não é um componente curricular, então ela não entra, quando a gente faz essa proposta de reformulação, a educação infantil não entra nessa proposta de reformulação, então ela entra a partir do Fundamental 1. Mas, assim, eu fiquei pouco tempo no Fundamental 1 aqui na motivação, mas o que eu vejo aqui da organização do Fundamental 1 é que se leva em consideração muito a questão inicial em relação a posturas, a atitudes em relação aos jogos, às brincadeiras, aos esportes, que vão dar a base para tudo o que vai vir depois em termos de desenvolvimento dessas atividades. Então, jogos cooperativos, jogos competitivos, a questão da relação entre companheiros, entre adversários, e já uma sementinha ali, então jogos que envolvam as atividades de atletismo, jogos que envolvam ali as atividades dos esportes de invasão, de rede divisória, então não necessariamente, a gente fala que é o vôlei, é o vôlei mas não é o vôlei, vamos fazer fundamentos... (**Pesquisador:** jogos adaptados), a gente não gosta de falar em jogos pré-desportivos, mas são jogos que dão a iniciação para o que vai vir, para a base do que vai vir depois. E no fundamental, a gente já consegue aprofundar um pouquinho mais, então já entra mesmo com vôlei, handebol, basquete, o futsal, pegando aí o quarteto fantástico, mas já outros, o atletismo mesmo, outros conteúdos que a gente já consegue desenvolver, e para

além deles praticarem, a gente quer que eles entendam a modalidade, entendam de onde veio, porque que é assim, o que pode ser, esse movimento de desenvolvimento do esporte, e não só a prática dele, mas também, que é importante, e já no ensino médio, a gente já consegue retomar, avançar um pouco mais na dinâmica, principalmente da prática, e do jogo, principalmente das modalidades, e aprofundar um pouco mais nas discussões, como a gente retoma, por exemplo, o vôlei no ensino médio. Poxa, a gente já viu fundamentos, já viu história, já viu questões técnicas, táticas, de sistemas de jogo, o que mais que a gente pode aprofundar? **Então a gente traz discussões da relação de gênero e sexualidade envolvendo o vôlei, pega o vôlei ali como um exemplo, no basquete, o que a gente pode fazer, além de praticar, mas a gente pega a questão do racismo para discutir o basquete. Então a gente vai envolvendo outras discussões, outras formas de aprofundamento, até porque eles já estão mais maduros, já conseguem se envolver um pouco mais, discutir mais aprofundadamente essas questões, para além da prática. E na prática também, é claro que a gente vê um desenvolvimento de qualidade ali na prática. Lógico que a gente tem uma coisa fundamental, um e dois, é a motivação deles para fazer as aulas. Eu acho que isso vai mudando ao longo dos anos, até porque as expectativas, os interesses deles vão mudando também. Então eu acho que isso é um fator principalmente no ensino médio, essa questão de motivá-los, de tentar mantê-los interessados ali na atividade, eu acho que isso é um ponto forte dessa proposta de diversificação também.** O que eu falo para eles é, em algum momento, algum dos conteúdos vai te interessar um pouco mais, vai tocar naquele ponto que você gosta um pouco mais, e outros não, e está tudo bem, nem todo mundo gosta de tudo. **Mas a ideia é justamente essa, de mostrar as N possibilidades, o máximo de possibilidades possíveis que a gente tem a partir da estrutura, a partir do mundo, mas tentar diversificar ao máximo e trazer esse conhecimento, esse corpo de conhecimento, porque eu gosto de falar que a educação física a gente lida com conhecimento, é algo que a gente tem para ensinar, para compartilhar, para socializar, e algo que foi construído em termos de cultura corporal.**

Pesquisador: Legal! Você comentou, quando você estava falando fundamental 1, da cooperação, mas a gente tem na escola o famoso Festival da Integração, e de todas as escolas que eu também já estagiei, sei lá, até em disciplinas da educação física lá na Federal, a gente visitou escolas, então já passei por algumas, e claro, várias delas tem projetos bacanas no tal dos jogos interclasses, mas o festival é algo diferente tudo que eu já vi, e quando eu falo para colegas meus, é diferente. Quando surgiu o festival, você sabe? Não sei se é mais antigo que isso, e se você tem noção se era mais aquela ideia do campeonato dos jogos interclasses, vou dar nomes só para diferenciar, jogos interclasses e festival, mas aquela competição que existe, claro, quando a gente vai jogar, mas a motivação faz várias outras atividades, vários outros projetos em volta que envolvem essa cooperação, essa integração, como o próprio nome diz, e queria saber de você, se você sente que mudou, conforme os anos, ou se desde que você chegou aqui é assim, sua visão em relação ao festival.

(RESPOSTA 7) Professor entrevistado: Eu acho que antes de eu entrar, tinha outro nome, eu acho que o festival surge como um interclasses, ou algo do tipo, e o festival integração já teve vários formatos, de todos os blocos, já teve vários formatos, eu acho que o diferencial do festival integração, que você fala de outros interclasses, outras atividades em outras escolas, é o envolvimento da equipe inteira do bloco que está desenvolvendo o festival daquele momento, é um projeto da educação física, da equipe de educação

física, mas quando a gente pensa ele, a gente tenta envolver todos os professores, para que as atividades não fiquem só nas atividades esportivas, porque a gente sabe que nem todos os alunos têm intimidade, familiaridade, e gosto pelas atividades esportivas, então a gente vai para os professores, o que você pode trazer de atividade para envolver esses alunos, e essas outras áreas, dentro dessas semanas?

(Pesquisador: Interdisciplinaridade também, né?)... Também! Tem vários professores que trabalham juntos, vamos fazer uma prova de conhecimento gerais, vamos fazer uma prova de arte, música, culinária, enfim, aí surgem várias coisas, de jogos eletrônicos já teve, já teve diversos, de fotografia está tendo dessa vez, então tem muita coisa, justamente para tentar sair um pouco dessa coisa só da competição, que a gente sabe que tem nos esportes, é importante trabalhar isso também nesses momentos, e explorar tudo que a escola tem para oferecer. E atualmente a gente tem três formatos distintos de festival de integração, então no Bloco Verde, Bloco Amarelo, Bloco Azul, que já faz alguns anos que a gente mantém esses formatos, e que foram construídos, foram pensados justamente levando em consideração a característica de cada bloco, de cada nível de ensino. Então no Bloco Verde tem um festival muito mais de jogos, tanto cooperativos quanto competitivos, mas que o esporte e a coisa do ganhar fica um pouquinho mais de lado, o negócio é eles estarem jogando juntos, estarem brincando, não tem uma coisa de sala contra sala, então essa coisa da competição fica um pouco mais diluída no meio das atividades durante a semana. No Fundamental 2, no Bloco Amarelo, já tem a competição, já tem a questão das modalidades, alguns jogos a gente colocou também, mas a gente não quis colocar, e a gente mudou isso já faz alguns anos, a questão da sala contra sala. Então a gente monta, divide o Bloco em quatro grandes equipes, com alunos do sexto, sétimo e oitavo ano, e são essas equipes que vão representar, então a gente tem disputas que a gente chama de horizontais e verticais, então dependendo do jogo ou da modalidade vai jogar só quem é do sexto ano da Equipe Amarela, contra quem é do sexto ano da Equipe Rosa, e já tem alguns jogos, algumas modalidades, que vai misturar todo mundo, vai jogar sexto, sétimo e oitavo da Equipe Amarela, contra sexto, sétimo e oitavo da Equipe Azul, então rola a proposta de acontecer mais integração do que realmente tinha. E aí no Bloco Azul que a gente mantém um formato que já foi usado nos outros blocos, mas que a gente viu que fazia mais sentido mesmo no Bloco Azul, que tem a questão da sala, daquela relação que eles desenvolvem ao longo do ano, ao longo de vários anos, então eles jogam com a turma, pela turma, eles desenvolvem, criam uma camiseta da turma, fazem as provas, a turma toda junta, e joga uma turma contra a outra, então tem essa coisa da turma. Mas é isso, então atualmente os festivais a gente foi mudando e eles têm em cada um deles um formato pensando na especificidade de cada bloco.

Pesquisador: Por fim, eu sou um exemplo dessa pergunta, porque a educação física que eu tive, que estudei aqui, trabalhei aqui como estagiário, mas assim, querendo ou não, estando aqui muda demais a visão do que pode ser educação física, e muda para um lado totalmente positivo. E queria saber de você, eu sou um exemplo disso, mas se você sente, se você já percebeu ou não, que a escola e a educação física na escola já foi um ponto de partida, uma sementinha criada em alguns alunos que talvez depois quiseram fazer educação física? Ou se não fazer educação física, que nem você falou, às vezes não tem intimidade, gosta de outra coisa, mas que talvez não gostava de participar e agora gosta, se você sentiu que isso fez parte e se essa mudança tocou os alunos de verdade, as vezes para mudar a visão de alguns, e outros seguirem até querer carreira.

(RESPOSTA 8) Professor entrevistado: Ah, eu acho que sim, a gente tem vários exemplos aqui de alunos que foram fazer educação física, e eu acho que assim, tem a questão da forma como a educação física é organizada, mas acho que tem uma coisa de quem gosta da educação física, quem gosta de praticar alguma coisa, eu acho que vai gostar de qualquer jeito. **Mas a ideia é pegar aqueles que não gostam, de tentar incluir também esses alunos que não tem tanto gosto, não tem tanta familiaridade, não tem tanta desenvoltura, não tem tanta aptidão, e mostrar que a questão aqui não é rendimento, não está para ser melhor ou pior, mas a gente está lidando com conhecimento, por exemplo, vôlei é uma modalidade histórica, está aí há muito tempo, como foi desenvolvida, como foi criada, então é um conhecimento que a gente quer que o alunos se apropriem, não só pegando o exemplo do vôlei.** Mas eu gosto de acreditar que sim, que a gente influenciou de alguma forma, eu acho que além da educação física a gente tem a questão aqui da relação com os alunos, das atividades extracurriculares que a escola oferece para além da educação física, de atividades esportivas, de jogos, de dança, de lutas, enfim, que às vezes não somos nem nós que oferecemos, mas que trazem outras possibilidades de movimento para o pessoal, que ajuda e que estimula, né, nessa descoberta de ah, eu não gosto dos esportes com bola, mas eu gosto de dança, eu gosto de capoeira, eu gosto de, sei lá, de tantas outras coisas aí que a gente pode fazer. Não sei se eu já vi um caso de algum aluno que não gostasse e no final foi fazer Educação Física, mas alunos que, ah, eu não gosto de futsal, mas no conteúdo de Ultimate Frisbee estava ali super, né, e isso é legal, né, e eu falo justamente é o que a gente fala pra eles, né, nem tudo vai agradar todo mundo, mas a ideia é que algum momento, alguma coisa te dê um pouco mais de prazer, que você goste um pouco mais, mas independente disso, né, do prazer, do gostar, é importante aprender.

(Pesquisador: E até o que você falou, que se a pessoa já gosta, acho que ela vai gostar de qualquer jeito, tipo, na Educação Física é muito comum você ver alunos falar, na Educação Física na faculdade, eu já presenciei isso, de aluno falar que faz Educação Física porque teve uma ótima formação de Educação Física e alunos falarem que fazem porque tiveram uma péssima, né?)... E quer fazer diferente. **(Pesquisador:** Exatamente, sim. Então é muito comum. Então é isso. Muito obrigado.) E eu vou te mandar, ah, é só pra não esquecer, na verdade, vou dar até de chave pra não esquecer. Isso tudo, né, enquanto a gente tava fazendo essa reformulação, né, e montando essa proposta, a gente acabou participando, principalmente eu, de alguns eventos. Então eu mandei resumo pra evento em Rio Claro, mandei coisa pra evento em São Paulo, e tem até um vídeo no YouTube que eu falo justamente especificando tudo, da forma como a gente fez a construção, e eu vou te mandar o link, porque eu acho que você pode usar como material aí também pra dar um respaldo. Beleza, eu te lembro disso.

Pesquisador: Vai que vai ser legal. Enfim. Obrigado, Túlio.

Apêndice B – Transcrição da entrevista com o professor Rafael:

Entrevista Rafael

Pesquisador: Então, beleza. Primeira coisa, vou só pedir pra você, eu te conheço, vou pedir pra você se apresentar, falar seu nome, nome completo, idade, sua formação, há quanto tempo você é professor, enfim.

(RESPOSTA 1) Professor entrevistado: Beleza, então eu sou Rafael Santos, me formei pela Federal de São Carlos, fiz licenciatura, me formei em 2007, mais um ano, então em 2008 formei em bacharelado, e aí desde 2008 atuo na rede particular de ensino de São Carlos, como professor de fundamental 1, fundamental 2 e médio, e desde 2010 eu sou efetivo da Prefeitura Municipal de São Carlos, trabalhando com educação infantil.

(Pesquisador: Tá, boa. Você tem pós-graduação ou alguma coisa?)... Então, depois de eu me formar em 2008, eu ingressei na especialização em educação física escolar na Federal e terminei em 2010, então a minha pós-graduação é essa.

Pesquisador: Legal, boa. Bom, a primeira pergunta, e talvez a mais importante, você participou de início ao fim do que é o Projeto Curricular de Educação Física hoje aqui na motivação, né? E enfim, eu queria que você contasse quando começou, como surgiu, o seu papel nisso, a sua visão nisso, porque foi dito antes, fiquei sabendo também, você encabeçou um material de estudo, não foi algo do tipo? Então eu queria saber como foi esse processo, quais aspectos vocês levaram em consideração para construir o que é a educação física hoje, enfim.

(RESPOSTA 2) Professor entrevistado: Bom, então eu entrei aqui na escola particular, chama Motivação, entrei em 2008, e aí pela minha formação, muito voltada para a cultura corporal de movimento, eu primeiro cheguei e com pouca experiência comecei a dar aula nos modos que a escola já andava. **Então na época de 2008 eu era Educação Física separada, meninos e meninas, e basicamente eram trabalhados os quatro esportes coletivos mais tradicionais, basquete, vôlei, futebol e handball.** Na época tinha uma colega, chamada Adriana, que ela também tinha uma formação mais nova, ela havia sido estagiária da escola, e aos pouquinhos eu e ela a gente começou a introduzir conteúdos de maneira isolada. Então a gente, sei lá, não vou lembrar o certo quais eram os conteúdos, mas eu tenho isso anotado se você precisar. Ah, trabalhamos, sei lá, um dia badminton, aí trabalhamos, beleza, dali um mês, dois meses trabalhamos outro conteúdo de maneira isolada, não com uma sala determinada, enfim. E aí com o passar dos anos, a gente foi tentando organizar isso de maneira mais sistemática, pensando nas séries e nas idades. A Adriana saiu pouco tempo depois, nesse processo o Túlio, que é meu atual colega, ele se tornou meu estagiário, e aí a gente começou a se debruçar de maneira mais ativa. E aí o que a gente pensou? Pegamos o caderno de estado que existia na época, olhamos lá o que eles tinham de proposta, fizemos adaptações no que a gente pensava da nossa experiência. Então, sei lá, putz, o futebol americano é algo muito difícil para um sexto ano na nossa cabeça, na nossa prática, vamos colocar ele para os mais velhos então. Então a gente meio que na sorte foi separando conteúdos e distribuindo entre as salas. Então teve uma referência ao material do estado, mas também foi um pouco do nosso olhar. E aí a gente, nessa época, teve uma assessoria dos professores da Federal, do Glauco e do Osmar, eles vinham aqui, não lembro com que frequência, era uma vez por mês, a gente conversava sobre, falava e dava nossas ideias,

eles falavam também, e a gente foi fazendo essa construção. Depois dessa construção, quando a gente determinou os conteúdos que a gente trabalharia em cada ano, basicamente a gente buscou fazer planos de aula de cada conteúdo e a descrição das aulas. Então isso tudo eu tenho arquivado também. Então, sei lá, fazia um plano de aula de basquete para o sexto ano. Então fazia um plano bonitinho. Ah, as matérias que vai precisar, o espaço, não sei o que lá, quatro aulas. Aí cada aula tinha uma descrição para a gente ter uma base do que seria trabalhado. Isso foi muito importante, porque nos anos seguintes a gente tinha esse olhar e aí fazia pequenas adaptações nas aulas a partir da nossa avaliação. Então, sei lá, putz, esse jogo aqui é legal, dá para manter. Esse pré-desportivo não funciona, mas eu vi esse outro e vou tentar. Então eles foram, esses planos serviram de base para que a gente ministrasse essas aulas tão diferentes, tão diversas.

Pesquisador: Tá, da hora. Você comentou, né, das bases que vocês utilizaram, também experiências de vocês para montar as aulas. Os currículos norteadores geralmente servem muito de base para a rede pública, no caso você trabalha na rede pública. Embora você trabalhe na rede infantil, né, então no ciclo infantil, que é algo que não tem muita base, assim, pelas vezes que eu estudei e pesquisei também. Então, por exemplo, a BNCC, o Currículo Paulista, vieram depois, né, que vocês participaram desse processo, mas o que foi importante, tipo, a vinda deles, o que vocês usaram também como referência, porque foi falado antes também que muito do que vocês já faziam estava lá nesses currículos, né, que vieram depois.

(RESPOSTA 3) Professor entrevistado: É, na verdade eu acho que a base de tudo foi a graduação, né, então olhar para a cultura corporal de movimento, né, o deixar de trabalhar somente os quatro grandes, deixar de trabalhar somente a técnica, então assim, é o processo pelo qual a educação passou ao longo dos anos, chegando no modelo atual, que eu entendo que é o melhor, né. **Na época, o nosso maior apoio, além da graduação e das reuniões que a gente fez com os professores, né, com o Osmar e com o Glauco, eu acho que foi o material que o Estado desenvolveu, né, era um material que ele não tinha um olhar específico para cada escola, para cada região, era um material que servia para o Estado todo, e aí não tinha o olhar do professor para aquilo, né, alguém que fez e falou assim, ó, faça, mas ele serviu para trazer muitas coisas, por exemplo, lá no material trabalhava-se jogos de tabuleiro, xadrez e dama, foi algo que a gente incorporou no nosso currículo, né, trabalhava, sei lá, esgrima, a gente incorporou, então tinham conteúdos lá, que a gente acabou tendo um olhar para o conteúdo, e aí a gente incorporou da nossa maneira, determinamos a série, e aí nós montamos o plano de aula em cima do conteúdo, nós não copiamos, nós não pegamos o plano de aula deles e fizemos, e até por isso que depois a gente fazia esses planos de aulas, as aulas, a gente montou os materiais de estudo, né, pensando, o Estado fez uma apostila legal, vamos fazer a nossa, e aí foi um trabalho também de muita pesquisa, muito estudo, porque não era um copiar e colar, era tentar achar os referenciais, e isso, na época, né, 15 anos atrás, era muito pobre, você entrava no site do Comitê Brasileiro de Tênis de Mesa, não tinham as regras lá, então você tinha que buscar em vários lugares, né, confiáveis e ver assim, putz, aqui tem 4 lugares que a história do Tênis de Mesa é essa, e tem dois que é essa, então assim, você precisava achar as fontes que você julgava confiável para montar o material, então foi o que a gente fez, e a gente utiliza até hoje, né, muitos precisam de uma atualização, mas enfim, é algo bastante demorado, bastante, que demanda bastante tempo, então esses materiais também estão todos arquivados, aí se você precisar utilizar.**

Pesquisador: Boa, bacana. Queria saber também de você, pela experiência que você tem, né, teve aqui na Motivação, com os seus professores, na construção desse currículo, aqui na Motivação, né, você não dá aula no infantil, mas você é professor do infantil, então acho que a sua visão sobre essa parte também é muito importante, mas também principalmente naquelas que você atua aqui na Motivação, Fundamental 1, 2 e médio, o que vocês levaram e levam mais em consideração na hora de montar esses planos, tipo, o que vocês querem que, tanto na parte teórica quanto na prática, que os alunos do Fundamental 1 recebam e atribuam conhecimento, do 2, do Médio, enfim.

(RESPOSTA 4) Professor entrevistado: É, aqui na Motivação a gente tem a estratégia de fundir infantil, e o Fundamental 1 trabalha muito os jogos e brincadeiras, né, jogos pré-desportivos, brincadeiras, estimulação, envolvimento, a gente não prioriza os esportes, a gente faz os esportes, mas através de jogos pré-desportivos e brincadeiras. No Fundamental 2 e Médio, aí sim, a gente já traz os esportes, e o que nós pensamos quando nós montamos é sempre trazer um apanhado histórico da modalidade, então, da onde ela surgiu, da onde ela veio, as regras básicas e aí a dinâmica do esporte, então, foi mais ou menos esse modelo que a gente adotou, né. Então, todos os materiais, eles têm lá um apanhado histórico, tem as regras básicas e aí fala da dinâmica do jogo. Então, basicamente foi isso que a gente pensou. E aí você falou na outra pergunta, né, sobre o BNCC e tal, vem 2018, se não me engano, e aí quando a gente pegou a BNCC e olhou, nosso planejamento estava pronto já há muito tempo, né. Sim. Então, a gente só teve que fazer pequenos ajustes de, putz, olha, esse conteúdo aqui a BNCC fala para trabalhar nesse ano, a gente está trabalhando no ano antes. Então, pequenos ajustes que a gente fez só para contemplar a BNCC e a gente faz além do que a BNCC preconiza. Então, para nós foi bem fácil essa transição com a visão da BNCC.

Pesquisador: Boa, da hora. E vocês, tipo, nesses planos de aula, enfim, nos currículos, ano após ano, ou enfim, seja, sei lá, porque em outra entrevista também foi dito que, assim, eu acho que vocês esperam uma turma, por exemplo, completar um ciclo, né, às vezes de fundamental 1, e aí vocês reveem o que precisa mudar, o que vocês acham que foi bom, o que foi ruim, enfim, pode ser ano após ano. Como que é esse processo para vocês de releitura, de vocês estarem se atualizando também, né, porque querendo ou não, as turmas vão mudando, as especificidades são, obviamente, não são as mesmas. Como que vocês se revisam, assim, em termos dos planos?

(RESPOSTA 5) Professor entrevistado: É, diferente de outras disciplinas, né, por exemplo, sei lá, matemática você tem que ter pré-requisitos para caminhar, né, então, sei lá, o professor que não cumpriu o conteúdo no ano anterior ele precisa terminar para ter o pré-requisito. A gente, em muitos dos nossos conteúdos, não tem esse pré-requisito, né, então a gente tem a estrutura fixa desses conteúdos, e com a experiência, o plano de aula, ele fica meio que na cabeça, né, então, sei lá, eu vou trabalhar basquete, eu dou uma olhada no plano de aula, mas eu já tenho em mente o que eu tenho que fazer. Se eu faço pequenas anotações, falo, ó, vou fazer esse jogo, trabalho essa regra, não sei o que, sei lá, beleza. O que que rola do um ano para o outro, cara? Às vezes a gente faz formações, e aí na formação você tem outro olhar para algumas coisas, ou você aprende um jogo diferente, ou algo que não estava rolando muito legal, né, você pode modificar, mas o esqueleto da aula, ele acaba sendo

replicado de ano com o ano, né. O que eu tenho feito muito é trabalho cada vez mais pré-desportivos, pautado na pedagogia do jogo, então sim, é o que eu tenho buscado, é isso. Raramente trabalho técnica dos esportes, então não fico jogando bola de um lado para o outro, mas eu faço isso através da pedagogia do jogo, então é um pouco isso. Acho que a experiência traz essa facilidade na hora da aula. Não é que eu venho para a aula sem saber, não, eu venho já com tudo anotado, mas eu não fico lá decorando, ai, se eu faço esse jogo aqui, como é que é, eu bati o olho e já sei como é que é.

Pesquisador: Sim, legal. No começo, como foi a adesão, assim, dessas, da diferença, dessa quebra de parâmetro, né, do que era, e quando vocês começaram a discutir, desenvolver tudo isso, como foi a recepção, acho que tanto da escola, porque eu, como já estive na escola, já trabalhei, fui aluno, enfim, é uma escola, pelo menos desde quando eu estive presente, seja como aluno ou estagiário, ela tem uma interdisciplinaridade muito grande. Acho que até um exemplo, que dá para a gente falar depois, se você quiser, do festival de integração, que é algo, e até de outras escolas que eu já estagiei, enfim, é bem diferente. Tipo, na minha cabeça, assim, você tem o Jogos Interclasses e o Festival de Integração, pelo menos daquilo que eu experienciei. Então, como foi a recepção tanto da direção, dos outros professores, e principalmente dos alunos também? Porque, assim, querendo ou não, a gente vê muito da, enfim, a educação física, historicamente, ela acaba tendo aquela visão muito de momento para brincar, momento para descansar, enfim, a gente sabe que não é isso. Então, como foi ter essa mudança para os alunos, a participação deles, a evolução durante esse processo?

(RESPOSTA 6) Professor entrevistado: É, são vários aspectos aí, né? **E assim, passaram-se alguns anos, mas eu lembro que a molecada perguntava assim, né, toda aula, vai ter futebol? Não, não vai ter futebol. Vai ter handball. Aí na outra semana, vai ter futebol? Não, vai ter hoje basquete. Vai ter futebol? Não. E aí, com pouco tempo, né, e aí não vou saber te precisar, se foram dois, três meses, a pergunta passou a ser assim, ó, o que vai ter hoje? Aí a gente já percebeu uma mudança.** Então, assim, com a molecada, no começo, principalmente com os mais velhos, que estavam num ritmo cíclico, né, de atividade, foi mais difícil, mas com os mais novos que já foram crescendo, assim, já virou algo natural. Com a comunidade da escola, né, com os colegas, por exemplo. Eu entrei na motivação em 2008 e eu ouvia muitas brincadeiras, né? Ah, você vai lá jogar bola? Você vai lá não sei o quê? Então, é cultural que a educação física, ela é desvalorizada, né? Então foi uma luta de mostrar o valor e mostrar que o nosso trabalho não era igual ao que era comum, igual ao que talvez tenha sido na minha época, né? E era isso, os meninos jogavam futebol, os meninos jogavam vôlei. Então foi uma forma de passo a passo também mostrar e valorizar e fazê-los enxergar que era uma educação física diferente do que eles pensavam. E aí o ponto importante nisso tudo, cara, foi a escola em si, porque a direção nos apoiou nesse projeto, as coordenações nos apoiaram, né? Tinham os seus olhares, né? **Então, por exemplo, eu lembro que no começo eu queria passar um filme e aí o coordenador chegou pra mim e falou, não, mas a educação física é prática, você tem que ir pra quadra. Então assim, a gente tinha que provar o tempo todo e justificar o que a gente fazia, né? Isso foi no começo, né? Depois disso, depois não, a gente sempre teve autonomia pra isso, né? Mas esses olhares duvidosos, eles deixavam de existir.** E aí cada vez mais começou a aparecer, nossa, a educação física de vocês é diferente, o que vocês fazem eu não vejo em nenhuma outra escola. Então assim, porque os colegas trabalham em outros lugares, né? Então eles tinham o olhar do que era o normal, né? O que acontecia sempre e o olhar daqui. E aí a gente começou aos pouquinhos

ganhar esse respeito da nossa área, do nosso trabalho. E isso é cultural, cara. Isso eu passei na minha casa, na minha família, que quando eu falei que eu ia fazer educação física eu tinha os meus tios que falavam, meu, mas você vai morrer de fome, você vai fazer o que da vida, não sei o que. Então assim, é cultural. Até hoje as pessoas acham que sabem de educação física, todo mundo acha que sabe, né? E enfim, são outros tempos, né? Então assim, não é mais o que era. Ou não deveria ser mais o que era.

Pesquisador: Com alguns resquícios até. Seja na parte da zoeira ou não, mas tá diminuindo bastante. Inclusive, complementando essa pergunta, a escola como uma cooperativa, né? A comunidade em torno dos pais, em torno assim, ou você nem viu essa diferença? Porque é claro, já é algo distante, né? Você é professor, aí tem um aluno na escola. Essa visão foi geral também? Nas famílias, enfim. Aí imagino que para um lado positivo também.

(RESPOSTA 7) Professor entrevistado: Bem, eu acho que é difícil eu lembrar, né? Estou te falando, mas a gente teve menos influência dos pais, né? Apesar de hora ou outra a gente ouvir algum aluno falando alguma coisa que parece que vem de casa, né? Então sei lá, vai ter aula teórica, mas a aula tem que ser na quadra. Então assim, parece que às vezes tem essa fala e acho que é normal também, porque se vem essa fala é porque talvez os pais não conheçam o trabalho. Então a referência que eles têm são as aulas deles. Os pais devem ter, sei lá, 30, 40, 50 anos, talvez eles tenham tido a educação física como ela era, pequena, né? Daquele jeito. Futebol, vôlei, basquete, assim. Há uma desconfiança, mas acho que coisas pontuais, assim. Então a gente não sofre essa interferência, a gente não sofre interferência no trabalho, não tem essas questões, mas hora ou outra aparece algum pontozinho aí que você tem que chegar lá, chama a família, conversa, justifica e pronto.

Pesquisador: Sim. Nas aulas em si, tipo, até hoje, qual... acho que dá a sua visão, pode dar como um geral ali, como um currículo, assim, como uma equipe de educação física, mas sua também, como você... o que você vê de mais dificuldade, assim, quando vocês entregam esses conteúdos, que é um conteúdo... pô, eu posso... fui... cobaia disso... muito completo, assim, mas... o que vocês sentem, assim, que tem mais dificuldade nas aulas mesmo, assim, na prática, eu digo, né, não na atividade prática, mas dentro da turma, da sala de aula, o que você sente que é mais...?

(RESPOSTA 8) Professor entrevistado: Cara, eu acho que assim, depois de 18 anos na escola, o que eu sinto mais dificuldade é, talvez, manter a capacidade criativa, assim, porque a gente inventou tanta coisa, cara, e que pra nós virou um negócio trivial, né? Você já faz, assim, então... você criar mais coisas, você trazer mais coisas, acho que é o que mais pega hoje pra mim, assim. **(Pesquisador: Mas é uma boa dificuldade, eu diria.)... Você tem a motivação da molecada, né, você tem outros desafios, por exemplo, com os aparelhos eletrônicos, né, então mantê-los motivados é difícil, às vezes, fazer os... entender a importância da aula, né, principalmente os mais velhos, mas assim, com o tempo, a gente acaba sabendo lidar um pouco com essas coisas.** Então hoje, assim, o meu questionamento é, putz, até quando eu posso criar e melhorar e trazer coisas novas, inovar, né? Então é difícil. Pouco tempo atrás, eu escrevi pra um cara da minha turma, o Glauco vai lembrar, do João, e o João trabalha numa escola de Campinas, que é referência aqui pra nossa escola, chama

Comunitário de Campinas. E aí, eu acompanho ele nas redes sociais e escrevi pra ele perguntando, né, como é que ele fazia os jogos interclasses dele, por quê? Porque a gente tem essa impressão de que talvez o nosso não seja o suficiente, mas no fim das contas, cara, as coisas, elas vão andando meio que iguais, né? Então assim, o que eles fazem lá não é nada demais do que a gente faz aqui, nem a gente faz muito melhor do que eles, assim, são coisas que a gente sai da zona de conforto, mas que a gente quer mais. Então assim, hoje o que eu penso é isso, que capacidade criativa talvez seja a minha maior ansiedade, assim, de criação, de buscar coisas novas e tal.

Pesquisador: Entendi, legal. Bom, pra finalizar, essa pergunta, porque eu fui um exemplo disso, né, de talvez eu até faria Educação Física se seguir esse caminho independente de qualquer coisa, até porque quando você entra não só na Federal, mas quando você conhece várias pessoas que é da Educação Física que estão estudando, são por diferentes motivos, né, eu escutei muito que, ah, porque eu tive uma Educação Física, uma formação muito boa, então quero seguir, ah, porque eu tive uma muito ruim, então quero mudar, sabe, então tem muito disso, mas se você percebeu, porque eu fui um exemplo disso, de ter Educação Física aqui, você sabe, é o ideal, acho, de todo futuro professor de Educação Física, aqui é um exemplo muito bacana. Se você sentiu isso dos alunos, que você plantou aquela sementinha, não necessariamente pra fazer Educação Física como carreira, mas às vezes que não gostava de participar e agora gosta, que não gostava de um esporte, de uma modalidade e agora gosta?

(RESPOSTA 9) Professor entrevistado: É, acho que a missão é essa, né, meu. **Eu falo muito que essa história de trabalhar muitos esportes é pra que aquelas crianças, aqueles jovens que não gostam do vôlei ou do futebol, que eles achem o esporte pra vida deles, né. Então a gente tem avaliação aqui, escrita, tem não sei o que, mas no fim nosso objetivo não é esse, o objetivo é que eles aprendam e que eles encontrem um esporte pra vida, né.** Eu não tenho esse dado estatístico de antes e depois, né, quantas pessoas da Motivação foram fazer Educação Física antes desse processo todo nosso e quantas foram fazer depois. Mas depois foi bastante gente, cara, então assim, sei lá, mais de 10, com certeza, assim, posso até buscar na memória, mas muita gente foi fazer e eu acho que teve uma grande influência nossa, assim, né, de como a gente trabalha, de como as pessoas nos enxergam e como essas relações elas foram construídas. Então assim, essa influência profissional, eu acho que ela existe, sim, e a influência pra vida, cara, eu acho que a gente planta alguma coisinha, né, pra que eles sejam ativos, pra que eles busquem um esporte ou pra que eles tenham um conhecimento cultural das coisas, né. A gente vive numa escola do poder aquisitivo bastante alto em que a molecada viaja. Então assim, o simples fato deles viajarem pra um lugar que tem uma cultura diferente, tem um esporte diferente que nós trabalhamos e eles lembrarem, eu acho que a gente fez o nosso papel e trouxemos essa influência. E hoje, cada vez mais, eu busco ter um olhar também pra pessoas que têm mais dificuldade de relacionamento, dificuldade em casa, com família. Então assim, eu tenho me aproximado muito dessa galera durante a aula, tentado conversar, pra também ter essa referência de, putz, posso contar com ele, posso falar com ele. Isso também foi uma forma que eu também me reinventei. E eu não era assim, sempre fui um professor de ter boas relações, mas esse olhar pra algumas pessoas especificamente que, na minha visão, precisam de ser ouvidas, de falar também, foi uma forma nesse tempo de eu me reinventar também. **(Pesquisador:** Da hora. Muito obrigado pelo seu tempo.) Da hora, mano!

*Apêndice C – Transcrição da entrevista com a professora Cláudia:***Entrevista Cláudia**

Pesquisador: Bom, primeiramente, Cláudia, só uma apresentação sua, seu nome completo, idade, sua formação, há quanto tempo você dá aula, se você tem pós-graduação, enfim.

(RESPOSTA 1) Professora entrevistada: Tá, meu nome é Cláudia. Eu me formei na UNESP de Rio Claro em, acho que em 86, acho que é. E eu fiz uma pós-graduação aqui pela, na época era FESC com a Federal em Fisiologia do Exercício. Mas eu sempre trabalhei com a educação física escolar. Quer dizer, os dois primeiros anos eu trabalhei no SESC, naquela parte do clube que você faz instituto. E aí eu estou aqui na motivação há 30 anos já, com a educação física escolar. **(Pesquisador: Você tá na motivação desde o início da escola?)**... Eu entrei em 95 e a escola começou em 94. Eu participei daquele primeiro processo de seleção e fiquei a próxima a ser contratada. E no ano seguinte eu entrei.

Pesquisador: Entendi, legal. Então, pô, história aberta. 30 anos. Então assim, Cláudia, primeiramente eu vou começar talvez com a pergunta principal. O projeto curricular que hoje tem a educação física aqui na motivação, surgiu ali em 2010, um pouco antes, um pouco depois, enfim. E eu queria que você falasse, claro, quando surgiu, como surgiu da sua perspectiva, sua visão, sua participação nisso, o que vocês como professores levaram em consideração para montar esse projeto que se tem hoje aqui na motivação.

(RESPOSTA 2) Professora entrevistada: Então, quando eu me formei e eu vim trabalhar aqui, eu trabalhava com as pessoas que tinham se formado na minha época. Aí depois, com o tempo, veio o Rafael, o Túlio, inclusive, foi nosso estagiário aqui para depois começar a trabalhar com a gente. **E eles trouxeram essa proposta desse novo currículo, porque a gente trabalhava algumas coisas diferentes, mas não nessa proposta do currículo de vários esportes, tal. A minha participação foi muito pequena, porque eu não trabalhava com... Logo que eu entrei aqui, eu entrei para trabalhar com o rosa e o verde, que seria infantil e fundamental 1. Em um ou outro momento, eu pegava algumas aulas no fundamental 2 ou no médio, mas sempre assim, meio para cobrir buraco, e aí eu acompanhava o que estava sendo feito.** Eu participei das conversas com o grupo de educação física sobre a proposta, mas assim, o Rafael e o Túlio estavam muito prontos para fazer essa mudança. A Samanta pegou um pedaço também para fazer essa mudança, ela ajudou, e eu, no conteúdo mesmo, eu ajudei mais ou menos na época da pandemia, porque aí a gente teve que assumir, cada um assumiu... Na época, eu dava aula para a segunda série do médio, e aí a gente teve que refazer algumas coisas por conta da maneira como foi trabalhado. **Agora, o que eu acho que foi muito bacana para mim é, assim, ter recebido, e ter recebido bem essa nova proposta, porque tem pessoas da minha idade, na minha época de formação, que até hoje não aceitam esse novo currículo. Acham que é tempo desperdiçado, que os alunos precisam ter só a prática, que tudo bem que durante a prática você passa o conteúdo, isso acontece em qualquer momento da aula de educação física, mas tem professores que acham que não tem que parar a aula para você passar um determinado conteúdo, mas tem alguns conteúdos que é impossível você passar apenas durante a prática. Então, você precisa desse momento, pela experiência que eu tive com os meus colegas e que foi muito bacana, a gente tem que parar, ou no**

começo desse conteúdo, para passar essa parte teórica, para que as coisas se desenvolvam e a gente comece a corrigir as coisas que não estão... que tem erros durante a prática, para que a gente possa aprender. Então, a prática continua sendo a base, mas precisa dessa parte teórica. E eu acho que o que deu certo para mim foi eu estar aberta a essa mudança que eles fizeram. Inclusive, participei da reunião que veio o Levi, o professor Levi da Federal, o professor Glauco também, eles vieram dar um apoio para nós fazermos essa mudança. Então, a minha participação foi apenas estar aberta a receber esse novo conteúdo, entender o que estava acontecendo e eu acho que é o grande diferencial da motivação. E só para atrapalhar mais um pouquinho você, por exemplo, foi muito bacana, porque eu lembro que em 2014, que foi a turma que o meu filho se formou, foi o momento que eles descobriram o futebol americano, com uma aula que o Álvaro, professor de História, dá junto com o Rafael e com o Túlio, professores de Educação Física, mais o Milton, professor de Matemática. Então, nesse momento, isso se cristalizou para mim. Como é legal você trazer coisas que, a princípio, eles não vão participar, porque tem a parte teórica e depois vão fazer meio adaptado, mas assim, aquele grupo foi um grupo que se apaixonou. E você vê isso em outras modalidades acontecerem com outras turmas.

Pesquisador: Legal. E comentando também um pouco mais essa parte de teoria e prática, de se complementarem na aula, como você mesmo disse, você viveu esses dois momentos, você falou de colegas que você tinha, que tinham uma visão, hoje você trabalha na escola e você tem outra. Para você, quais as principais diferenças, o quão... e imagino que para você realmente, assim como você acabou de falar, eu tenho a opinião, nós aqui temos a opinião, que é imprescindível você ter a teoria e a prática. Para você, o quão importante é, no que auxilia isso para o desenvolvimento do aluno, essa diferença de ter a prática, de não ser só aquele negócio tecnicista, de desenvolver, às vezes, de rendimento? No que você acha que, para o aluno, dada essa sua experiência, que você teve os dois lados da moeda, talvez, no que esse ensino completo, com teoria e com prática, auxilia para o aluno, no desenvolvimento dele?

(RESPOSTA 3) Professora entrevistada: Eu acho que o desenvolvimento físico, não necessariamente as capacidades físicas, mas a experiência interfere dele buscar uma ou outra atividade. **Então, eu creio que dessa maneira, nós temos todos os nossos alunos, a gente não pode falar todos, mas a maioria, saem daqui na terceira série do ensino médio, com as suas preferências, ou até mesmo com certeza de que aquilo ele não gosta, mas ele teve outras vivências, e ele tendo essas outras vivências, ele tem capacidade de procurar algo como atividade física para ele, na vida jovem, na vida adulta, para que não perca a prática de qualquer que seja essa atividade física.** Então, uma caminhada, uma corrida, mas ele tem o conhecimento para estar fazendo aquilo, não simplesmente sair, caminhar e não estar entendendo nada do que ele está fazendo. Então, e outra coisa também, a questão social, você vai para um hotel num fim de semana, você está sem amigos ou tem um amigo só, e aí o pessoal está jogando num beach tennis ali, ou brincando num vôlei, num futebol, é possível você entrar para brincar. Então, eu acredito até na questão social, ou até mesmo na questão de conversas sobre determinados esportes. Então, quando que antes eles iam falar sobre o rugby, sei lá, de repente alguém passou a gostar e encontra um par ali em determinado momento da sua vida para conversar sobre isso.

(Pesquisador: E às vezes até vai ver na vida e poderia não saber o que é. Às vezes lembra, não seriamente se gostou, se fez ou se não, mas...)... Exatamente, eu acho que esse conhecimento, ah, mas você não consegue

entrar nos detalhes, mas você tem um conhecimento, mesmo que seja superficial, e que você pode buscar aprofundar, dependendo do seu interesse, ou não, e está tudo bem, né? Eu acredito nisso.

Pesquisador: Com certeza. Tá, Cláudia, você, como você comentou, e eu sei bem, você é encarregada do Ensino Infantil aqui na Motivação, e como foi realmente conversado nas outras entrevistas, e você falou agora, esse projeto foi mais voltado a partir do fundamental, né? Essa construção. Mas queria saber de você, que já era encarregada ali do Infantil, como que foi para o Infantil, assim, desde quando você está aqui na escola até hoje, o que você usou como referencial para essas aulas, qual foi a sua influência, o que você gosta de abordar para o Ensino Infantil, para essa faixa etária como um todo?

(RESPOSTA 4) Professora entrevistada: Então, na Educação Infantil, eu trabalho basicamente as habilidades básicas, tá? Então, o que veio para mim dessa experiência com eles, eu já trabalhava com bolas diferentes, com materiais diferentes, mas, por exemplo, eu desde o Infantil 1, eu brinco com raquete com eles. Ah, mas eles não conseguem rebater, mas eles conseguem empurrar a bolinha ali. Ou então, por exemplo, no Bets e no Taco, Bets ou Taco, né, que a gente fala, essa semana a gente trabalhou com eles. Então, a dificuldade que eles têm, porque o objeto é menor, né, para eles conseguirem rebater a bolinha, que também é pequena, mas são vivências. Então, essas vivências a gente procura fazer desde o Infantil 1. Claro que sem regras, sem... Cada um com o seu material normalmente, né? Então, eu acho que veio a aumentar mais ainda a possibilidade de vivências com eles, para trabalhar todas essas habilidades que eles vão precisar mais para frente.

Pesquisador: Sim. Então, e você vê na prática isso de maneira nítida, esse desenvolvimento deles de chegar no Fundamental 1 já mais preparados por conta do Infantil, no Fundamental 2 mais preparados?

(RESPOSTA 5) Professora entrevistada: Olha, eu vejo que, por exemplo, a primeira vez que eles pegaram o Taco de Bets, a maioria não conseguia nem rebater a bolinha. **(Pesquisador:** Ou, às vezes, levantar o Taco, que às vezes é pesado.)... Isso. Mas aí, por exemplo, depois de três, quatro aulas, eles já estão conseguindo fazer o movimento direitinho. Embora eu não entre na técnica de rebater, principalmente tênis, né, quando a gente vai fazer o Frescobol. Ah, tem que rebater de lado, tem que... Nada, não falo nada, só vou dando, mostrando, fazendo as dicas, eles vão fazendo do jeito deles. **(Pesquisador:** Mais uma noção espacial.)... Isso, espacial e tempo de reação também, né. Então, você percebe uma mudança significativa. Eu acredito nisso, pelo que eu vejo. Mas, tem algumas crianças que têm muita dificuldade e que não têm um estímulo em casa e que isso acaba interferindo no desenvolvimento dele ao longo da Educação Fundamental 1, por exemplo. Então, Educação Infantil, Educação Fundamental 1. Então, por exemplo, normalmente, essas crianças que têm mais dificuldade, eu pergunto para elas, do que você... Teve até uma aluninha de Primeiro ano que entrou esse ano. Do que você brinca quando você está em casa? Eu brinco de boneca e fico brincando no videogame ou no celular. Então, a gente, muitas vezes, não consegue suprir essa falta de movimentação deles fora da escola. Então, eu achar que eu tenho esse tipo de alcance, eu não tenho. O que eu consigo é estimular para que eles brinquem em casa também. E, muitas vezes, dá certo. Então, por exemplo, a gente está brincando com o bambolê, ele chega e pede para a mamãe o bambolê. E aí, eles brincam. A gente está pulando corda, então,

pede para a mamãe, para o papai ou para o irmão ajudar você a treinar em casa. Então, a experiência que eles têm de continuar essa vivência que eles têm aqui também é importante. Mas, eu acredito que a gente está fazendo um trabalho que é significativo, sim.

Pesquisador: E você percebe essa sementinha que você planta, você percebe que, por exemplo, porque eu já estagiei, já acompanhei muito as suas aulas e realmente sei que você faz muito isso, de influenciar eles, não somente influenciar, mas incentivar é a melhor palavra, que eles continuem brincando em casa e tudo mais. Você já teve algum retorno, já reparou como isso é visto em casa, pelos pais, como isso é recebido das suas aulas, da maneira que você ensina eles?

(RESPOSTA 6) Professora entrevistada: Então, a maioria dos pais falam que eles gostam muito da aula e que aí eles querem brincar em casa e aí eles chamam para brincar, a maioria deles. Mas, a gente tem aqueles pais que, por exemplo, uma criança de seis anos nunca teve uma bola em casa. E esse mesmo pai, isso também aconteceu esse ano, comprou uma bola para o filho, mas tem pais que não ligam e eu tenho alguns que continuam sem a bola em casa. Não que a bola seja importante, mas o brincar, né? **(Pesquisador:** Sim, e assim, pela sua resposta eu já consigo ver isso, mas realmente dá para ver, é muito importante essa relação escola e casa. A gente vê isso muito. Porque assim, a gente vê, a gente está até conversando agora dos que ficam no tempo integral aqui. Então, assim, passam mais tempo aqui na escola do que em casa. Se juntar casa e escola, é praticamente 100% do tempo. Então, ter essa conversa entre os dois, dá para ver, principalmente no infantil, que é muito importante.)... Isso. Então, eles levarem a sério o que a gente está fazendo, né? Com esse estímulo. Mas assim, você provavelmente deve ter tido colegas que saíram daqui no terceiro ano, da terceira série do médio sem gostar de educação física. Então, com certeza, se eu tiver acesso a esses nomes e eles tiverem sido meu aluno, eu vou conseguir dar um 90% de certeza para você que eles foram aquelas crianças que não tiveram esse estímulo em casa.

Pesquisador: Com certeza. Cláudia, perguntar um pouco sobre, para você, a sua opinião em relação, por exemplo, aos currículos base e norteadores que a gente tem hoje na educação, principalmente usado em rede pública, mas que servem de base para todas as escolas. BNCC, Currículo Paulista, que surgiram não há muito tempo, né? Surgiram em 2018, 17, ali, se não me engano. E assim, principalmente usando como exemplo a BNCC, eu, lógico, na faculdade a gente tem muito contato com isso, a gente tem que montar plano de aula, estágio, enfim. E na educação infantil, assim, minha visão, eu acho que é um senso comum, falta ali, acho que alguns norteadores, talvez seja porque realmente é diferente no ensino infantil, é um primeiro contato, não sei, queria saber a sua visão, o que poderia ter ali, mas a sua visão em relação a esses currículos para o ensino infantil, o que você acha que tem, se é completo, se falta, o que falta?

(RESPOSTA 7) Professora entrevistada: Então, no infantil, eles têm um outro termo, que não é a BNCC, né? Eu não sei direito como que chama esse documento, que ele norteia o trabalho das professoras polivalentes. E o nosso, da educação física, de artes, da música, ele está nesse planejamento que é das polivalentes, porque tem escolas que você não tem os especialistas, né? Então, eu acho assim, que talvez fosse interessante, eles colocarem por áreas também, pra passar para os especialistas que vão atuar nessas áreas, porque as pessoas que

entram pra trabalhar com a educação infantil e são especialistas, elas pegam esse documento pra nortear o trabalho. Então, talvez fosse o caso de... (**Pesquisador:** Até porque, particularmente falando, o primeiro estágio que eu fiz foi o ensino infantil, e eu fiquei maluco da cabeça, meu Deus do céu, criança, no final foi um dos que eu mais gostei, é muito legal. Hoje, eu particularmente prefiro os mais novos, até o fundamental do que os mais velhos. Mas é realmente, você entra ali meio aquém, sabe? Você não sabe muito, e realmente, como você falou, tem escolas que não tem os específicos ali, nesses currículos, mas em outra área, mas assim, tem escola que tem, né? Então, pelo menos ter algo ali, acho que é uma base que precisa, talvez.)

Pesquisador: Bom, acho que talvez a última pergunta, eu estou terminando com essa, porque eu fui um exemplo disso, e você tá aqui há bastante tempo, e você pode ter uma resposta, acho que, bem completa disso. Motivação e Cláudia, como algumas professoras que tem aqui, são sinônimos. Mas eu, saindo da Motivação, como eu falei em entrevistas anteriores, provavelmente, eu acho que eu faria Educação Física, de qualquer forma, independente de onde eu estudasse, porque eu amo esporte, enfim, amo essa área. Mas eu, com certeza, eu saí da Motivação vendo uma certa... uma certa utopia, um certo, tipo assim, objetivo. Ser professor de Educação Física, eu quero isso, sabe? Porque é um ambiente que tem aqui algo diferente. Claro que eu saí imaginando que isso era um exemplo, e tem um lado oposto também, e já presenciei isso em estágio em muitos momentos. Mas eu, pelo menos, eu saí daqui falando... essa sementinha foi plantada, assim, de vocês, os professores, que o quão rico pode ser para o professor de estar aqui, né? De ter um ambiente completo, de teoria, de prática, de aula, de... (**Professora entrevistada:** Material.)... De material, de espaços, de interdisciplinaridade, com direção, com os outros professores. Mas também não necessariamente sobre esses alunos que vão seguir carreira. Se você percebe que vocês tiveram essa influência, não necessariamente, por exemplo, igual ao meu caso, mas pode ser por aquele aluno que não gostava de Educação Física ou não gostava de uma modalidade, passou a gostar. Se você vê que vocês tiveram essa influência e qual a importância você dá de ter esse ambiente, no caso, da Educação Física para o aluno, para que possa ser uma influência. Não necessariamente vai ser, mas que possa ser.

(RESPOSTA 8) Professora entrevistada: Olha, eu acho que para a educação infantil e Fundamental 1, teoricamente é mais fácil, né? A não ser com esses alunos que chegam para a gente e não têm esse estímulo em casa. Mas eles acabam participando da aula. Inclusive, muitas vezes, você fala para eles assim, nós vamos fazer determinada coisa. Ah, eu não gosto, eu não gosto. Mas na hora que você está fazendo, que eles estão brincando, eles estão participando e estão presentes de corpo e de alma. (**Pesquisador:** Descobriram que gostam.)... Sim, é muito bacana isso. Inclusive, eu falo assim, que o “ah não” deles é a mesma coisa que “sim, vamos fazer”. Que a gente precisa... Inclusive, assim, nessa fase, o que a gente mais tem de eu não quero fazer é o pula-corda, por exemplo, especial dos meninos. Mas a gente aprende a pula-corda. E essa semana eu estava dando aula para a primeira série do Médio. Tem aluno que chegou aqui que não sabe pular corda. Assim, se vira, mas não sabe pular corda. Mas os meninos acabam pulando corda tão bem quanto as meninas e fazendo e acabam se divertindo. Então, eu acho que tem várias coisas nesse sentido. E eu vou te dar um outro exemplo. Entrou uma menina nova de primeira série do Médio e essa menina virou e falou assim, eu não sou professora dela. Ela falou “ai, eu não gosto muito de educação física, você me desculpa porque eu não tenho jeito com bola”. Eu virei e falei assim, “então, mas você não precisa gostar de bola para fazer aula de educação física, porque não

vão ser todas as aulas com bola, não vão ser todas as aulas parecidas, em alguma coisa você vai se identificar”. Então, é aquilo que eu disse para você. Eu acho que o fato da gente ter essa variedade grande de atividades que a gente faz, é importante para que alguma atividade, alguma modalidade, essa pessoa vai acabar talvez não se identificando, mas essa daqui é a que eu menos acho ruim. E aí ela passa a ter talvez esse hábito, se bem que o hábito da atividade física também é difícil ao longo da vida. **(Pesquisador:** Pode até não gostar realmente de nada, mas tem mais chance, né?)... Sim, de passar a gostar de algo. Então, eu acredito nisso. Eu acho que essa diversidade toda trouxe essa possibilidade maior para os alunos. E que em outras escolas ou em outro tipo de abordagem eles acabam não vivenciando, né? **(Pesquisador:** Essa menina que você falou, ela entrou no primeiro colegial?)... Entrou agora. Entrou agora. E assim, o meu primeiro contato com ela foi esse. Olha para você... E ela veio me pedir desculpas porque eu comecei a conversar com ela. “Não, desculpa, eu não gosto”. E até para esses dias, a aula de... essa aula agora, a última aula nossa com eles foi a gente fez um tabata com ginástica de academia com funcional, né? E aí, essa última aula foi em um circuito, né? De ginástica também. E aí, eu perguntei para ela, eu falei, “e aí, fulana, o que você tá achando?”. Ela falou “ah, bem que você disse que algumas coisas eu ia gostar”. Então, ela já chegou com esse receio e ela tá curtindo, tá gostando. Tem coisas que ela não gosta de participar e eu acho que, assim, quando eles são menores, eu faço muita pressão que eles participem mesmo que eles não gostem. Posso continuar dando exemplos? A entrevista vai ficar muito grande. Hoje, uma menininha do terceiro ano, “eu não gosto de jogar Bets. Eu não vou jogar”. E ela é minha aluninha desde o pré, então, ela já brincou com o Bets, já. E aí, eu falei “não, mas você vai brincar porque a gente não escolhe o que a gente vai fazer. Lá na sala de aula, você não escolhe, você vai fazer a tarefa de matemática ou de português. E aqui, a mesma coisa”, eu falo com eles desde que eles são pequeninhos. “Então, a gente vai brincar um pouquinho. Aí, se você realmente não gostar, você conversa comigo e eu deixo você parar”. E eu sou muito insistente, eu sou muito incisiva com isso. É muito raro você ver um aluninho meu pequeno sem estar participando da aula. Bom, no fim, essa criança veio me dar um abraço, um beijo, agradeceu. O Paulo, que é o estagiário, também eu falei pra ela, “agora você vai lá”, porque o Paulo jogou junto com ela. Então, eu fiquei dando assistência, ele jogando com ela. Ela tinha duas atenções ali. E eu falei, “agora você vai lá, dá um abraço, um beijo no Paulo e agradece”. E ela saiu adorando o Bets. Então, eu acho que às vezes, pra quem tá de fora, pode ser nossa, mas que professora mais chata, mais brava. A criança não pode ficar parada. A gente tem alguns combinados pra evitar essa criança parada. E ela acaba participando, acaba gostando. Lá na frente, isso vai ser mais difícil, eu acho. **(Pesquisador:** Eles já estão mais maduros, já sabem se gostam ou não, né? Mas legal, muito legal. É isso, Cláudia. Muito obrigado pelo seu tempo, pela entrevista.) Falei demais, né? **(Pesquisador:** Olha isso, de 20 a 30 minutos, tá no tempo.)

Apêndice D – Transcrição da entrevista com a professora Eduarda:

Entrevista Eduarda

Pesquisador: Bom vamos começar então só por questão de protocolo assim eu diria pedir para você se apresentar brevemente assim falar assim nome completo sua idade e a sua formação em geral, né? Onde você se formou. Você tem pós-graduação quanto a quanto tempo da aula por exemplo também.

(RESPOSTA 1) Professora entrevistada: Bom, meu nome é Eduarda Moura Carvalho. Tenho 37 anos. Atualmente eu sou formada em licenciatura em educação física pela Universidade Federal de São Carlos, me formei em 2012. Na sequência eu fiz uma especialização em educação inclusiva e especial. E recentemente finalizei em 2023 o meu mestrado em educação também pela UFSCAR e né fora isso vários cursos que eu fiz aí mas cursos menores né no SESC, por exemplo simpósio que eu participei do Congresso, mas informação assim mais densa, né? Vamos dizer são essas três que eu tenho a graduação e essas duas pós uma especialização e uma uma estrada não fiscal que eu fiz em educação. **(Pesquisador:** Boa, legal, e bom falando entrando no assunto motivação, né? No caso falar rapidinho. Você entrou lá como estagiária, né? Se eu não me engano ou não.)... Isso eu entrei no meu último ano de graduação, eu ingressei como estagiária na verdade no meu penúltimo ano, eu entrei como estagiária aí eu até trouxe um pouquinho o curso, né? Foi aproximadamente um ano de atraso e esse atraso me permitiu ficar mais um ano na Motivação. E naquele ano eu finalizei então, eu terminei no meio de um ano na verdade, né? Eu me formei em junho de um ano e naquele ano naquele momento a motivação não tinha vaga, né? Eles costumam contratar mais no começo do ano, então eu finalizei a minha graduação. Finalizei o meu estágio em junho. E fiquei então seis meses numa outra escola de educação infantil aí de São Carlos também uma escola da rede privada também. E aí no finalzinho daquele mesmo ano a educação me chama para então fazer uma proposta, né de trabalho para eu atuar no Fundamental 2, se eu não me engano, eu entrei só no Fundamental 2 naquele momento e também tinha ali algumas optativas, né? Eu não me lembro certo. Se naquele primeiro ano eu tive junto com outro professor, se eu dividia, mas eu lembro que eu tinha o basquete, mas acredito que era. Ninguém se eu não me engano com a Mariana não, me lembro certo. E também eu trabalhei um pouco do vôlei com o Túlio. É como eu disse não me lembro certo se a gente dividia, se eu fiz uma parte sozinha e eles outra parte, né dessas optativas esses cursos extracurriculares. Mas foi isso assim que eu me formei passaram seis meses, né, afinal eu me formei no meio do ano aí logo na sequência motivação me chamou. Eu fiquei quatro anos na Motivação. E confesso que foi assim até hoje uma das melhores experiências da minha vida profissional, né? Claro que a cada ano que passa a gente vai melhorando, mas a motivação foi assim, vou dizer o berço, né? Onde eu comecei né de fato ali onde eu acreditava na educação física, onde tinha uma equipe forte e eu só mudei mesmo só sair por conta de uma mudança de cidade. Mas foi isso meu ingresso na educação.

Pesquisador: Legal, é bem legal algumas palavras aí que você falou vou guardar para fazer outras perguntas depois, mas assim para iniciar talvez a mais importante ainda mais importante de todos. Principalmente assim na sua visão. Você é a única, né? Participando assim do projeto que não dá mais aula na Motivação. Mas você ficou lá por um tempo, né? Conviveu comigo lá também. Você falou do basquete, eu lembro bastante. Para você como é que foi, se você se lembra assim quando e como surgiu, né, o que é hoje o currículo de educação

física lá, como que foi essa montagem, né esse desenvolvimento dele? Sua participação nele sua visão sobre ele e assim, o que vocês mais levaram em consideração na época para montar, em aspectos teóricos práticos, para montar os planos de aula, enfim. Eu queria que você dissesse sua visão sobre esse desenvolvimento do projeto lá porque você participou, não sei se desde o início, mas teve participação com certeza.

(RESPOSTA 2) Professora entrevistada: Sim, eu participei desde o início, parte dele como estagiária os professores em que são incríveis, né da motivação e eles me permitiram participar já que eu era aluna da UFSCAR e já que a pessoa as pessoas que iriam contribuir vamos dizer assim para essa formação de um currículo básico da Educação. Na educação física dentro da motivação foram os nossos professores da UFSCAR. Então me lembro muito de uma reunião onde estava presente o Osmar, se eu não me engano o Glauco também e o Levi ele não tava nessa reunião, mas como ele tinha um filho na motivação, ele também assim indiretamente ele contribuiu muito ali até nós nas reuniões mesmo de pais, né? Então ele contribuiu nessa questão da formação do currículo do tanto que a educação física é fundamental numa numa escola e tal então eu me lembro muito dessa primeira reunião como Osmar e com o Glauco. E ali começou então a discutir, né? O que é educação física? O que é educação física atual, como ela deve se desenvolver, BNCC, até então na época não tinha BNCC, né? Foi em 2017 que surge então a que é estabelecido, né a bncc, mas já se falava, né? Então fala o que tudo que estabeleceu-se na BNCC a partir de 2017 antes a motivação já fazia muito parecido muito semelhante com aquilo, né? Porque basicamente os professores dali estavam discutindo isso enfim. Na graduação na pós, né? Nos congressos que eles participam. Então Osmar mais fortemente ali pelo que eu me lembro até por uma ligação mais forte com a Suraya Darido de Rio Claro, da UNESP. Enfim, eles estavam ali nessa discussão e logo após né? Então surge a bncc, mas ali já tinha essa discussão da cultura corporal de movimento do que se devia trabalhar na escola, eu me lembro muito nessa reunião enquanto estagiária ainda. E ali, né, a Cláudia, o Rafael, o Túlio e eu na época como estagiária. Acho que tinha Mariana também que era mais do basquete e foi então definindo alinhando ali, vamos dizer um plano básico, né? Um currículo básico para educação física. Eu confesso Igor que eu não lembro assim de muita mudança a partir daquele momento. Afinal todos nós éramos da UFSCAR, né? Pelo menos que tava ali nos finais no caso com fund 2 e médio, a Cláudia, apesar de ter uma formação um pouco mais antiga, ela também se formou como o Glauco se eu não me engano com o Levi. Então ela é do tempo deles de Unesp e até pela por essa amizade, né? E também por conviver com a gente ali na escola, ela foi muito aberta, né essas mudanças que acho que para a maioria dos professores não é? Né, eu vejo, já trabalhei com pessoas de Formação diferente da minha e eu já sofri muito com isso. Inclusive, né? Por uma questão enfim, né de aprender daquele jeito e acho que tem que ser daquele jeito, né? E a Cláudia não foi assim muito pelo contrário, ela foi muito aberta, então ali a gente foi discutindo, né colocando ali as nossas ideias de acordo com a literatura. Como o que estava estudando na educação física? E assim vamos dizer que a gente estruturou melhor ali. Mas até com a Cláudia, né que era de uma visão um pouquinho diferente não que o trabalho dela era diferente, mas de uma formação um pouco diferente e ali então a gente meio que alinhou, né um currículo meio que básico para educação física. Eu me lembro que a gente também tinha as reuniões semanais na educação reuniões pedagógicas de modo geral, elas eram coletivas com todo o grupo, mas também tinha momentos que ficavam só da educação física e né no dia a dia ali a gente tá trocando figurinha, né? Então o que que a gente ia trabalhar, como que foi, né exatamente o passo 1 2 3 da aula e também como eu acompanhei como estagiária os professores Rafael e Túlio principalmente né? Eu acho que

assim o nosso trabalho era muito, muito, alinhado. Igor muito sim, por isso que eu falo eu já trabalhei em várias escolas, né? Eu tenho aprendido cada vez mais, cada ano que passa eu falo puxa, quanto que eu já aprendi, né? Mas eu, para mim é muito claro assim o tanto que a motivação foi forte e mais do que isso. Provou para mim que era possível dentro de uma escola desde educação infantil até o ensino médio ter uma educação física bem redondinha, sabe então começando ali com os pequenos e evoluindo com os mais velhos, mas eu me lembro que as aulas basicamente né? Elas eram ali sempre roda. Então a gente começava ali as aulas em rodas explicava um pouquinho, né? Instigava os alunos sobre o tema da aula aí tinha um momento ali de vamos dizer um aquecimento, né entre aspas uma brincadeira uma atividade mais lúdica para aquecer. Né, na maioria das vezes tinha a ver com conteúdo principal. E aí a gente ia para o conteúdo principal e no final às vezes não dava tempo, mas na maioria das vezes dava a gente fazia um fechamento, né? Do que que a gente tinha tido naquela aula e tal, se eu não me engano lá na motivação, nós tínhamos aulas duplas no Fundamental 2, não sei como é que tá hoje isso era muito bom também no meu ponto de vista, apesar de concentrar um dia só por semana. A gente conseguia inclusive passar trecho de filmes, né hoje eu trabalho numa escola que é então duas ou três vezes por semana, mas cada dia uma aula, eu acho que esses momentos ficam um pouco mais difíceis da gente ir para sala mostrar um vídeo tal, né? Que faz sentido ali para aula, então me lembro muito disso desses momentos também na sala de aula convencional, né? Cadeiras ali com telão e tal slide filme, trechos de filmes e aí depois a gente ia lá para quadra para o ginásio. **Me lembro também muito, e acho que foi uma das escolas, talvez a única que ficou muito forte para mim, um trabalho interdisciplinar. Então, eu me lembro que a gente trabalhava com a matemática, e com a história, por exemplo o conteúdo de futebol americano, né que era um conteúdo bem interessante. Então a gente passava ali um trecho de um filme ou rugby também Invictus, por exemplo que entrava um pouquinho da história, né um professor que era da história da motivação. E aí a gente não tava ali três professores e cada um puxava um gancho ali do filme. Por exemplo para sua disciplina, mas que tinha a ligação com as três então assim o que mais assim ficou para mim, né da motivação é isso aqui é possível uma educação física redondinha do começo ao fim da vida escolar, e que com planejamento dá certo, né de ter essa educação física mais humana mais né? Inclusive mais da cultura corporal de movimento. E que é muito bacana quando se tem outros professores envolvidos para a gente ter essa interdisciplinaridade.** Vamos dizer assim mais real, né? Então é isso assim que eu me lembro bem, né? Desse começo aí da formulação aí do currículo da educação física, né? Não sei como é que tá hoje. Eles vão falar melhor com certeza, mas esse início eu estava presente e foi muito assim, foi muito bom, foi, fazia muito sentido para mim que tava me formando ali na graduação é vindo de escolas, por exemplo dos estágios da rede pública, a gente via a dificuldade que era né? Então aquela educação física bem, né, um ou dois esportes. E aí aquele desânimo que a gente falava não é possível, né? Que a maioria das escolas é assim, e de repente motivação, né, totalmente como a gente estudava na universidade. Então isso ficou muito forte assim, que carrego até hoje muitas lembranças boas desse momento, né, da formação que eu tive na motivação. Então acho que é isso assim do que eu me lembro.

Pesquisador: Muito legal, você comentou bastante da interdisciplinaridade e tudo mais e assim hoje, você não tá mais na motivação, mas até hoje, para você, qual a importância assim que você dá, para um professor de educação física quando vai dar as aulas, para ter essa interdisciplinaridade e principalmente conseguir englobar a teoria e a prática junto, né? Porque logo no começo da sua vida como professora, que você foi estagiária e

logo professora no mesmo lugar, isso é muito bacana, e é uma evolução, né? É uma mudança de chave ali, e você viveu isso tipo no momento exato, na cara assim, sabe? E para você até hoje qual a importância, e é claro que assim a gente depende muito do espaço que a gente tem, de materiais, do que a gente tem para trabalhar, mas para você, qual é essa importância de conseguir englobar a teoria e prática na educação física que tem uma visão, infelizmente, hoje vem mudando um pouco mais, mas aquela visão de um momento para as crianças brincarem sabe que é prática é jogar bola e a gente sabe que não é assim, tem muita oferecer sabe? Qual é a importância para você disso tudo?

(RESPOSTA 3) Professora entrevistada: Vamos lá pensar, né? Como que eu posso começar a minha fala, mas assim eu tive uma nós tivemos uma formação muito sólida muito boa e isso nos deixa pessoas até um pouco críticas um pouco chatas demais eu falo. **Então assim eu aprendi sobre isso, eu sei o quanto fundamental é você aliar prática e teoria.** Faz muito mais sentido, né? Hoje mesmo, eu comecei uma aula de capoeira na escola que eu trabalho, com quintos anos, e primeira coisa, sentei numa roda e vamos lá o que que vocês já ouviram falar sobre a capoeira não faz sentido eu explicar o movimento sem contextualizar né? Vai ficar muito banalizado. Como assim é só uma roda de capoeira, mas espera aí onde ela veio, né? Como que surgiu? Olha o contexto histórico que ela foi criada, né? É, enfim então assim. Faz muito mais sentido para um aluno aprender um pouco pelo menos um pouquinho da teoria. E enfim ele vai entender um movimento porque que é daquele jeito, né? Por que que surja naquele momento que era uma forma de... eles eram oprimidos, era uma forma meio que se rebelar de ficarem fortes. Enfim para fugir... então assim na minha opinião é né na minha visão da parte do tudo que eu estudei na universidade e também que eu vivi na minha vida. É fundamental ter essas duas coisas ao mesmo tempo, né? A teoria prática ao mesmo tempo, mas isso é muito complexo. Então eu acho que né, como eu falei eu vivi a motivação logo de cara, na minha formação, o que foi bom e ruim ao mesmo tempo então como eu disse antes foi bom para provar que aquilo é possível, que o que tá na universidade não é só falatório e chega na escola não dá nada certo. **Então, eu tive a prova de que ali tudo dava muito certinho quando se tem uma né a coordenação do nosso lado, os professores todos alinhados e tal.** Mas a realidade é muito diferente disso, né? Eu trabalho depois da motivação, eu saio da motivação. Então eu fui para Rio Claro trabalhando numa escola da rede privada muito boa de lá uma escola em que eu tinha recebido uma carta assim livre para fazer o que eu queria inclusive para mudar a cara da Educação Física. Isso é muito pesado para mim porque eu entrei numa escola onde se tinha ali professores que estavam há 20 anos, há 25 anos trabalhando do mesmo jeito, né? Então um do vôlei, um do basquete, um do futebol. E aí eu fui contratada para essa mudança, imagina uma. Como assim essa novinha, 20 e poucos anos chegando aqui para mudar o que a gente sempre fez. Só que naquele momento eu tentei mudar porque eu fui contratada para isso. Então assim, acho que eu saí da Universidade muito assim, com coragem de querer fazer aquilo e de fazer do jeito que eu acreditava, só que as coisas não são tão simples, né? Depois eu caí assim na realidade. Falei poxa vida. Eu também tenho que respeitar o que essas pessoas estudaram, né? A história de vida delas. Enfim, então eu consegui fazer uma boa mudança nessa escola, trabalhei lá por nove anos. Alguns professores foram se aposentando e tal, as coisas foram ficando mais fáceis até por isso né? O caminho foi ficando mais livre. Mas assim, hoje eu tô numa outra escola, vim para São Paulo uma outra realidade uma escola também na rede privada em que o esporte é muito forte. E isso é muito bom, então assim se ensina também muita técnica na educação física, então é muito legal assim de ver os alunos numa aula qualquer de vôlei jogando muito bem o

vôlei. Mas não é só porque ai teve aquela reeducação super militarista, de treino, performance não, mas vamos dizer assim uma repetição mesmo. Então usava ali os cinco principais esportes e ficava só naquilo, então não tem como você ficar ruim aquilo se você sempre fez isso, né? Então nessa escola que eu tô hoje com o fundamental 1, eu consigo já fazer da minha do meu jeito do que eu acredito, porque eu tô sozinha agora no fundo dois a gente divide assim como na motivação, nós somos em três professores e cada um com a sua visão. Então assim eu tenho eu tive que dar um passo atrás sabe nesse momento da minha vida, porque a escola ela é incrível é uma escola muito humana, a gente tem muita liberdade, mas até por respeito aos mais velhos o que não aconteceu muito lá na outra escola porque eu meio que eu cheguei querendo não vamos lá não é assim educação física. Vamos mudar né? Então acho que nossa visão também de mais jovens é meio que de irritação de como assim esse povo faz isso, né? Mas como eu falei eu dei um passo atrás agora pelo menos no fundamental 2. E tô indo aos poucos, sabe? Eu entrei já entrei faz pouco tempo, né? Vai fazer um ano e meio. Mas eu tô assim, mas ouvindo e vendo que tá lá, no Fundamental 2 pelo menos, que é onde eu divido. E para aos pouquinhos ir ganhando espaço sabe que eu acho que a gente chega de cara assim, talvez a gente não é muito bem visto. Então é assim é isso, eu acho que é fundamental a teoria e a prática juntos, eu acredito nela, eu acredito que é a única forma de ensinar educação física de um jeito que se aprenda de fato, né? Que seja bem consolidado. Mas atualmente eu consigo fazer só uma parte da minha docência que é o fund 1 por exemplo. Fund 2 eu não consigo ainda. Então eu acho que é isso a gente também tem que respeitar um pouco as pessoas mais velhas, né? Acho que a gente tem que sempre ir na conversa, né? Porque a gente vai trabalhar afinal com ela todos os dias, então quando começa a ficar esse embate, “você tá errado, sua formação já não é mais assim, não é mais válida”, vamos dizer assim, acho que a gente cria um embate ali desnecessário. E vai só desgastar sabe que é o que aconteceu comigo na outra escola. Eu passei alguns anos ali bem desgastantes até que eu consegui, né? Atingir o que eu queria. Mas foram muitos anos, foi quase uma década para eu chegar nesse nível. E hoje a escola tá bonitinha lá, né, de modo geral, eles conseguem fazer um trabalho mais redondinho. Mas é que eu tô hoje já não é assim 100% E tudo bem, sabe? Acho que também a gente vai ficando mais velha, a gente vai aceitando também algumas coisas, né? Como eu falei respeitando. O pessoal já tá mais tempo e aos pouquinhos, né? Como fala o ditado comendo pelas beiradas mesmo começar devagarzinho para a gente não ser mal visto, né? E até não arrumar encrenca ou outras pessoas que é um colega de profissão.

Pesquisador: Com certeza é legal, né? Você comentou que você deu aula de capoeira, assim, coincidência mais ou menos porque no estágio que eu tô fazendo agora, aqui no colégio cultura, eles estão no conteúdo de lutas danças e lutas e aí na semana que vem assim, vou dar aula de capoeira, eu já cheguei a dar aula de capoeira no colégio vida já. E é muito isso também, é só para complementar a sua fala que você passar, acho que principalmente em exemplos como da capoeira, você passar só um movimento, mostrar uma música, já é legal, mas você só fazer isso no conteúdo de uma história tão rica, né? Que tem no nosso país. Poxa, tipo e às vezes eu fico pensando. A gente já foi aluno, né? Então eu fico pensando na visão deles falar daqueles que dão mais trabalho, né no caso. “Porque que a gente tá aprendendo isso, sabe? Porque tipo não vou fazer isso” e tudo bem. A gente não passa para que eles sejam capoeiristas sejam jogadores de vôlei sejam de basquete. Enfim a gente passa porque poxa é conhecimento sabe ela além de quando o professor de matemática vai ensinar os alunos a fazerem conta. Pois é muito importante não quer dizer que a gente vai estudar para isso. Tem gente que tem facilidade. Tem gente que não. Então eu penso de ter então, eu concordo de assim que você falou em relação a

teoria de prática. E acho que a gente a gente foi sortudo, né na nossa formação porque a gente viu isso dando certo, né a nossa frente. **(Professora entrevistada:** Com certeza e assim só para complementar né, ouvindo você falar agora, eu...) E às vezes você vai ali para faculdade para estágio tudo mais ser eu colocava isso um pouco na minha cabeça, né de ó, eu sei que eu tive uma formação muito boa e talvez muito diferente então. Eu posso encontrar se tem como encontrei situações que não é assim seja por. Pelo professor seja pelos alunos pela escola como direção como espaço físico diversas coisas, né? Então quando você tá no ambiente onde tudo isso se alinha. Assim às vezes é fácil dar certo, olha parece fácil dar certo, mas, enfim é muito importante.

(RESPOSTA 4) Professora entrevistada: Acho que assim a educação física o papel dela é formar cidadãos, formar pessoas seres humanos, né do bem por meio do movimento da cultura corporal, né? Então para eu formar essa pessoa não basta só ensinar um movimento, né? Então a própria capoeira que a gente tá falando ali no meio desse conteúdo, eles vão entender coisas riquíssimas sobre vida sobre Ser um cidadão do bem mesmo então os africanos vieram para cá não. Eles não vieram para cá, eles foram trazidos forçadamente, né? Então uma simples fala muda totalmente uma um entendimento mesmo um sentimento em relação a essas pessoas, né? Então é isso acho que nosso papel vai muito além de só ensinar um toque uma manchete uma Ginga, né? Um aú por exemplo da capoeira, mas é a partir deles formar cidadãos para né mundo para serem melhores viverem em sociedade, né no coletivo. Tá bom É de fato, eu me lembro bem que a gente falou só de um fã de dois e

Pesquisador: Bom é assim queria que você falasse um pouco. Claro pode com certeza dar sua visão, né do que você viveu em escolas seguintes, né? Mas com ênfase um pouco na motivação ali do que você viveu. Entrando mais na parte das aulas mesmo assim, né? Então nesse ambiente. Quais os aspectos, quais os fatores teóricos e práticos assim que que vocês ali como professores viram como mais importante de entregar? Para os alunos de cada ciclo, né? Você lá na motivação, você não imagina que não deu aula no infantil, né? Porque o da Cláudia e só da Cláudia se não mexe. Mas acho que você já chegou da aula do infantil, né, depois com certeza eu acho que você comentou na verdade. E enfim do Fundamental 2, médio. Então você passou de perto, né? Até mesmo que você não tivesse dado aula. Você conviveu você esteve ali, mas você deu aula, então você sabe como é então o que que você vê ali de mais diferente que vocês queriam abordar é baseado na faixa etária, né? Do que vocês achavam mais importante deles viverem. Em entrevistas anteriores, né? Foi falado que assim essa construção curricular foi mais em relação a partir do fundamental. Mas enfim a vontade aí fala sua visão por completo.

(RESPOSTA 5) Professora entrevistada: Médio eu não me lembro, talvez falha a memória mesmo do da Educação Infantil, mas assim basicamente né? O que eu me lembro bem. Vou falar da motivação especificamente depois eu amplio um pouquinho já que a educação infantil eu não atuei ali. Mas basicamente a educação física no fund 1 era muito a questão dos jogos e brincadeiras. E que dentro desses jogos e brincadeiras tinha também uma ligação já com o esporte do futuro que a gente ia trabalhar, como por exemplo as lutas. Enfim, então era meio que um pré-desportivo, vamos dizer assim então de um jeito muito lúdico. E muito assim na questão da resolução de conflitos que é uma faixa etária que acontecem muitos conflitos, então regras tem que ser muito bem estabelecidas, tudo tem que ser muito bem, né ficar muito bem claro para eles.

Então, fund 1, pelo que eu me lembro bem, é isso a formação a partir de jogos brincadeiras, como eu falei tudo ligado também há vários esportes, né? Mas em um lúdico maior, né? Num formato mais leve, né? Sempre inclusivo, sempre todo mundo junto, então meninos e meninas sempre misturados, nada de separação, e é isso assim de modo geral muita resolução de conflitos por meio desses jogos, né? Então acho que é uma faixa etária que as crianças têm muita informação ali de coisas básicas da vida e acontecem muitas coisas na aula. Mas por meio dos jogos a gente né das brincadeiras que a gente fazia ali desses conteúdos, a gente conseguia também, trabalhar essas questões aí mais emocionais, né de comportamento. O fund 2 eu me lembro muito mais assim dos esportes mesmo, né? Então já entrava ali mais uns esportes, não que não tinha os pré-desportivos, mas muito dos esportes coletivos. Então os esportes de invasão, os esportes de rede, os esportes de marca. E aí também a gente sempre fazia alguma ligação então, por exemplo, trabalhava esses esportes, mas aí tinha também uma aula de capacidades físicas, vamos falar de sinais vitais, por exemplo, né aí também incluía aquelas questões no fund 2, dos esportes adaptados então a questão né da venda a bola com guizo, que não é claro isso hoje na bncc, não apresenta ali na bncc, “deve trabalhar capacidades físicas deve trabalhar educação física inclusiva, esportes adaptados por exemplo”, mas eu penso que a base é uma base, né? Então a gente tem que trabalhar aquilo com certeza, mas acrescentar coisas que né, são perfeitamente possíveis de inserir ele naquela faixa etária. Então no fund 2 um foco maior para os esportes coletivos, principalmente, mas também né de marca, os esportes de rede, de raquete que são individuais em duplas. E no ensino médio, muito também dos esportes, me lembro muito disso. A gente também trabalhava as danças, então dança circular por exemplo. Slackline, então os esportes aí de aventura. E aí a gente fazia muito essa ligação também no ensino médio com a idade, né? Então por exemplo a questão da suplementação, que também não tá hoje na bncc, não apresenta isso na base, mas que poxa é o que eles fazem né? É o que adolescente vê e faz, e enfim, vai na academia, então já deixa de fazer um pouco mais de esporte para querer fazer academia, né? Então eles deixam um pouco de gostar da educação física, né no ensino médio. Acontece uma inversão ali do fundamental 2, que eles amam, não veem a hora de ir para a aula. No ensino médio cai um pouquinho esse ânimo então a gente também tinha muito essas relações aí da vida do dia a dia mesmo, né? Como eu falei, suplementação, a questão da própria dança, né? Então essa questão do convívio do coletivo, né do estar mais próximo menino e menina, eu não tenho mais tanta essa vergonha, né? Como no fund 2 já aparece um pouco mais. Então isso tudo na motivação que eu tô falando tá? Trago tudo isso para minha vida hoje também como eu falei em alguns momentos, eu tive que dar um passo atrás por uma questão, né da escola que eu tô de primeira conhecer onde eu estou pisando. Mas acrescentando a educação infantil, que eu trabalhei durante quatro anos, né? O período da motivação eu trabalhei numa outra escola junto, né? Então eu trabalhava na motivação e numa outra aí de São Carlos com a educação infantil. E eu trabalhava muito com projetos então, por exemplo, projeto brincadeiras e jogos antigos, então ali “ah, vamos trabalhar amarelinha, ou pular corda”, aí outro projeto que eu criei foi “pequenos atletas”. Então, a gente fazia brincadeiras com bola, com raquete, dentro da idade claro, né? Os muito “pititicos” lógico que eu não usava raquete, mas mais bola, bolas maiores, mas era meio que brincadeiras com bola já pensando nos esportes no futuro então. Vamos acertar o bambolê que daí lembrava um pouquinho do basquete. Então tinha muito essa questão do movimento, mas em pequenos projetos, né? Me lembro disso. Só trabalhei na educação infantil nesse período, faz bastante tempo já, não tive mais essa experiência até por uma questão minha, eu prefiro os mais velhos, eu tenho mais afinidade com crianças do quarto, quinto para cima, até o ensino médio. Mas antes disso eu tinha um pouco mais de dificuldade, então, acabei trabalhando só esse período

lá na educação infantil. Mas o que eu me lembro é dentro dessa escola que eu tava que era uma escola bem pequena, era isso pequenos projetos e é muito tipo muita música. Então sempre que eu ia fazer alguma brincadeira cantava música eles ficarem atentos. Acho que é isso, não sei se eu respondi a pergunta se eu entendi ela mas é, contando um pouquinho aí do que eu fazia na motivação, mas que eu trago também hoje, né até hoje para minha vida aqui em São Paulo no caso na escola que eu tô.

Pesquisador: Não, respondeu perfeitamente Eduarda, e assim, você comentou assim várias vezes da bncc, e Bncc e currículo Paulista é um assunto, né a base que aqui nós temos ela surgiu depois né? De que veio essa criação do processo lá na motivação, né do currículo. Mas eu queria que você falasse um pouco sobre. Porque assim, né? Não só você falou mas você também comentou que várias coisas que vocês faziam lá quando a bncc veio você já faziam e até em outro momento você falou que a bncc, tipo assim é uma base, né? A nossa ideia é sempre fazer aquilo e mais assim, né, deixar da nossa cara. Digamos assim. Queria saber de você o que você lembra que vocês usaram como referenciais ali para montar esse currículo, se foram os referenciais teóricos no caso da época, se foram os seus referenciais às vezes até por experiências próprias, enfim. Quais foram as referências de vocês, até porque a bncc na época não existia, depois veio a existir, quando veio a existir você não tava mais na motivação, né? Mas então nesse geral assim como um todo, se eu colocar só referencial teórico fica muito assim... ah bncc, caderno do estado, currículo... mas seus referenciais ali no geral.

(RESPOSTA 6) Professora entrevistada: Talvez né, até me fuja à memória, mas eu me lembro do Fernando González que já existia na época, que é um professor de Educação Física se eu não me engano do Sul, aliás é de outro país, mas ele morava no Sul na época. E a gente falava muito dele já na graduação, e ele criou a separação ali, né? Então os esportes de invasão, a classificação dos esportes. Esse é o nome. Então ali a gente já falava sobre a classificação dos esportes, né? Então esportes de invasão e que são, os esportes de marca e o que são, então eu me lembro dessa referência, Fernando Gonzalez que a gente falava muito na faculdade, dessa classificação dos esportes. Eu me lembro muito dos livros da Suraya Darido, em especial um que ela fez com Osmar, se não me engano eram os dois como autores e era um livro muito didático bem assim a cara do caderno do Estado, mas de um jeito condensado. Eu tinha esse livro. Tenho. Que era do Fund 2, então sexto ao oitavo ano na época. Acho que não tinha mudado ainda também para o nono, sexto a oitavo ano e ali tinha exatamente, né? O que poderia trabalhar em cada um, aliás dentro de alguns conteúdos era um livro muito bom e muito didático como eu falei e muito assim próximo aos cadernos do se usa no estado, né? Então ele, aula por aula, né? Especificando ali um tema e como que a gente podia trabalhar aquele tema. Então esse era o outro referencial. Já tinha também os temas transversais. Os temas transversais, né? Então a trabalhar educação física dentro do meio ambiente, trabalhar educação física relacionada à sexualidade e então eu me lembro dos temas transversais. E última assim eu não me lembro do currículo Paulista, eu acho que não tinha também se tinha não me lembro. mas assim para mim o mais forte foi isso Igor era a classificação dos esportes do Fernando González e Esses livros do Osmar com a Suraya, principalmente né? Que a gente tinha ali muito como referência ali de aula já bem estruturada da educação física e claro, né? Todos os autores na verdade que a gente foi aprendendo ao longo da graduação que eu não vou lembrar todos obviamente. Até porque faz muito tempo, mas não tinha assim um único material, sabe era um pouquinho de cada

coisa mesmo. Eu acho que ali já se falava da cultura corporal de movimento, né? Então Suraya Darido junto com Osmar, principalmente, eu lembro das aulas do Glauco também relacionado ao ensino médio, principalmente né? Então era basicamente isso sim relacionado a esses autores que eu falei. Vou pensar um pouco mais talvez eu até tenha na memória algum outro mas não tô lembrando nesse momento então era isso sendo que eu posso afirmar do que eu lembro que a gente discutiu muito ali.

Pesquisador: Perfeito. Eduarda, você sente bastante ou alguma diferença em relação à rede privada e a rede pública, seja nessa parte do referencial é claro, assim, diferença obviamente tem a gente sabe disso, mas acho que a minha pergunta é mais baseada principalmente na criação das aulas, dos referenciais né? Que tipo na rede pública assim se usa bncc hoje em dia né, currículo Paulista e tudo mais aí é um assunto muito comentado durante a nossa graduação, né? Mas assim nas escolas privadas, até porque o meu projeto é falando do currículo de uma cooperativa privada, mas você sente que tem essa diferença ou, é claro na minha opinião depende ali do corpo de professores, né, do que eles vão usar assim. Acho que ter uma base é bom para todo mundo no caso. Mas na prática, você já percebeu diferenças de referências utilizadas, seja na rede pública ou privada, entre elas no caso?

(RESPOSTA 7) Professora entrevistada: Olha. Igor, que eu assim até eu não tive a oportunidade de trabalhar como professora da rede pública. Eu prestei o estado, né? Recentemente ali faz uns três anos. Passei inclusive não foi chamada ainda mais passei não sei quando for chamada como é que vai ser porque eu coloquei já São Paulo e não conheço muito. É uma cidade muito caótica, então, não sei como vai ser. Mas eu, assim, eu acho que em relação ao estado, eu não consigo falar muito porque eu conheço poucos professores que formaram comigo, né? Colegas de profissão que estão no Estado da Educação Física, eu já escuto falar de outras disciplinas, mas não da educação física, mas eu acho que pensando aí nas prefeituras, seja de São Paulo, né? Que eu tenho amigos da graduação que estão aqui, seja em Rio Claro que é uma cidade que até pouco tempo era referência era hoje não tá mais assim, infelizmente tá muito caótico lá tenho vários amigos da UFSCAR que estão comentando isso, né, minha família, inclusive tem filhos que estudaram ou estudam lá nas escolas da Prefeitura de lá. **(Pesquisador:** A minha mãe inclusive.) Sua mãe exatamente deve tá deve tá vivendo também, né? Eu sei que tá muito ligada a ajudar, né esses professores aí nas manifestações. Então você deve estar por dentro disso, mas tá muito caótico nesse momento, mas até pouco tempo era referência a cidade de Rio Claro como Escolas da prefeitura né e tanto que muitos amigos meus que eram de cidades longe de São Carlos, passaram lá e foram para lá porque era muito bom tinha um plano de carreira muito bom enfim. Então assim conversando com esses amigos, né de várias escolas aí municipais de várias cidades, São Carlos, Rio Claro e São Paulo em especial, pensando um pouquinho da diferença, eu acho que as prefeituras são muito fortes em usar esses materiais que a gente estudou na universidade, por exemplo a bncc atualmente então assim eu acho que eles são muito mais fiéis a isso sabe porque depende deles do professor e claro normalmente a direção também é muito pública, né, bem no sentido político mesmo depois então eles lutam por uma educação pública de qualidade. Então são pessoas que eu admiro muito porque fazem exatamente o que acreditam, o que estudaram. É uma rede muito forte de apoio, né de fazer um bom trabalho. Na rede particular, na rede privada, o que eu sinto, eu tive o privilégio de trabalhar em escolas muito boas. Né? Eu falo que eu fui subindo assim, ó de escada mesmo nas escolas que eu trabalhei. Comecei na motivação, que era um espetáculo de escola, na

educação física sem dúvida é a minha maior referência, mas assim em termos de tudo, estrutural, o tanto que as famílias influenciam na nossa vida lá dentro, né? Não sei como é que tá hoje, mas na motivação isso era bem equilibrado na época, né? Então as famílias contribuíram, mas de um jeito bom, né? Eram pessoas das Universidades, né? Você sabe. Você é filho de professor universitário, inclusive estudou na motivação então lá na motivação tinha muito isso. Diferente da escola que eu trabalhei na sequência, né, em Rio Claro que é uma escola elitizada, e não intelectualmente falando né? Então é uma elite que tem muito dinheiro, mas que não têm um intelectual ali, né? Como você deve entender bem, muito forte, então muitas questões políticas envolvidas, sabe, então isso influencia no currículo da Educação Física, influencia no currículo da história, no currículo de qualquer outra disciplina. Então assim a educação física, eu acho que afeta menos do que outras disciplinas, como eu falei, eu sempre tive muito o privilégio, muita sorte de estar em escolas muito legais e que tem muita abertura assim para educação física, para nos ouvir, para nos deixar fazer o que a gente quer. Mas eu já, por exemplo, dei aula de capoeira em escola da rede privada. Não é a que eu tô hoje, é a que eu estava anteriormente, e uma mãe falou “não, minha filha não vai fazer porque isso é coisa do candomblé”. Que? Não entendi nada. Mas enfim, a direção falou “deixa ela de ladinho na sua aula”... como assim gente, pelo amor de deus, o que que tem a ver uma coisa com outra, né? Olha isso que ponto chegamos, mas foi a única vez na minha vida que eu tive uma interferência de uma família que se recusou, falou “não, essas aulas, ela vai estar junto, ela vai assistir, mas ela não vai fazer o movimento”. Só, foi a única família, mas assim então a gente lida com isso na escola da rede privada, sabe na pública eu acho que é um pouco menos. Talvez hoje pela questão na rede social, né? Então o WhatsApp que tudo inflama muito rapidamente, talvez tenha esse problema também na pública. Mas no geral é isso eu sempre conversando com os meus amigos. Vejo que na pública na prefeitura né, dessas cidades que eu citei anteriormente. É um trabalho muito assim, fiel, muito coletivo, sabe todo mundo junto. No mestrado também quando eu fiz mestrado na UFSCAR, eu trabalhei com gente de vários lugares, né nas aulas ali isso era muito forte que eles falavam que é um pessoal que arregaça as mangas mesmo para dar uma boa educação para comunidade, né? E na particular isso também acontece, mas não é do mesmo jeito, sabe? O que que tem de diferença... Na particular vai querer comprar materiais melhores vai querer ter uma estrutura melhor para querer ter uma aula de robótica que na pública de repente não tem, uma aula de alemão que de repente na pública não tem. Então assim tem muito mais coisas obviamente, né? É um ensino vamos dizer um pouco mais forte em relação a geral assim cultura línguas enfim extracurriculares. Mas eu acho que o que tange aí os nossos livros, né? O que a gente estudou na universidade. Eu ainda penso que na pública isso ainda é mais forte, né? Pelo menos nas prefeituras como eu falei. No estado, imagino que deve estar também um caos pelo menos aqui em São Paulo. Salas muito cheias, né? Agora com a questão do período integral, calor. Então como que se aprende dentro de uma sala quente, muitas coisas influenciam. Mas também já participei de grupos de estudo aqui na USP em São Paulo da galera bem assim publica mesmo, né? Que tá na escola pública, eles falam que as escolas também do Estado algumas escolas são maravilhosas. Eles seguem certinho a bncc, seguem certinho os livros, né do que está se discutindo na universidade ali então. Não dá para falar assim de todas né? Mas acho que no geral é isso. Eu ainda acredito que a pública é mais forte nessa questão ali de fazer o que se estuda na universidade, claro que com as dificuldades, né que a gente sabe, estruturais, mas é isso assim que eu converso né com meus amigos.

Pesquisador: Sim, sim, acho que a minha visão também é assim para compartilhar um pouco. Acho que é um pouco disso também, as diferenças a gente vê muito em relação ao estrutural, né? Muitas vezes, né? Naturalmente. Mas acho que se vocês têm essas pessoas que querem fazer a diferença e tudo mais investir um pouco não precisa ser muito assim no material, eu acho que as bases assim os livros eles vão ser usados é um pouco mais um pouco menos mas acho que o objetivo é o mesmo, né? Eu acredito, a gente tá falando ali de uma relação de professor e aluno e é isso ele vai passar o conhecimento. Enfim para terminar. Já tirei muito do seu tempo. Eu tô terminando sempre com essa pergunta, porque eu sou um exemplo disso, né de uma pessoa que assim. Eu falei anteriormente assim em outros momentos, talvez se eu não tivesse estudado na Motivação eu provavelmente faria educação física, sabe pela minha paixão pelo esporte e tudo mais. Mas é notório, é algo claro que eu ter saído, né ter me formado na motivação fez eu ir com uma cabeça de tipo assim... “Pô ser professor de educação física é bom sabe é legal”. Talvez o reconhecimento até como reconhecimento para todo professor não existe da maneira que deve existir, mas é um ambiente assim onde eu estaria eu quero estar sabe, e a motivação foi um total fator nisso, né? E eu queria saber de você como professora lá da motivação, mas como professora de educação física em geral, se você, primeiramente, se você já viu isso, tirando o meu caso, de aluno que teve aula educação física e por conta das aulas de Educação Física, não necessariamente fizeram carreira, até porque em outra entrevista foi falado também que às vezes a pessoa vai seguir porque ela vai seguir, ela gosta porque ela gosta, independente da educação física, da aula que ela tem. Até porque assim, dando exemplos meus, assim de aulas na universidade, o que você mais escuta do porque você faz educação física, as três coisas que mais escuta: “porque eu gosto de esporte”, “porque eu tive uma uma formação muito boa” ou “porque eu tive uma formação muito ruim”. Sabe assim, então, quem gosta, gosta, vai querer seguir por diferentes motivos. Mas é claro que no meu caso, por exemplo, foi um exemplo muito positivo que fez diferença. E aí eu queria saber de você, se você vê esses exemplos acontecendo de alunos que querem seguir para além da escola ou se alunos que não gostavam de educação física ou de alguma modalidade e por causa desse currículo rico, digamos assim, passou a gostar? Mas assim, de maneira resumida, qual a importância que você vê disso, de ter esse currículo para fazer a diferença de fato para o aluno?

(RESPOSTA 8) Professora entrevistada: Primeiro eu queria dizer Igor que assim eu lembro que na época né da Motivação. Não me lembro exatamente, quando que foi que você entrou na universidade o ano que você entrou, talvez você pode me recordar aí. **(Pesquisador:** Foi 2019.) 2019. Tá eu já tinha saído da motivação, mas me lembro, né? Muito bem do seu ingresso, mas isso assim sempre deixou a gente né? Eu como professora, mas o Rafael o Túlio é uma coisa que nós conversamos. Assim entre nós professores, tanto que a gente fica orgulhoso de ver. Nossos alunos, né, nossos ex-alunos, principalmente aqueles que passaram por nós por toda a vida ali então né? Desde pequeninhos ali foram crescendo e vendo mesmo nas nossas disciplinas acontecerem e de repente eles puxam escolhem a educação física como profissão também, assim a gente ficava muito feliz quando isso acontecia. É muito raro isso acontecer na escola particular, infelizmente, né? Enfim, por questões até da influência dos próprios pais, né? Como eu falei a motivação, ela tem um caráter diferente, porque ela é uma escola da rede privada, mas de gente muito intelectual, né? Muito da Universidade. Então isso é um fator que contribui também para o nosso trabalho e para que isso aconteça. Mas no geral as escolas particulares vão passar os alunos na medicina, nas engenharias, na fisioterapia, na odontologia, enfim, na nutrição. Mas quase nada nas licenciaturas, não só na educação física, mas em qualquer outra né? Então de

modo geral isso nos deixa muito felizes, muito mesmo, felizes e orgulhosos, e, né, com gostinho do tipo... “Ai, acho que a gente contribuiu um pouquinho para que isso tivesse acontecido”. Mas assim na motivação eu me lembro de você, me lembro da Rafaela. Não sei se ela tá atualmente ainda na educação física, mas ela também eu lembro que ela forma na época que fez o piscar fazendo. **(Pesquisador:** É do meu ano, inclusive, ela ia a Maria Júlia, não sei se lembra.) Algum amigo seu também eu lembro o filho da Pamela, talvez não. **(Pesquisador:** O Paulo ele tá estagiando lá agora.) Legal, ele foi para educação física, né também o Rafael, né? Que era um filho de um funcionário da escola também, eu me lembro que eu não sei certo onde ele tá mas eu vi comentários que ele fez educação física também ou faz. Então assim na época ativa, talvez uns cinco seis alunos que passaram por nós foram né? Para educação física ou para enfim outras licenciaturas, né? Tinha Laura também que acho que tá hoje como professora na motivação que foi para pedagogia. Então assim era até que tinha um número ok ali de licenças, né que eram as pessoas escolhiam. Na escola que eu passei pós Motivação. Que é um colégio como eu falei bem elitizado, de pessoas mais né? As profissões como eu falei médicos Engenheiros empresários de modo geral. Aconteceu isso com uma aluna. Inclusive ela faz educação física na UNESP de Rio Claro. Então, a Jennifer não sei se você conhece ela joga vôlei sempre jogou vôlei muito, né lá no colégio que ele mas também na prefeitura lá da cidade de Rio Claro. Então ela sempre foi muito atleta. E aí ela prestou passou e nossa vinha contando assim super feliz para nós, né e meio que um agradecimento mesmo isso que nos deixa como eu falei muito felizes não é só um simples passar e tchau nunca mais a gente quer saber de vocês, né? Até hoje a gente troca figurinha, né e conversa, como é que tá o curso, como é que tá ali a vida foi ela só dessa escola que eu trabalhei por 9 anos, então eu não colhi tantos frutos, vamos dizer assim nessa questão nessa última escola. E na escola que eu tô hoje acho que eu pouco tempo há dois anos só então não consigo afirmar isso para você, mas é uma escola Suíça e muitas famílias são né? De fim ou de nacionalidade Suíça ou enfim pais avós que vieram da Europa. Em especial da Suíça, então, eles buscaram muito estudar fora. Enfim vários cursos. Mas o que eu já ouvi falar é que tem muitos professores atuais dessa escola que se formaram nessa escola. Então assim imagina não é na educação física, não tem nenhum atualmente mas vários pedagogos matemáticas vários assim professores de lá se formaram nessa escola que é uma escola Suíça muitos foram para outro país realmente estudar, mas voltaram para dar aula. Então assim é uma escola que apesar de ser como eu falei, né de um público. E tem dinheiro é uma escola muito cara daqui, mas é um pessoal muito assim humano muito do bem de querer ajudar sabe então, talvez nessa escola que eu tô eu vejo isso acontecer também com frequência no futuro. Assim eu espero porque nos deixa muito feliz, mas a motivação realmente foi um foi fora da curva assim foi a única escola que eu vi muitos né? Talvez uns 10 ali ir para as licenciaturas e uns cinco e para educação física e isso nos deixa muito feliz, como eu falei muito mesmo, com certeza nós contribuimos um pouquinho aí para essa visão, né de fazer um curso porque realmente eu acredita, né? Olha a educação física é super legal aconteceu dessa forma, né? É uma profissão que é valorizada assim é o que a gente espera, né? Que essas pessoas tenham em mente, né de fazer não só porque gostam do esporte, né ou coisas parecidas mas que vem realmente futuro ali dentro da escola trabalhando com essa disciplina, né? Acho que é isso.

Apêndice E – Carta para a escola com a autorização para a realização da pesquisa:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA
Via Washington Luís, Km 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13565-905
São Carlos/SP/Brasil - Fone/Fax: (016) 3351-8294 - E-mail: glauco@ufscar.br

São Carlos, 09 de maio de 2025.

Ilma. Sra.
Profª Dra. [REDACTED]
Diretora da Escola [REDACTED] – São Carlos/SP

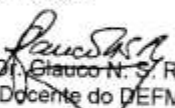
Venho por meio desta apresentar o acadêmico IGOR TARDIVO CIRQUEIRA, regularmente matriculado no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSCar, com o respectivo projeto de Monografia de Conclusão de Curso intitulado, "A estruturação curricular em Educação Física de uma escola cooperativa", desenvolvido sob minha orientação e supervisão.

O referido projeto tem como objetivo analisar o processo de construção e implantação do currículo de Educação Física em uma escola cooperativa particular da rede de ensino da cidade de São Carlos/SP, a partir de relatos de docentes de Educação Física que participaram de tal processo e que atuam até hoje na escola.

Solicito vossa autorização para o desenvolvimento da pesquisa através da realização de entrevistas semiestruturadas com docentes de Educação Física que participaram do processo de construção e implantação do currículo de Educação Física na escola. As entrevistas serão realizadas de acordo com a disponibilidade de cada docente, em horário e local a ser combinado, sem prejuízo algum para as aulas ou atividades docentes desenvolvidas na escola. Para participar da pesquisa, o(a) docente deverá ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Comprometemo-nos a fornecer uma devolutiva e compartilhar os desdobramentos desse estudo com os(as) participantes envolvidos(as).

Agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos.


Prof. Dr. Glauco N. S. Ramos
Orientador/Docente do DEFMH/UFSCar

[REDACTED]
Assinatura da diretora da escola

Apêndice F – Quadro de conteúdos trabalhados no Ensino Fundamental II, em 2023, baseado em documentos compartilhados pelos professores de Educação Física participantes da pesquisa.

ENSINO FUNDAMENTAL II	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE
6º ANO	Futsal	Basquete
	Iniciação ao atletismo	Tênis
	Capoeira	Beisebol
	Frisbee	Grandes eventos esportivos (Jogos Olímpicos, Jogos de Inverno etc.)
	Ginástica (artística e rítmica)	Alimentação
7º ANO	Handebol	Atletismo (saltos)
	Atletismo (saltos)	Vôlei
	Esgrema	Vôlei sentado
	Basquete de cadeira	Tênis de mesa
	IMC	Dieta
8º ANO	Handebol	Futebol
	Atletismo (arremessos)	Sensibilização dos sentidos
	Karatê	Futebol de cegos/Futebol de cinco
	Golfe	Golbol
	Corpo, saúde e beleza	Atletismo (arremessos)
	Sinais vitais	Lutas e suas diferenças
	Badminton	Curling/Bocha
	Distúrbios alimentares	
9º ANO	Vôlei de areia e Futevôlei	Atletismo (corrida)
	Vôlei	Basquete
	Atletismo (corrida)	Tchoukball
	Futebol americano	Squash
	Qualidade de vida	Qualidade de vida

Fonte: o autor.

Apêndice G – Quadro de conteúdos trabalhados no Ensino Médio, em 2023, baseado em documentos compartilhados pelos professores de Educação Física participantes da pesquisa.

ENSINO MÉDIO	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE
1º ANO	Atletismo	Ginástica de academia
	Rugby	Dança
	Slackline	FVBH (futebol, vôlei, basquete, handebol)
	FVBH (futebol, vôlei, basquete, handebol)	Beisebol
	Ginástica de academia	Sensibilização dos sentidos
		Futebol de cegos/Futebol de cinco
		Golbol
2º ANO	Escalada Federal	Slackline
	Atletismo	Badminton
	Rafting	Sedentarismo
	FVBH (futebol, vôlei, basquete, handebol)	FVBH (futebol, vôlei, basquete, handebol)
	Suplementação	Golfe
		Futebol americano
		Grandes eventos esportivos (Jogos Olímpicos, Jogos de Inverno etc.)
3º ANO	Atletismo	Slackline
	Caverna	Rafting
	Dança	Pilates
	FVBH (futebol, vôlei, basquete, handebol)	FVBH (futebol, vôlei, basquete, handebol)
		Ginástica (artística e rítmica)
		Esgrima
		Suplementação
Beisebol		

Fonte: o autor.

Apêndice H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Licenciatura em Educação Física

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsável (TCLE)
(Resolução 510/2016 do CNS)

Eu, Igor Tardivo Cirqueira, estudante do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, o(a) convido a participar da pesquisa “*A estruturação curricular de Educação Física em uma escola cooperativa*”, orientado pelo Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos.

O objetivo geral da pesquisa é analisar o processo de construção e implantação do currículo de Educação Física em uma escola cooperativa particular da rede de ensino da cidade de São Carlos/SP, a partir de relatos de docentes de Educação Física que participaram de tal processo e que atuam até hoje na escola.

A sua participação na pesquisa se dará através de uma entrevista semiestruturada para aprofundar o diálogo acerca da temática do processo curricular da escola e de sua participação dentro do mesmo.

As perguntas da entrevista não serão invasivas à intimidade dos(as) participantes, entretanto, diante de qualquer situação de desconforto, os(as) participantes terão garantidas a liberdade de não responder às perguntas quando a considerarem constrangedoras e/ou impertinentes, podendo interromper a participação a qualquer momento. Caso situações assim ocorram, você poderá optar pela suspensão imediata da participação na entrevista. Além disso, considera-se também a possibilidade de riscos inerentes à participação em pesquisa realizada em ambiente virtual, tais como quebra de sigilo e/ou violação de confidencialidade. Para minimizar estes riscos, o pesquisador se responsabiliza pelo armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa. Para isso, uma vez concluída a coleta de dados, o pesquisador fará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”.

Os benefícios de sua participação na pesquisa estão associados ao auxílio na obtenção de dados com fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física escolar, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades para o trabalho na área. O pesquisador realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro e não terá custos para o(a) senhor(a), não havendo custos adicionais com alimentação e/ou transporte. A qualquer momento o(a) senhor(a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição de Ensino em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre

sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

O pesquisador e seu orientador realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos característicos da pesquisa durante o trabalho, tendo a responsabilidade de garantir e fiscalizar que essa pesquisa científica que inclui seres humanos obedeça às normas éticas do país, portanto, os participantes da pesquisa terão todos os seus direitos respeitados.

Estimamos que a duração da entrevista leve em torno de 20-30 minutos. Caso desista de participar da pesquisa e já tenha realizado a entrevista, por gentileza, informe o pesquisador desta decisão e este descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização.

Caso não entenda algo ou não goste de qualquer situação que identificar durante a pesquisa ou tenha alguma outra dúvida sobre ela, poderá, a qualquer momento, procurar o pesquisador Igor Tardivo Cirqueira por e-mail: igortc@estudante.ufscar.br ou pelo telefone: (16) 99220-5000, ou o professor orientador Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos, responsável pela pesquisa, pessoalmente no Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar ou pelo e-mail: glauco@ufscar.br ou pelo telefone (16) 3306-6757.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da Resolução nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas. O pesquisador se compromete a dar devolutiva por escrito com os principais resultados da pesquisa para todos(as) os(as) participantes ao término da mesma.

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar)
Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km 235 – São Carlos – SP.
Contato telefônico: (16) 3306-6757 e-mail: glauco@ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

São Carlos, ____ de _____ de 2025.

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos
Nome do Pesquisador-Orientador

Assinatura

Igor Tardivo Cirqueira
Nome do Aluno-Pesquisador

Assinatura

Eu, _____ concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do Participante

ANEXOS

Anexo A – Atas de reuniões do processo criativo da estrutura curricular da disciplina de Educação Física da Cooperativa de São Carlos-SP:

GRUPO DE ESTUDOS – COLÉGIO MOTIVAÇÃO

REUNIÃO 1 (14/04/2011)

Início da reunião às 17h00.

Presentes: Osmar, Hugo, Cláudia, Rafael, Adriana, Mariana e Túlio.

Redator da ata: Osmar Moreira de Souza Júnior.

Como esta foi a primeira reunião do grupo não havia nenhuma pauta elaborada previamente. A reunião iniciou-se com o prof. Hugo descrevendo como é a configuração das aulas de Educação Física na escola. **Em seguida eu (prof. Osmar) argumentei sobre minha presença nas reuniões com o objetivo de estabelecer uma parceria entre universidade e colégio no sentido de materializar as propostas pedagógicas que tenho discutido nas aulas de graduação e pós-graduação, possibilitando que alunos da universidade possam vivenciar na prática como se constrói um projeto pedagógico.** Em seguida coloquei que seria muito importante que a equipe diretiva do colégio apoiasse todas as ações pensadas nas reuniões para que as mesmas tenham sucesso. Os professores manifestaram-se justificando que concordam com a necessidade de mudanças, mas sentem uma certa resistência da escola (alunos e direção/coordenação) em relação a estas mudanças. Comentei ainda que a proposta de sistematização que foi construída pelos docentes para suprir as carências diagnosticadas no início deste ano, poderia enfrentar alguns problemas para ser implementada, principalmente em função de ter sido construída às pressas, sem um tempo hábil para uma maior reflexão a respeito dos diferentes prismas que este problema deve ser abordado. Assim, argumentei que faz-se necessário pensar em algumas ações mais urgentes para remediar os problemas de currículo diagnosticados, mas uma transformação mais substancial no currículo deveria começar a ser pensada desde já, mas teria condições de ser viabilizada apenas para o próximo ano. Os professores concordam e complementam dizendo que as maiores dificuldades para se efetivar estas mudanças serão encontradas no Ensino Médio (principalmente 3º ano). **Discutimos ainda a necessidade de abordar a inserção da Educação Física no Enem e nos vestibulares, fator que provocou nos professores a ação de pensarem em um programa de palestras sobre temáticas que teriam relação com o Enem e de profissionais que poderiam colaborar nestas palestras.** Sobre este aspecto ficou definido que eu farei a primeira destas palestras, tratando de uma abordagem mais generalizada sobre uma perspectiva renovada de Educação Física, sinalizando quais seriam suas áreas de conhecimento. Esta palestra ficou agendada para o dia 09 de maio. Por fim, foi discutida a necessidade de uma reunião com a equipe diretiva para que possamos compartilhar este movimento renovador da Educação Física, bem como legitimar o apoio desta esfera de decisão. Enfim, a próxima reunião ficou definida para dia 05 de maio e para este dia enviei por e-mail dois textos para os professores (O não-lugar da EF na escola I e II – González e Fersteinseifer), a partir dos quais iremos discutir o papel da escola na sociedade e o papel da Educação Física na escola, que considero elementos preliminares para se pensar em currículos.

Encerramento da reunião: 18h40.

GRUPO DE ESTUDOS – COLÉGIO MOTIVAÇÃO

REUNIÃO 2 (18/05/2011)

Início da reunião às 18h00.

Presentes: Osmar, Hugo, Glauco, Cláudia, Rafael, Adriana, Túlio e Eduarda.

Redator da ata: Osmar Moreira de Souza Júnior.

Às 17h00 foi realizada uma reunião da diretora do colégio (profa. Cristina) com os professores Hugo, Osmar e Glauco, nesta reunião foi discutida a proposta de uma parceria entre os dois professores do DEFMH-UFSCar (Osmar e Glauco) com o colégio, versando a discussão sobre aspectos como o papel da Educação Física na escola, a necessidade de valorização da área enquanto componente curricular, a importância do professor se apropriar e acreditar em um novo modelo no processo de transformação da Educação Física, os limites e as possibilidades advindos da falta de propostas de organização curricular em forma de livros didáticos na área de Educação Física, a necessidade do respaldo da direção em relação à implantação de um novo modelo de Educação Física que atenda às demandas da disciplina enquanto área de conhecimento e a necessidade de se construir uma proposta concreta para a disciplina que resulte no fortalecimento da identidade docente dos professores do colégio e na credibilidade da disciplina frente à comunidade escolar. Por fim, ficou definido que ao menos neste final de semestre as reuniões serão fechadas ao grupo do colégio, com uma periodicidade quinzenal, às quintas-feiras das 17h00 às 18h30.

Às 18h00 iniciou-se a reunião com os professores do colégio. Inicialmente foi feita a apresentação do professor Glauco e dos professores que não o conheciam. A professora Mariana esteve presente no início da reunião, mas pediu para se ausentar para resolver problemas particulares. Logo em seguida, foi feito um breve relato sobre a reunião anterior com a diretora e sugeriu-se um calendário para as próximas reuniões deste semestre, que ficaram previstas para 02/06, 16/06 e 30/06, dependendo ainda de uma consulta que o professor Hugo fará em relação ao cronograma de atividades do colégio.

Após este primeiro momento, perguntou-se aos professores se eles haviam tido algum tipo de reflexão e/ou ação em relação às discussões da última reunião e quais as maiores dificuldades que estavam enfrentando em relação à proposta de caminhar para um novo modelo de Educação Física. **Um dos assuntos que surgiu foi a forma de organização das turmas, que a partir do 6º ano adota uma divisão por gênero, combinado com uma turma mista, em sistema de rodízio das turmas entre os professores (Mariana, Rafael e Adriana). Sobre este aspecto, ficamos de estudar no decorrer das reuniões, a viabilidade de se adotar a utilização das turmas conforme as demais disciplinas (6ºA, 6ºB, 6ºC etc.) ou de manter o modelo atual, avaliando quais serão os impactos no decorrer da implementação de uma nova proposta curricular para a Educação Física.**

Outro aspecto levantado neste segundo momento diz respeito à inviabilidade de se fazer grandes modificações no currículo no corrente ano, assumindo-se que para o segundo semestre poderíamos ensaiar algumas mudanças mais sutis, sinalizando e preparando os alunos para uma mudança mais efetiva que aconteceria no ano de 2012. A professora Cláudia fez questão de deixar registrado, que apesar do modelo de

aulas e inclusive o perfil dos professores apontarem para a priorização das quatro modalidades esportivas tradicionais (futsal, voleibol, handebol e basquetebol), as aulas avançam para além do modelo esportivista, na medida em que incluem os jogos pré-desportivos e outras modalidades não tradicionais, como o badminton e o frescobol.

Sobre este aspecto, discutimos ainda que uma das maiores dificuldades que iremos enfrentar na construção de uma proposta curricular para o colégio refere-se às escolhas em relação à diversificação e ao aprofundamento dos conteúdos, tendo em vista que a quantidade de aulas de Educação Física (duas semanais) é bastante restrita para se tratar da imensa gama de conteúdos da cultura corporal e ainda mais de aprofundar muitos destes conteúdos, sobre este aspecto o professor Osmar alertou para o fato de que muitos dos conteúdos que costumam ocupar a maior parte do tempo escolar e que se repetem ano a ano, acabariam tendo suas cargas horárias reduzidas para a inserção de outros conteúdos que poderiam estar de fora até então. **Neste ponto, a professora Cláudia lembrou ainda que na organização do currículo é importante que alguns conteúdos sejam retomados de uma série para outra, pois a forma como alunos de diferentes séries se apropriam destes conhecimentos é diferente.** O professor Glauco lembrou que uma das críticas recebidas pela Proposta Curricular do Estado de São Paulo diz respeito justamente ao fato dos conteúdos serem vistos em determinadas séries e depois não serem retomados, havendo uma opção pela diversificação. O professor Osmar complementou esta discussão admitindo que na construção da proposta curricular, haveria a necessidade de se adotar uma lógica bastante usada pelos sistemas de ensino em relação às demais disciplinas, que consiste em um tratamento espiralado dos conteúdos, que sempre serão retomados no decorrer dos anos, mas com ênfases e abordagens diferenciadas.

Em seguida foi feita a discussão dos textos “O não-lugar da EF na escola I e II” (González e Fersteinseifer), com algumas considerações dos professores em relação às aproximações dos textos com o contexto vivenciado no Colégio Motivação.

Por fim, o professor Túlio sugeriu que as discussões sobre os aspectos metodológicos e sobre a organização das turmas a partir do critério gênero, são temas que devem ser tratados ainda no decorrer deste ano, afirmação que foi compartilhada pelos professores Osmar e Glauco e também pelos demais professores, já que não basta ampliar ou diversificar os conteúdos e manterem-se as metodologias e estratégias de ensino. Ao final da reunião ficou definido que o segundo texto seria retomado na próxima reunião e que o professor Osmar enviará por e-mail para o grupo o texto da apresentação do componente curricular Educação Física da Proposta Curricular do Estado de São Paulo, para que o grupo possa analisar a organização dos conteúdos nesta proposta e discuti-la frente às necessidades do colégio. Cabe lembrar ainda que as propostas do professor Túlio também são importantes para serem retomadas na próxima reunião.

Encerramento da reunião: 20h00.

GRUPO DE ESTUDOS – COLÉGIO MOTIVAÇÃO

REUNIÃO 3 (02/06/2011)

Início da reunião às 17h00.

Presentes: Osmar, Hugo, Glauco, Cláudia, Rafael, Adriana, Túlio, Mariana e Eduarda.

Redator da ata: Osmar Moreira de Souza Júnior.

Na abertura da reunião o prof. Osmar discorreu brevemente sobre o processo de construção e implementação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo, destacando a qualidade do conteúdo da proposta, mas a dificuldade de implementação na medida em que os professores não tiveram um processo de ‘capacitação’ que lhes desse segurança para lidar com conteúdos e uma concepção de Educação Física, que muitas vezes estava muito distante daquela que vivenciaram em sua formação profissional.

O prof. Hugo informou que a rede municipal de São Carlos tem um projeto de realização de uma Olimpíada esportiva para alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, fato que deixou todos nós preocupados com os desdobramentos deste tipo de proposta. Tal colocação desencadeou entre nós uma discussão a respeito da viabilidade ou não de se incluir o conteúdo esporte nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A profa. Cláudia posicionou-se contrária a esta perspectiva, argumentando que os anos iniciais ainda não são indicados para se especializar nas habilidades esportivas, fato que o prof. Osmar contestou ao defender uma perspectiva de ensino do esporte nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tratando o esporte como conhecimento da cultura corporal e apresentando aos alunos as diferentes modalidades sem a necessidade de se priorizar os gestos técnicos.

O prof. Osmar discutiu a importância de se ter um “olhar panorâmico” para o currículo da Educação Física, para que se consiga contemplar todos os conhecimentos que se considere relevantes na medida certa. Para tanto, propôs aos professores que façam um exercício de levantar as expectativas de aprendizagens ideais para o final de cada ciclo escolar (educação infantil, ensino fundamental 1, ensino fundamental 2 e ensino médio).

A profa. Cláudia retomou a discussão sobre o ensino do esporte nas séries iniciais e lembrou-se da palestra proferida pelo prof. Alcides Scaglia no Congresso de Educação Física da Unesp em Rio Claro, no final de semana anterior. Na palestra o prof. Alcides discutiu a importância de se tratar os conhecimentos da Educação Física nas aulas, propondo temas que articulem estes conteúdos com o cotidiano.

O prof. Osmar aproveitou o gancho desta discussão para comentar sobre a importância de se pensar em metodologias de ensino, utilizando como exemplo a cultura de se iniciar as aulas com os exercícios de alongamento, sem atribuir sentido a esta prática. Segundo ele, é importante que as aulas sejam iniciadas com uma roda de conversa na qual o professor possa comentar com os alunos aspectos da aula anterior e da aula que está se iniciando, dando aos alunos um sentido de articulação entre estes conhecimentos. O prof. Glauco reiterou a importância das rodas inicial e final nas aulas, reforçando justamente o caráter de continuidade que esta estratégia garante às aulas.

Foi discutida ainda a importância da construção de uma proposta curricular pelo grupo, para que a Educação Física adquira uma maior legitimidade diante da comunidade escolar e os professores fortaleçam sua identidade docente. Neste sentido, seria importante que à medida que esta proposta fosse sendo construída, os professores compartilhassem em reuniões com a comunidade escolar, seu processo de elaboração, frisando inclusive a particularidade da área de Educação Física de não possuir uma sistematização universal como os demais componentes curriculares.

Por fim, o prof. Osmar apresentou ao grupo o modelo de classificação dos esportes com base em sua lógica interna, proposto por Fernando González e indicou o texto do mesmo autor que descreve esta classificação, para ser discutido na próxima reunião.

Solicitou-se aos professores que respondessem e apresentassem individualmente na próxima reunião a seguinte questão: ao final de cada ciclo ou nível de ensino, no Colégio Motivação, o que os alunos devem ter aprendido nas aulas de Educação Física?

Encerramento da reunião: 18h30.

GRUPO DE ESTUDOS – COLÉGIO MOTIVAÇÃO

REUNIÃO 4 (16/06/2011)

Início da reunião às 17h10.

Presentes: Osmar, Hugo, Glauco, Cláudia, Rafael, Adriana, Túlio e Mariana.

Redator da ata: Osmar Moreira de Souza Júnior.

A reunião teve início com o prof. Osmar questionando o grupo a respeito das impressões pessoais sobre a viabilidade de se adotar o modelo de classificação dos esportes apresentado na reunião anterior. O prof. Rafael mostrou-se favorável a este modelo, advertindo apenas para o fato de haver discutido com alguns professores do grupo e considerar que os esportes deveriam configurar como conteúdos apenas a partir do 6º ano.

Em seguida os professores foram apresentando suas análises a respeito da tarefa proposta na reunião anterior, que dizia respeito às expectativas de aprendizagens previstas para os diferentes ciclos. A professora Cláudia apresentou um conjunto de expectativas que elaborou, tomando como referência os alunos até o 2º ano do Ensino Fundamental e entre o 3º e o 6º ano, pois considera que esta divisão possibilita agrupar turmas que apresentam características mais próximas.

Após a apresentação da profa. Cláudia o prof. Osmar comentou que estas expectativas eram um ótimo referencial para se pensar na construção do currículo, cabendo a incorporação de expectativas relacionadas às manifestações da cultura corporal de movimento, como a dança, a ginástica, a luta e o esporte, ponto em que apresentou uma certa discordância do prof. Rafael, admitindo que do ponto de vista do tratamento procedimental do conteúdo esporte seria necessário evitar algumas aproximações das vivências com o esporte propriamente dito, largando mão do jogo, porém, considerou que seja necessário abordar o esporte desde os anos iniciais do ponto de vista da dimensão conceitual. O prof. Osmar acrescentou ainda que é importante que além dos alunos adquirirem a base motora nos anos iniciais eles aprendam a decifrar as estruturas dos diferentes jogos. A profa. Adriana apresentou as expectativas de aprendizagem do 6º ano em diante, sugerindo que no Ensino Médio, após os alunos aprenderem as regras e técnicas dos diferentes esportes, eles poderiam aprofundar as técnicas e táticas. Neste ponto o prof. Rafael discordou, admitindo que seria necessário o ensino de conceitos com aulas teóricas no Ensino Médio, principalmente relacionados ao corpo e saúde. O prof. Túlio lembrou da importância de se valorizar a dimensão conceitual, mas de avançar para além do tratamento mais biológico, abordando a dimensão sociocultural. O prof. Osmar complementou, admitindo que esta ênfase na dimensão conceitual seria muito importante neste nível de ensino, mas tomando-se o cuidado de não deixar as aulas de Educação Física excessivamente teóricas, criando alternativas para contextualizar os conceitos nas vivências práticas.

A profa. Mariana lembrou que está desenvolvendo um trabalho com os alunos do 5º ano, relacionado ao sistema músculo-esquelético e que os alunos estão bastante interessados no tema, além disso ela falou dos avanços que tem obtido no ensino do basquetebol em que os alunos passam aos poucos a diferenciar esta modalidade do handebol.

O prof. Glauco aproveitou o tema para questionar a respeito da relação de temas como a nutrição e os lanches vendidos na cantina. O prof. Hugo ressaltou que a cantina não possui um cardápio saudável, baseando-se em salgados, mas ao mesmo tempo era necessário se avaliar o cardápio dos próprios alunos, vindo de casa que não se baseava em alimentos saudáveis.

Voltando aos conteúdos do Ensino Médio, a profa. Adriana lembrou que na seleção destes conteúdos eles (professores) estavam preocupados em estabelecer relações com as questões do Enem. O prof. Túlio comentou sobre a sistematização dos conteúdos do cursinho da UFSCar, que poderia servir como uma das referências para o Ensino Médio do colégio, cabendo algumas adequações, pois no cursinho, em função da estrutura, não estão previstas as vivências práticas.

O prof. Glauco comentou sobre algumas das vantagens de se realizar o planejamento participativo, modelo valorizado também pelos demais profs., mas cabendo a ressalva dos profs. Osmar e Túlio, de se tomar o cuidado de não deixar os conteúdos muito flexíveis segundo as escolhas dos alunos, para não correr o risco de comprometer o tratamento a articulação do projeto curricular mais global.

Ficou combinado para a próxima reunião a leitura e discussão do texto “Projeto curricular e Educação Física: o esporte como conteúdo escolar”, de autoria de Fernando González.

Encerramento da reunião 18h40.

GRUPO DE ESTUDOS – COLÉGIO MOTIVAÇÃO

REUNIÃO 5 (30/06/2011)

Início da reunião às 16h40.

Presentes: Osmar, Glauco, Hugo, Cláudia, Rafael, Adriana, Mariana, Túlio e Eduarda.

Redator da ata: Osmar Moreira de Souza Júnior.

A reunião tem início com a proposta do prof. Osmar de se realizar uma discussão linear do texto “Projeto curricular e Educação Física: o esporte como conteúdo escolar”, tendo em vista que considera este texto o alicerce para a construção de um projeto curricular para o colégio.

O prof. Rafael indaga sobre os desdobramentos do projeto apresentado no texto, tendo em vista que ele considerou a ideia interessante, mas achou um tanto frustrante que aquilo que foi implementado por Fernando González no texto não teve repercussão. Eu (prof. Osmar) argumentei que muito provavelmente a repercussão não ecoou para nós, porém considero que o projeto apresentado no texto seria o ‘embrião’ ou laboratório da proposta curricular do Rio Grande do Sul, que foi escrita pelo próprio Fernando González.

O prof. Glauco lembrou da falta de tradição da Educação Física em ter seus conteúdos sistematizados, exemplificando com um dos únicos ou talvez o único trabalho que se configura em um livro didático, que é do prof. Hudson Ventura e data da década de 1970 ou 1980. Eu complementei esta análise sobre a falta de tradição

da Educação Física, com um episódio no qual a prof. Suraya Darido coordenou um grupo do qual fiz parte e que em 2001 escreveu um livro didático para professores e alunos, para uma grande editora, porém, quando o grupo já havia escrito os livros de 5ª a 7ª série, a editora optou por fazer uma pesquisa de mercado com um grupo de professores de Educação Física, para saber o que eles achavam do material. Os professores argumentaram que um livro didático não teria validade para as aulas de Educação Física e por isso a editora abortou o projeto do livro que foi reformulado por mim e pela profa. Suraya, transformando-se no livro paradidático “Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola”, lançado em 2007 pela editora Papirus.

Por estes exemplos ficou claro a dificuldade que a Educação Física enfrenta para aceitar propostas de sistematização de conteúdos. Entretanto, o prof. Glauco frisou que hoje as propostas de sistematização de conteúdos e/ou de materiais didáticos para a Educação Física sofrem muito menos rejeição.

Iniciando uma análise do texto eu comentei com o grupo que sua parte inicial era muito similar aos dois outros textos do Fernando González que havíamos lido para a segunda reunião, fato que foi constatado também pelo grupo. Assim, apenas recapitulei que na introdução González discorre sobre o papel da escola, da Educação Física na escola e depois apoia-se em uma série de autores para fazer uma crítica à falta de projetos curriculares na área de Educação Física. Lembrei ainda do exemplo que González recorrentemente apresenta nos textos, dos alunos que sempre perguntam aos professores de Educação Física “O que vai ter hoje professor?”, e sobre isso a profa. Adriana comentou que este tipo de situação hoje já é bem mais rara no colégio, pois os alunos já tem consciência de que existe um programa a ser cumprido nas aulas.

Outro assunto abordado rapidamente, foi em relação à utilização de vídeos nas aulas e da alternativa de aulas deste tipo ficarem como cartas na manga para dias de chuva, mas constarem na programação e ocorrerem também independente da chuva, para não se tornarem meras atividades “tapa buraco”. Complementando este assunto o prof. Glauco e eu lembramos da importância de se construir rotinas para que os alunos mudem suas concepções sobre as aulas de Educação Física.

O professor Hugo alertou para a possibilidade de alunos pedirem dispensas das aulas em que estivessem previstas atividades teóricas, por não gostarem deste tipo de aula. Sobre isso eu considerei que seria importante que se desse o mesmo tratamento que as outras disciplinas dão quando os alunos pedem dispensa de uma aula, ou seja, o aluno deveria arcar com a falta e saber que o conteúdo perdido por ele poderia ser cobrado em alguma avaliação, neste sentido eles saberiam que sempre haveria um ônus para este tipo de artimanha.

Voltando à análise do texto, comentei sobre o tópico que trata do esporte nas aulas de Educação Física, dizendo que o autor traz uma abordagem bastante interessante - embora um tanto complexa para ser aprofundada no momento da reunião - em relação às lógicas interna e externa de análise dos esportes. Lembrei que a lógica interna dizia respeito às demandas provocadas pelas regras das modalidades, que poderiam ser representadas no modelo de classificação que o autor apresenta em outro de seus textos que foi disponibilizado na nossa reunião anterior. Já a lógica externa estaria relacionada aos aspectos sociais, culturais e históricos, por exemplo, que se relacionam aos esportes. Como exemplos da lógica externa, citamos a violência no futebol, o gênero no esporte e o bocha como um esporte da terceira idade.

A profa. Cláudia destacou a passagem do texto que fala da esportivização das práticas corporais, lembrando o exemplo da capoeira, que está sendo disputada como esporte nos Jogos da Primavera.

O prof. Hugo perguntou se teríamos que ensinar todos os esportes e outras práticas corporais no programa das aulas de Educação Física. Eu argumentei que seria parte do processo de elaboração do projeto curricular do colégio, identificar, selecionar e organizar quais as práticas corporais que deverão compor o currículo.

A profa. Cláudia perguntou o que nós pensávamos a respeito da necessidade de se trabalhar a psicomotricidade como conteúdo da educação infantil, que era uma proposta reivindicada pela coordenação do colégio para ela. Ela afirmou que havia uma demanda de que nas aulas de Educação Física os alunos deveriam aprender letras do alfabeto andando sobre elas, por exemplo. Minha opinião sobre o assunto foi de que a psicomotricidade seria uma das concepções de Educação Física, mas não a única e de que não poderíamos deixar a Educação Física como refém de outras disciplinas. O prof. Glauco concordou com esta opinião e acrescentou que a Educação Física sofreu forte influência desta abordagem, principalmente na década de 1980, com as visitas ao Brasil do prof. Jean Le Boulch, mas que realmente esta era apenas uma das possibilidades e não a única.

O prof. Hugo perguntou se nós considerávamos que esta nova perspectiva de Educação Física apresentada no texto iria superar as abordagens tradicionais. Eu admiti que esta concepção já está razoavelmente consolidada no meio acadêmico, mas ainda é bastante insipiente na prática pedagógica. O prof. Glauco considerou que o trabalho em grupos pequenos como o de Fernando González no Rio Grande do Sul e como o que estamos iniciando torna muito mais fácil a superação da abordagem tradicional e tem a vantagem de tornar os professores agentes desta mudança e não apenas meros receptores.

O prof. Hugo alertou para a necessidade de não deixar as aulas de Educação Física muito teóricas, para que não se perca o prazer que os alunos tem nestas aulas. O prof. Glauco concordou, lembrando que não podemos perder o que temos de melhor, que é este ambiente prazeroso das aulas. Também concordei com o prof. Hugo, fazendo apenas a ressalva de que o aprendizado deveria estar sempre atrelado a este prazer, pois a aula tem como objetivo primeiro a construção do conhecimento e na medida do possível deve-se garantir que este conhecimento seja adquirido em um contexto prazeroso. Sobre este aspecto o prof. Túlio também alertou sobre a compreensão que o aprendizado nem sempre é legal, por vezes é difícil e cansativo, mas quando aprendidos os conhecimentos são apreciados e tornam-se prazerosos.

O prof. Hugo afirmou que o sonho dele seria ampliar a carga horária da Educação Física para três aulas semanais, para que houvessem duas aulas práticas e uma teórica. Sobre este aspecto discordei do professor, argumentando que a teoria pode estar na quadra, não precisando de uma aula com este caráter obrigatório e, exemplifiquei este raciocínio com uma experiência que tive de assistir a uma aula de um professor no Programa Segundo Tempo (projeto de esporte educacional do Ministério do Esporte), do qual sou avaliador, em que este professor deu uma aula de tchoukball, trazendo conhecimentos sobre sua origem, escrevendo o nome da modalidade em uma quadra de areia.

A profa. Mariana questionou se em outras reuniões que ela teve que sair mais cedo, foi discutida a questão de gênero, principalmente em relação à divisão das turmas que ocorre no colégio. Eu e o prof. Glauco dissemos que não, que havíamos apenas tocado superficialmente neste tema. **Novamente, me manifestei a favor da manutenção das mesmas turmas que eram adotadas para as aulas das demais disciplinas (5ªA, 5ªB, 5ªC etc.) para as aulas de Educação Física, ficando cada professor responsável por uma sala, facilitando a identificação do professor com esta turma e outros aspectos como a avaliação, por exemplo.**

O prof. Hugo considerou que esta mudança seria complicada, pois os alunos tenderiam a comparar os professores, explicitando a preferência de ter aulas com o professor que é por eles preferido para determinada modalidade. Eu mais uma vez mantive o posicionamento de adotar a formação das salas para as aulas de Educação Física, argumentando que os alunos mesmo comparando os professores, passariam aos poucos a perceber que seus professores tem possibilidade de ensinar qualquer conteúdo, sem precisar ser especialista ou um exímio demonstrador deste.

A profa. Cláudia colocou sua inquietação em relação à forma como a escola aceitaria conteúdos que julgue arriscados, como lutas, skate ou o rúgbi. Tanto eu como o prof. Glauco enfatizamos que seria necessário que houvesse uma argumentação bastante convincente por parte dos professores e que se tomassem todas as medidas de segurança necessárias para que se minimizassem ao mínimo os riscos de acidentes nestas aulas. Eu exemplifiquei estas medidas com a experiência do prof. Lauro Fragoso (meu colega de Letpef) que trabalha com esportes de aventura na escola, e costuma enviar cartas aos pais para esclarecer sobre as atividades e exigir que os alunos tragam equipamentos de segurança e os utilize nas aulas fazendo com que poucos alunos façam as atividades ao mesmo tempo, facilitando o acompanhamento por parte do professor.

O prof. Glauco acrescentou ainda que seria importante aproveitar as reuniões com os pais para informá-los deste tipo de precaução que seriam tomadas. Complementando o assunto, o prof. Osmar comentou que seria interessante que, ao ter o projeto curricular pronto, se identificasse todas as atividades que poderiam gerar algum tipo de preocupação por parte de coordenação e de pais, se destacasse as mesmas no projeto (negrito, outra cor...) e já se pensasse em todas as medidas de segurança que seriam tomadas para apresentá-las aos pais e coordenação.

Como o tempo da reunião estava esgotado, foi proposto que o texto fosse retomado na primeira reunião de agosto e que como exercício para as férias os professores esboçassem os eixos temáticos que a escola poderia adotar para seu projeto curricular, bem como fizessem um levantamento da quantidade de aulas de Educação Física que os alunos teriam em cada ciclo de ensino, para que em agosto comecemos a construir o projeto curricular do colégio.

Ficou definido que a primeira reunião de agosto será no dia 11, às 17h00, por conta de compromissos na Unicamp, falei para o grupo que provavelmente estarei presente em uma reunião por mês (isso se minha orientadora autorizar, pois ainda tenho que conversar com ela, pois me comprometi a ajudá-la em uma disciplina às quintas-feiras das 19h00 às 23h00 na Unicamp).

Encerramento da reunião: 18h15.